

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***ERNESTO SILVA***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Brasil um imenso hospital: Ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil

Entrevistado - Ernesto Silva (ES)

Entrevistadores - Simone Kropf (SK), Gilberto Hochman (GH)

Data: 26/04/2007 e 27/04/2007

Local – Brasília/DF

Duração – 4h12min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SILVA, Ernesto. *Ernesto Silva. Entrevista de história oral concedida ao projeto Brasil um imenso hospital: Ideias e políticas de saúde na invenção do Brasil*, 2007. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 94p.

Data: 26/04/2007

### **Fita 1 – Lado A**

SK - Vamos lá, hoje é dia 26 de abril de 2007, estamos aqui com a honra e o prazer de estarmos aqui na residência do Dr. Ernesto Silva, em Brasília, conversando com ele. Então, Dr. Ernesto, como eu tinha explicado, a gente começa a entrevista do começo mesmo: onde o senhor nasceu, da onde eram seus pais, como eram seus pais, o senhor carioca, do Rio, né? Então, conta um pouquinho para a gente como era sua família, seus pais eram do Rio também, o senhor nasceu quando?

ES - Minha família começando pelos meus avós, meu avô era português, veio para o Brasil, era um grande ourives, veio para cá e a profissão dele foi de ourives. E minha bisavó era descendente de holandeses, e minha avó também puxou um pouco do sangue, e era esse o casal, meu avô e minha avó.

SK - Paternos?

ES - Não, maternos. Meus avós paternos eu não conheci, porque os pais do meu pai morreram num desastre quando chegaram aqui, e ele tinha praticamente um ano de idade, e não conhecia ninguém. Então ele foi para a casa dos órfãos, ficou lá, sendo criado lá, e depois de moço ele trabalhou tal, e o provedor da Santa Casa começou a gostar muito dele, e foi protegendo um pouco ele, ali e aqui, no escritório dentro da Santa Casa de Misericórdia e depois então ele foi encarregado das obras de um hospital de crianças, Hospital São Zacarias, que foi construído no Morro do Castelo, e ele foi encarregado das obras. Depois disso, quando ficou pronto o hospital, o provedor nomeou ele como administrador do hospital. E ele ficou sendo administrador daquele hospital, parece que em 1922 acabaram com o Morro, ele foi então trabalhar nos escritórios da Santa Casa mesmo, na rua Santa Luzia. Ficou ali um certo tempo, depois ele foi para o Hospital Nossa Senhora das Dores em Cascadura, Hospital de Tuberculosos, ele ficou até morrer, muito tempo ficou lá. Depois de uma reforma que houve nos terrenos do hospital, fizeram uma casa para ele lá, nós moramos lá; moramos lá muito tempo, eu saí de lá para começar a trabalhar. Ele então era um homem muito severo, muito severo, ele não admitia nada que fosse questão de dinheiro. Eu me lembro que uma vez, meu irmão, coisa de criança e tal, antigamente esses armazéns botavam os sacos fora da porta e tal, e esse meu irmão foi lá e tirou umas castanhas e veio para casa. Ele fez meu irmão ir lá e botar de volta. Então ele tinha, assim, uma rigidez muito grande em matéria de administração, em matéria de correção de procedimento, etc, então fui criado assim. Ele tinha esse emprego e tinha também um emprego de telefonista, no posto de assistência médica no Méier, tinha um posto lá, ele trabalhava de seis a meia-noite. Ele trabalhava no hospital, saía as cinco horas, ia para o trabalho e voltava meia-noite, e foi assim até se aposentar.

SK - Trabalho duro.

ES - Trabalho duro, mas ele era assim mesmo, trabalho duro. Nós tínhamos uma vida normal, oito filhos, eu era o mais velho.

SK - Pois é, isso que eu ia perguntar, o senhor é o mais velho. O senhor é de que ano, Dr. Ernesto?

ES - De que ano? 1914.

SK - O senhor é mais velho, então nasceu em 14.

ES - Então vieram os outros. Hoje só tenho a mais nova que os outros morreram. Três eram fumantes, morreram com câncer de pulmão. Então nós fomos vivendo bem, vivendo bem, minha mãe fazia tudo, lavava roupa, cozinha e tal, roupa maior ela dava para lavar, mas a maioria assim ela lavava. E nós vivíamos muito bem assim. Muito bem. A família bem organizada e tal.

SK - Quer dizer, quando o senhor nasceu, o senhor morou lá...

ES - Quando nasci, morei na Rua Pereira Nunes em Vila Isabel.

SK - Mas seu pai ainda trabalhava no hospital no Morro do Castelo?

ES - Trabalhava lá.

SK - O senhor tem alguma lembrança do Morro do Castelo?

ES - Não tenho nada.

SK - É uma coisa que evoca a gente, a gente fica...

ES - Porque em 22 é que...

SK - Eles demoliram. É, o senhor era muito pequeno ainda.

ES - Muito pequeno.

SK - O senhor morava em Vila Isabel...

ES - Estávamos morando em Vila Isabel quando eu nasci, depois fomos para uma rua Universidade ali perto, depois moramos na Rua Senador Euzébio, onde tem a avenida Presidente Vargas, uma parte, e depois fomos para o Engenho de Dentro, fizeram um correr de casas assim novinhas, fomos para lá, ficamos lá muito tempo, até meu pai ir morar mesmo lá em Cascadura. Então foi essa parte toda. Meu currículo, eu fui para a escola pública de Engenho de Dentro, fiz todo meu primário em escola pública e fui fazer depois exame para o colégio Pedro II.

GH - Mas aonde...?

ES - Marechal Floriano, no Centro. Rua Marechal Floriano. Que era um exame muito difícil, mas eu com esse ensinamento da escola pública... Dizem que a escola pública ensinava, naquela época, ensinava melhor, os professores ensinavam melhor e os alunos aprendiam melhor.

GH - Uma pergunta, o senhor tinha alguma matéria e disciplina mais interesse?

ES - O que eu mais gostava era Português e Ciências Físicas e Naturais.

SK - Já na escola?

ES - É. Eu tinha mais atração por isso. E o Pedro II era muito duro. Nunca fui reprovado, nunca fui reprovado, fui andando, fui andando. No primeiro ano tinha muitas matérias que seguiam para os outros anos, e tinha uma que era só no primeiro ano, fazia provas mensais e fazia prova no fim do ano que se chamava Educação Moral e Cívica.

SK - Eu peguei isso ainda.

ES - Pegou?

SK - Peguei. Como era isso?

ES - Era Educação Moral e Cívica, cantava Hino Nacional, hasteava a Bandeira, essa coisa toda. Depois, no segundo ano começou o Latim, eram quatro anos, segundo, terceiro, quarto, quinto, e eu tinha um professor muito severo, chamado José Acyole, que o filho dele depois era professor de História, Roberto Acyole, eu nunca fui reprovado. Ele reprovava geralmente no primeiro exame, no fim do ano, depois vinha a segunda época, ele reprovava assim, uns 20 alunos. Agora, o método dele ensinar era muito bom. Porque toda aula dele, ele dava uns dez, quinze minutos, botava assim, quatro alunos de um lado dele, e quatro aqui. E o aluno, no quadro-negro, com o nome desses alunos: 99? E a gente, isso assim, rapidamente. E depois de tudo: Quanto o senhor merece? Mereço 20, ele botava 20. ... Zero... e fazia provas mensais. Então, acontece o seguinte, que ele no exame final, de fim de ano, se o aluno fracassasse, mas tivesse todo o ano boas notas, ele aprovava, que eu achava muito racional.

SK - É verdade.

ES - Não é por causa de uma prova que ele ia...

SK - Claro, ele avaliava o ano inteiro.

ES - E tinha o Antenor Nascente, foi meu professor e meu amigo. Antenor Nascente, José Oiticica, foram grandes. E no meu exame final de Português, a prova escrita e prova oral no quarto ano, eu tirei dez em tudo. Resultado é que logo que depois que eu acabei o curso em cinco anos, porque eram cinco anos, eu fui ser assessor ou suplente do Antenor Nascente, eu dava aula para metade da turma e ele a outra metade. Era normal, nas línguas: inglês, francês, português, havia dois tipos, transformava uma classe grande em duas pequenas para ensinar melhor. Então fiquei ali dois anos, acabei meu quinto ano, e fiz o sexto ano que era, como chama? Está aí.

SK - O senhor quer que eu veja? Estou vendo aqui, o senhor fez o Pedro II entre 28 e 32, e depois foi, aqui, Bacharel em Ciências e Letras – Colégio Pedro II, em 33, isso.

ES - Um ano. Eu via quatro matérias. E daí vou embora. Estava estudando para fazer exame na Escola de Medicina.

SK - Deixa eu perguntar uma coisinha antes disso. O senhor cursou o Pedro II entre 28, 32, 33, no período da chamada Revolução de 30. O senhor tem lembrança, como foi?

GH - Teve impacto, por exemplo, no colégio?

ES - Eu era muito saliente, minha mãe dizia que eu era muito saliente. Então eu me metia em tudo, ouvia negócio de política, tal, de vez em quando a gente fazia uma reunião lá no Pedro II para reivindicar isso ou aquilo, essa coisa de estudante. Então, eu acompanhei mais ou menos.

SK - O que o senhor achou na época, o que achou daquela coisa do Getúlio?

ES - Eu achava o Washington Luiz um bom presidente, era um bom presidente.

SK - Então o senhor não viu com muito bons olhos...

ES - Mas, a questão política a gente não pode interpretar dentro da lógica, não é? Às vezes, é uma coisa que precisa. Por exemplo, a questão dos governos militares aqui. Teve a parte positiva que foi a administração, não havia corrupção, não havia nada e houve os excessos do governo, que denegriram muito porque passaram a falar só dos excessos.

SK - Mas nessa época o ambiente geral, por exemplo, dos seus colegas no Pedro II, em geral, eles viram assim com receio, com resistência ao Getúlio?

ES - Nós não nos metíamos muito em política, a política partidária.

SK - Entendi, era mais a política dos estudantes.

ES - A política nossa, defendemos os nossos direitos e tal, também não era muito não. Agora que sujeito quer tudo e não dá nada para o país. Aquela história do Kennedy: não pergunte ao país o que ele pode fazer por você, o que você pode fazer pelo país.

SK - Os seus colegas, pensando na origem social deles, eles eram de famílias também com menos recursos?

ES - Tudo classe média. E de boas também, filho de gente rica lá. A família Catanhede é uma família de grande prestígio, [Plínio] dele, foi prefeito daqui, meu colega de turma Omar Catanhede também que era irmão do Plínio Castanhede, eram pessoas de alto valor. E saiu muita gente de alto valor [?].

SK - Claro, até hoje.

ES - Porque era difícil.

SK - É uma boa escola até os dias de hoje.

ES - E na minha época, os melhores colégios do Rio de Janeiro, muito superior aos outros, mas muito superior, era o Pedro II, Instituto de Educação e Colégio Militar. E também havia os colégios religiosos que havia muita disciplina. Mas esses três colégios eram fora de série, severos e tal.

GH - O senhor estava falando que começou a estudar para a Escola de Medicina. Como se deu essa opção, no momento, por estudar medicina?

ES - Eu estava estudando para fazer exame. E meu pai disse que não tinha dinheiro para me sustentar.

SK - Mas o senhor quis fazer Medicina por que, tinha a ver com seu pai?

ES - Não, porque eu vivia [xoxo] hospital.

SK - Então tinha um pouco a ver com esse ambiente...

ES - Eu vivia em hospital lá. Meu pai falava, eu ia ver o hospital também às vezes, nós moramos no hospital.

SK - É, então o senhor já tinha familiaridade.

ES - Então eu quis estudar medicina e ele falou isso. E eu fiquei assim muito chocado, estava estudando já bastante...

SK - Ele falou que o senhor não teria condições?

ES - Pois é. Podia eu até fazer um emprego, para depois estudar, etc. Nesse meio tempo, chega na minha casa três colegas meus do Colégio Pedro II, sem saber que eu não ia fazer exame para Medicina. Era amigo meu, tal, o mais chegado, dizendo que iam fazer os três, concurso para médico veterinário do exército. Então achei que aquilo podia ser uma coisa boa para mim, eu não pagava nada. E como eu estava estudando Medicina, o exame devia ser em torno de coisas de Medicina, coisas gerais, eu fui fazer o exame. Tinham 50 vagas, eu tirei segundo lugar. Eu fiquei lá quatro anos.

SK - Onde era?

ES - Ali entre Mangueiros e São Cristóvão, tinha o Deb Club, era ali, mais naquela avenida que tinha ali, como era o nome dela? No Morro da Mangueira, era na Mangueira. Era ali. A gente saltava na estação de São Cristóvão e ia a pé até lá. E quando era mais cedo, que a gente ia mais cedo o trem parava lá. E fiz o curso todo ali.

SK - Quer dizer, na verdade, ali o senhor viu uma possibilidade de se preparar um pouco melhor?

ES - Fui obrigado, fui obrigado a ficar no exército.

SK - Mas na verdade, durante o curso...

ES - Era a solução.

SK - Fazer Medicina era muito caro, não era?

ES - Era, muito caro.

SK - Era muito caro, porque tinham os livros...

ES - Eu me formei em 36, 1936 no exército, aspirante a oficial e fui para o São Luiz Gonzaga das Missões no Rio Grande do Sul, fui lotado lá em São Luiz Gonzaga das Missões que era uma cidade muito atrasada e tinha lá o Terceiro Regimento Independente. Fui para lá, veterinário, tal. A viagem foi muito engraçada porque eu fui de navio do Rio de Janeiro; aí me casei, antes de embarcar, me casei aqui, antes de embarcar me casei. Tomamos o navio em Itaimbé, saltamos em Porto Alegre, tomamos um trem até Santa Maria, depois tomamos um ônibus até São Luiz Gonzaga e só Luiz Gonzaga que eu fiquei uma noite lá. O jeito foi ir na boleia de um caminhão, ali do lado, e fui para lá. Estava assim bem atrasado. Me apresentei, fiquei lá até dezembro. Passei a Revolução de 37, eu estava no III Regimento...

SK - E como foi?

ES - Foi, todo mundo entrou de prontidão, tinha que dormir no quartel, dois, três dias, por causa daquela coisa toda; então havia, não é espionagem, as cartas e telegramas todos tinham que ser revistos, pelo exército, e eu fui encarregado de fazer essa revista: ler as cartas, como passavam e tal. Fiquei assim um mês, fui promovido a segundo tenente. Daí, daí, eu vim para o Rio de Janeiro. Vim para o Grupo Escola em Teodoro. Esse Grupo Escola era chefiada...

SK - Em 37 o senhor veio?

ES - Em 37. [Veja ali].

SK - Depois a gente acha aqui.

ES - Eu conto lá na minha...

SK - É, depois a gente acha, não tem problema. O senhor veio para o Grupo Escola Deodoro

ES - Deodoro, ali era muito... Militar era sempre muito disciplinado, muito horário tal; nós entrávamos 6:30 da manhã. Eu morava numa estação chamada Sampaio, tinha Mangueira, Rocha, Riachuelo, Sampaio, era uma das estações da via férrea ali, eu morava lá, acordava as 4:30 da manhã, me preparava e chegava em Deodoro, ia a pé até o quartel, levava 15 minutos a pé. E fiquei ali, fui ficando ali. No fim do ano...

SK - O senhor fazia alguma coisa relacionada a veterinária?  
Ernesto Tratava os cavalos...

SK - Mas o que o senhor fazia, exatamente? Tratava dos cavalos?



ES - ... doente, tal, tinha muita doença do pé, essa coisa toda. Tinha a questão de ferradura, como é, botar as ferraduras, fazia aquilo, tratava da saúde dos cavalos. E fiquei ali um ano. Quando chegou o fim do ano, aconteceu o seguinte: um veterinário, um capitão veterinário que trabalhava na Escola do Estado Maior que era na rua Barão de Bom Recife, não sei se você conheceu, era só o Estado Maior, ele disse que queria um veterinário para auxiliar ele, falou para o comandante dele. Não sei por quê... Minha mãe também tinha conhecimento com oficial lá, não sei que. Eu nem sabia disto, eu estava lá longe, então fui transferido para essa Escola Veterinária. O expediente lá era só de manhã.

SK - Melhorou, então?

ES - Melhorou. Enquanto foi assim, em 41 me matriculei na Escola de Medicina de Cirurgia do Rio de Janeiro na rua Bompovo Filho. Ali era bom porque as aulas eram de tarde e um pouco de noite. Era uma escola particular, eu pagava com meu dinheiro, aí era com meu dinheiro. E comecei a estudar. Aí veio a guerra, 39, 40. E eu fui transferido para Recife.

SK - Então o senhor fez o curso de Medicina entre 41 e 46. Mas esse período da... Quando vem a guerra o senhor não tinha entrado?

GH - Não tinha terminado. Brasil entra na guerra em 42.

SK - Mas quando eclodiu a guerra, em geral. Antes do Brasil entrar na guerra, em 39, como foi essa vivência do começo da guerra? O senhor estava militar...

ES - Escola do Estado Maior. Então eu fui destacado para um batalhão de caçadores que saiu de Petrópolis para Recife, eu fui para lá, fui para Recife. Quando foi quatro meses [parado] em Recife, esse batalhão voltou para Petrópolis. Eu voltei, mas não fui para o batalhão, eu fui para um serviço de intendência ali em São Cristóvão. Onde havia, quando eu conto aí nesse [?], onde havia 20 boares, o trabalho deles era num lugar, buscar forragem para eles comerem lá, não tinha função nenhuma: puxava uma carroça. Levei uma boa vida ali, porque eu estava estudando para Medicina, o capitão que era chefe, diretor, ali chamava diretor, ele era muito folgado, deixava eu sair na hora da aula, precisa vir, e eu fui tocando. Aquela história, eu tinha uma meta que era Medicina. Eu sempre cito para os jovens uma frase do Sêneca: Não há vento favorável para um barco sem rumo. Se você não tem rumo, você não faz nada. E fui estudando. Isso foi em 1940... por aí. Depois disso, eu saí para o Regimento Sampaio e na vila militar que era um Regimento de cavalaria que ia para a guerra. Eles estavam se preparando para ir para guerra. Tive um comandante muito bom, coronel Assunção, que foi até depois governador do Pará. Ele deixava eu sair as quatro horas, três e meia, quando eu tinha aula. Porque havia outro, eu era segundo tenente o outro primeiro, e fiquei ali. Depois o Regimento foi para a guerra, isso já era 43, eu fui então lotado na Escola de Guerras, também era na Vila Militar, que era comandada Gustavo Cordeiro de Faria, uma família muito conhecida. Oswaldo Cordeiro de Faria, eles eram homens cultos também. Fiquei ali e aconteceu o seguinte, eu ensinava Português a um capitão que era padrinho do meu filho, capitão Antônio Pereira Lima, e ele era ajudante de ordem do General José Pessoa. General José Pessoa era comandante da Inspetoria de cavalaria. O que ele fazia? Uma vez por ano ele visitava os Regimentos de Cavalaria, todos, do Brasil, tinha no Rio de Janeiro, Belo

Horizonte, tinha em São Paulo, Recife, tinha muito para o sul, por causa da Argentina. No Rio Grande do Sul quase toda cidade tinha, era uns dez ou onze por regimento, tinha também em Curitiba. Então, esse general, cujo ajudante de ordem era Antônio Pereira Lima, meu aluno e também padrinho do meu filho, falou com o ajudante de ordem dele, se ele conhecia um veterinário que soubesse português, pela função dele, ele sempre viajava com um veterinário, para ver se o serviço de veterinário estava em ordem, então ele sempre viajava com um veterinário porque era do quadro, mesmo, ele viajava com um especializado em comunicações e o chefe do Estado Maior dele, e nós íamos nós quatro. Então, ele perguntou isso ao Antônio Pereira Lima. E ele me conhecia, então o general me convidou para trabalhar com ele. Isso foi em fim de 43.

SK - O senhor estava ainda na Escola de Medicina?

ES - Estou na Escola. Então ele me convidou para ir lá, em dezembro, eu aceitei, então fui trabalhar com ele no quartel general, cujo expediente começava as 12:30. Então eu já ia um pouco para o hospital de manhã, depois das seis horas ia fazer curso na Escola de Medicina, a gente faltava uma aula que era mais cedo.

SK - Isso que eu ia perguntar, o senhor está falando, eu estou pensando: como o senhor conciliava essas coisas, a vida militar com a escola de medicina?

ES - Malabarismo e sorte.

SK - Qual era o horário da Escola?

ES - Alguns era cinco horas, sete horas, oito horas, era para o pessoal mesmo que trabalhava fora.

SK - Quer dizer, essa escola de medicina era uma escola privada?

ES - Privada.

SK - Era caro?

ES - Não, não era caro. Eu podia dar.

SK - Com a vida militar o senhor teve alguma facilidade financeira?

ES - E minha mulher era professora, então eu tinha...

SK - Mas com seus rendimentos como militar, o senhor tinha uma vida confortável para poder fazer as coisas, como era? Era bom o salário, o soldo?

ES - Era razoável, era bom, era razoável. Então, eu ia tocando, malabarismo. Fiquei lá com o general. Às vezes ficava quase um mês fora, faltava as aulas, a gente ia estudar. Eu sei que eu nunca fui reprovado. Podia passar com um grau baixo, mas nunca foi reprovado. Viajava, a viagem pior era o Rio Grande do Sul. Nós íamos de avião até Porto Alegre, depois de avião até Santa Maria, depois tomava trem, a gente fazia o seguinte: Tomava um trem, ia para uma cidade, chegava de manhã, fazia a inspeção em todo

quartel, escrituração, isso e aquilo, eu na parte veterinária, depois eu fazia o relatório. Eu que fazia o relatório. Mesmo os artigos dele, os relatórios dele, os discursos, eu sempre dava uma buriladazinha. Então, no Rio Grande do Sul era assim, chegávamos de manhã, numa cidade, fazíamos a inspeção e voltava para o trem. De noite a gente andava para outra cidade. Era assim tudo. E ficamos assim, nesse trabalho, direitinho, quando em 1945 acabou a guerra. Acabou a guerra e o Getúlio foi deposto. E o general Pessoa, foi um dos três oficiais, generais, que foram ao Getúlio para impor a ele dar as normas para ele sair do governo. [?] entregar o governo ao presidente do Supremo Tribunal Federal que era o José Linhares. Bom, José Linhares reconhecendo o serviço do marechal, atitude dele muito serena, mas forte para depor o Getúlio Vargas...

### **Fita 1 - Lado B**

SK - Estava dizendo, ele sabia que o marechal era casado com uma senhora inglesa.

ES - Ele sabia, e sabia também que a senhora dele gostaria de uma vez ir para a Inglaterra e tal, ele nomeou o general adido militar na Inglaterra. Então, nessa época eu já era ajudante de ordem dele, porque o ajudante de ordem saiu, e ele me convidou para ajudante de ordem. Uma coisa inédita, porque sempre o oficial, o general arranjava o ajudante de ordem da arma dele: cavalaria, infantaria, [engenharia], ao menos que fosse um oficial de armas e eu era um oficial de serviço; um médico, um veterinário, um intendente era oficial de serviço. Ele então, o ministro da guerra disse: mas o senhor quer isso mesmo? Ele disse: quero, não há nada contra, e eu fui ajudante de ordem dele. Bom, nomeado adido militar em Londres, ele convidou o chefe de gabinete dele para ir com ele e me convidou também.

SK - Para ir para a Inglaterra?

ES - Então nós embarcamos...

SK - E a escola, o senhor já tinha se formado então?

ES - Aí tranquei minha matrícula.

SK - Porque o senhor estava quase se formando, não é isso?

ES - Estava, isso foi fim de 45, eu me formei em 46; tranquei a matrícula em princípio de 46, em janeiro, e fui embora.

GH - A família toda?

SK - O senhor levou sua esposa, naturalmente, o senhor tinha filho já nessa época?

ES - Tinha um filho que nasceu em 43. Quando eu fui convidado para... fui em dezembro de 43, nascia também meu filho, dezembro de 43. Então ele estava pequenininho, dois anos.

SK - Só uma coisinha, antes da gente ir para esse período na Inglaterra. Como foi, o senhor tinha uma vida muito atarefada entre o trabalho militar e a escola médica, mas o senhor se lembra da cidade do Rio nessa vivência do final da guerra, o senhor tem lembrança de alguma coisa pública?

ES - Eu era um adolescente, moço, que vivia como qualquer moço, sem excessos, nunca pratiquei excesso, de beber muito, bebedeira, eu era assim, bebia, ia fazer piqueniques que era muito normal naquela época: vamos a Paquetá. Eu me lembro de uma vez que saímos de um bar às cinco e meia da manhã e tal e já fomos para Paquetá, àquela coisa de moço. Não tinha coisas especiais. No carnaval eu bancava o bobo, porque eu queria que os blocos fossem organizadinhos e não podiam ser...

SK - O senhor queria botar uma ordem nos blocos, é isso?

ES - Não dava certo.

SK - Houve alguma comemoração? Porque a gente, que não viveu esse momento, a gente tem uma imagem do final da guerra, por fotografias e tudo, da coisa da comemoração pública nas ruas, um certo sentimento. O senhor participou disso no final, de alguma manifestação na rua, algum conagraçamento, alguma coisa assim?

ES - Havia [foguetes], uma porção de coisas, etc, e aquelas coisas mais fortes que era apedrejar coisas dos Estados Unidos, [?] mas sempre, agora, parece que agora não há tanto. Eu acho que não há tanto, porque [o opressor], de um modo geral, não sabe brigar, “ah, eu vou brigar, vou ficar mal com as [autoridades]”, comigo não tem disso, se eu tenho que defender a cidade eu não tenho compromisso com ninguém. Eu falo tudo direitinho, tal. Depois nós vamos chegar nesse ponto. Então nós fomos para lá com o seguinte trajeto, com um avião DC3, tomamos um avião DC3, que fazia uma escala em Anápolis, Carolina e Belém. Dormia-se em Belém, porque não viajava de noite. No dia seguinte fomos para Turrilho, depois fomos para Miami, de Miami tomamos um trem até New York. Em New York tomamos o Queen Mary que estava todo mudado dentro porque era transporte de soldado, tudo modificado, não tinha nada e fomos até [Sans Hampton] (c-52) na Inglaterra; de Sans Hampton tomamos um trem e fomos para Londres. Londres estava pós-guerra, foi difícil, e eu achei que aquela coisa do inglês dizer que foi arrasado lá, não foi tanto. Era só nas áreas industriais. Podia sobrar alguma coisa, que sempre sobra, para a parte residencial. Diziam que os alemães eram muito corretos nisso, bombardeavam redes ferroviárias, fábricas de armas, etc, não sei, não sei, isso estou me dizendo o que me falavam. E ficamos lá, havia racionamento. A gente tinha direito, por exemplo, por semana a 150 gramas de manteiga, só havia liberdade para peixe e batata, que havia bastante. E para o filho meu de dois anos, ele tinha certa regalia de mais leite, coisa e tal. E vivemos lá assim, fomos vivendo e tal. Fiquei lá seis meses. Quando tinha seis meses de Londres, o presidente da república, o Dutra, ele cancelou os ajudantes de ordem dos adidos militares no estrangeiro, cancelou. Resultado, eu tive que voltar em julho, pelo mesmo percurso, de volta, mesma coisa. Voltei e fiquei [of], porque quem me protegia era o general [?]. Mas aí eu tinha direito a licença prêmio, tinha dez anos de serviço. Pedi licença prêmio, rematriculei-me e tinha duas matérias que já tinha sido... oftalmologia e a outra não me lembro, eram seis meses só e foram dadas no primeiro semestre. Eu então fui estudar essas matérias para fazer uma prova, passei e continuei o segundo semestre. Mas o segundo semestre, como foi, estava órfão, não tinha nada para

me proteger, então eu tirei licença prêmio, seis meses, até o fim do ano. Acabou então 46. Depois da licença prêmio eu me apresentei e o chefe de veterinária quis que eu ficasse no gabinete para ser auxiliar, tal; tinha outras pessoas no gabinete. Aí eu fiquei, começava 12:30, aí eu já ia para o hospital de manhã, mesma rotina.

GH - Qual hospital?

SK - Hospital São Zacharias que era o mesmo nome do hospital... Hospital São Zacharias ali em Botafogo, em frente aquele shopping.

SK - Quer dizer, o mesmo nome do hospital que seu pai tinha trabalhado, coincidência.

ES - Então fui para lá, me formei, fui para lá.

GH - Aquele que é em frente ao Rio Sul, na subida de Copacabana?

SK - Pertinho da onde a gente mora, a gente mora muito perto dali.

ES - E ali eu fiquei. A primeira coisa que eu fui fazer no hospital, médico recentíssimo formado, eles me botaram no serviço da ortopedia.

GH - Era um hospital público?

ES - Era hospital de Santa Casa de Misericórdia, também. E tinha ortopedia, clínica pediátrica e clínica cirúrgica, que havia. E me botaram lá. Eu comecei a dar anestesia porque antigamente botava uma coisa com éter e fiquei ali. E achei que aquilo não era medicina. O sujeito tinha uma coisa assim, eles quebravam tudo e botavam no lugar. Esse serviço é mais artesanato, né? Não tem ciência nisso. E como a ortopedia estava aqui, e no outro aqui tinha clínica médica, pediatria, eu passei para cá e fui ser pediatra.

SK - Mas durante o curso médico o senhor sentia algum pendor para alguma especialidade?

ES - Não tinha. A única coisa que eu fiz durante o curso médico foi no Hospital Souza Aguiar, pronto socorro, quinto ano a gente saía junto com os médicos para ver na residência ou na rua. E depois eu fiz o concurso também, depois de médico, para ser residente do pronto socorro Souza Aguiar, eu fazia plantão. Fazia plantão na rua depois podia ser de dentro de casa também. Ia para aquelas favelas todas, a gente ia lá, ou ia também numa casa de luxo, às vezes, chamavam, a gente ia; um infarto, alguma coisa qualquer. Quando era uma hipertensão, a gente fazia mesmo a tirada de sangue naquela época, para favorecer, tirava um pouco de sangue, etc, fazia em casa. Quando tinha que ir embora, internava às vezes, nós botávamos na ambulância e ia para internar.

SK - Na época que o senhor estava fazendo o curso médico, o senhor pensava no seu futuro? O senhor sempre quis ser médico.

ES - Não, não pensava.

SK - O senhor tinha vontade, eu quero ser isso, eu quero atender, quero fazer clínica médica?

ES - Não, não. O pessoal brincava comigo, dizia que eu escolhi pediatria porque a criança não fala. E como os animais não falavam, dava uma coisa assim semelhante.

SK - Mais ou menos no mesmo caminho.

ES - Eu fiquei lá, gostei, gostei mesmo, gostei mesmo da pediatria. Depois comecei a sentir que a gente estava fazendo uma coisa tão boa para o futuro, criando uma nova mentalidade nas crianças e tal. Porque o pediatra tem muita influência na família. Então eu fiquei ali. E estava no exército. Bom, aconteceu depois o que? O general voltou. Voltou e foi ser comandante de terceiro exército que era Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a mesma coisa para ir ficar. Quer dizer, não era só [?] estrada e não sei que, era outra coisa. Eu viajava então com ele. Ele me chamou para ser ajudante de ordem dele, de novo. Então de manhã ia para o hospital, tinha um consultóriozinho.

SK - Isso que ano, o senhor se lembra? O senhor se formou em 46...

ES - Foi 52.

SK - 52 que o senhor voltou a trabalhar com...

ES - General Pessoa, como ajudante de ordem dele.

SK - O senhor tinha, Dr. Ernesto, alguma ligação partidária, política, nessa época?

ES - Eu tinha. Não tinha para ser candidato. Nessa época eu era 3º secretário do Partido Social Progressista, PSP, do Ademar de Barros.

SK - A partir de quando, o senhor lembra?

ES - 52. Secretário era uma coisinha à toa, não fazia nada. O presidente era o Ademar de Barros, e o vice-presidente era o Café Filho. Isso é bom frisar porque Café Filho tem influência.

SK - Tem uma parte aqui, olha, o senhor diz: desde 49 o senhor estava no diretório nacional do PSP, então foi antes de 52, foi 49. Por que o senhor foi parar no PSP?

ES - Não sei.

SK - O senhor lembra da motivação?

ES - Eu gostava do Ademar de Barros, ele fazia muita coisa, era um homem muito dinâmico. Gostava assim, eu via que era dinâmico e tal. E não sei quem até me levou para lá, aconteceu.

SK - Havia colegas seus do exército?

ES - Lá no PSP, não. Mas tinha colega que [se mete] em política, mas eu não, eu não queria. Desde aquela época... não é dizer que eu não quisesse ser candidato, mas eu não pensava nisso, só não pensava.

SK - Mas o senhor gostava de política?

ES - Hoje eu tenho pavor. Você vai para dentro da Câmara dos Deputados, câmara distrital, pior, você se prostitui.

SK - Como era o Ademar, o que o senhor achava dele? Ele era uma figura carismática?

ES - Mais ou menos.

GH - Médico, também.

ES - Muito trabalhador, rico, riquíssimo, ele e a mulher. A família da mulher era riquíssima. Diziam que ele roubava. Mas eu achava sempre, que o indivíduo rico não ia roubar na presidência da república. O Ermírio de Moraes, o Ermírio de Moraes podia ser presidente da república. Foi ser candidato a São Paulo, disseram que ele não tratava bem os trabalhadores, quando ele trata, tem uma universidade para seus empregados, então fiquei lá.

SK - Mas o general achou o que dessa sua aproximação da política partidária, como ele viu isso? Porque o senhor tinha uma relação muito próxima com ele, não é?

ES - Mas era reunião assim de mês em mês. E eu terceiro secretário, eu estava ali para ver como era. Então fiquei com o general até... depois ele foi para a reserva. Eu acho que foi em 49 ele foi para a reserva. E foi uma coisa muito bonita porque foi ele que criou a Academia Militar de Agulhas Negras, era em Resende, ele conseguiu ir para lá, para ficar afastado de cidades grandes, para se fixar mais nos estudos, fez aquele uniforme bonito, botou a espada de Caxias. Ele era um homem fantástico como administrador, fantástico mesmo. E ele foi para a reserva. Então, eu fiquei novamente órfão. Isso foi em 52.

SK - Já no governo Getúlio?

ES - Foi em 49, depois reserva. Eu fui para o Gabinete do chefe do serviço de veterinária. Depois disso, me transferiram para Salvador. Eu fiquei ali, tinha 30 dias para ir, fiquei andando para aqui, para ali, esse meu chefe do serviço veterinário me chamou, disse assim, eu era capitão: escuta aqui, nós temos no Instituto de Manguinhos um curso de... como era aperfeiçoamento, como chamava?

SK - Curso de especialização, curso de aplicação...

ES - ... virologia, etc.

SK - Isso mesmo, está aqui, era o curso de bacteriologia, parasitologia, virologia e imunologia no Instituto Oswaldo Cruz.

ES - 52, 54. Ele disse, lá são 50 alunos, e tem um lugar para um veterinário do exército, você quer ir? Quero. Aí fui. Nessa época já tinha um washzinho, começava as duas, acabava as cinco. Eu ia de manhã no São Zacharias, almoçava, ia para lá, cinco horas saía, três vezes por semana ia para o consultório.

GH - O seu consultório era aonde?

ES - Botafogo.

SK - O senhor já tinha ouvido falar no Instituto de Manguinhos? O senhor conhecia, já tinha ido lá?

ES - Era bem falado.

SK - Mas eu digo assim, o senhor tinha alguma... freqüentava a biblioteca, alguma coisa?

ES - Não, não. Eu peguei aqui, peguei aqui. É o negócio, o negócio é ter rumo. Aí o destino ajuda, aí o destino ajuda. Eu digo sempre, você tem rumo na vida, o destino ajuda você com o mesmo... Aí fui para lá, fiquei dois anos lá, e tinha o seguinte, todo mês havia prova, quem tirasse menos de 60 era eliminado. Eu fiquei até o fim. Porque era médico já também, conhecia bem essas histórias. Saí dali...

GH - Qual professores que o senhor se lembra?

ES - De alta...

GH - Nomes, o senhor se lembra?

ES - Vai ser difícil, vai ser difícil. Não sei, não sei.

SK - O que o senhor estudava lá?

ES - Essas matérias.

SK - Mas o senhor se lembra de alguma coisa que chamou mais a sua atenção?

ES - Tinha coisas engraçadas. Um professor foi fazer uma prova com a cobaia, eu estava na aula, ele perguntou ao empregado, ao bedel: as cobaias vieram? Ele disse: não. “Não vieram?” “Não, fui eu que trouxe.” Eu lembro até hoje. Como tinha tanta gente boa lá, meu deus do céu. E é uma coisa que eu esqueci... Foi uma grande falha.

SK - O senhor ficou dois anos lá, ao mesmo tempo estava no hospital São Zacharias e seu consultório?

ES - Era.

GH - Uma pergunta, esse início do 52, como pediatra, quais eram as doenças que apareciam mais, ou no seu consultório ou no seu hospital? Era um momento que tem muita poliomielite e algumas epidemias.



ES - Eu via muito assim, um grupo de pessoas que viesse para mim, era muito [cru...] consultório.

GH - E no hospital?

ES - No hospital era muito bom porque a gente aprendia muito. Inclusive a questão de tuberculose, havia tuberculose, a gente tratava tal, eles iam para o mesmo meio, daqui a pouco voltavam tuberculoso. Eu, por exemplo, não acredito na BCG, não acredito. Porque a pessoa toma BCG, mas tem tuberculose. Se você tem uma doença, em que você tem a doença e fica imunizado, sarampo, coqueluche, só tem uma vez. Paralisia infantil, às vezes você tem uma paralisia, que dá uma rigidez no pescoço, umas coisas e depois passa, a pessoa não tem paralisia, ela fica imunizada. Então, a tuberculose você pode ter várias vezes, então não imuniza, não há vacina. “ah, melhora, resiste mais...”, eu não sei, eu nunca receitei BCG para criança, nunca.

SK - E pólio tinha? Paralisia infantil?

ES - Paralisia infantil não havia nada, foi muito tempo depois...

SK - Aparecia muita criança no hospital, no seu consultório?

ES - Havia um hospital em Andaraí que era especializado, na época de inverno que aparecia mais casos de paralisia infantil, tinha gente no chão, uma porção de gente no chão que não dava cabo, [?], também, mas a maioria ia para aí.

SK - Para o hospital Andaraí?

ES - Era especializado nisso. E morria muita gente. Depois veio a vacina [salto], que nós aplicamos muito aqui, durante a construção de Brasília. Não tivemos nenhum caso de paralisia infantil.

SK - Mais aí, esse período, 52, 54, aí já era governo Getúlio, como era isso?

ES - É o Getúlio.

GH - Governo agitado.

SK - Foi uma época agitada...

ES - É, mais Carlos Lacerda, aquele negócio que matou aquele homem lá, não sei que, aquele Fortunato, Fortunato?

GH - Gregório Fortunato.

ES - E aquilo tudo. Depois houve a revolução... não, aí ele suicidou-se.

GH - Um pouquinho antes. Se não me engano, o Ademar, nesse momento, era o governador de São Paulo, apoiou o Getúlio.

ES - Não fui a muitos, mas eu fui a alguns comícios com o Ademar, eu ia junto com o grupo.

SK - O senhor tinha contato pessoal com ele?

ES - Tinha, tinha porque...

SK - É claro, o senhor era do diretório, claro.

GH - Mas as relações do Ademar com o Getúlio eram boas?

ES - Não eram fortes. É como eu falo, [você era amigo do Juscelino, tal? Não, eu era uma pessoa] que era diretor da Novacap, tinha respeito a ele, mas não era da intimidade dele.

SK - Sei. Aquela situação que antecedeu ao suicídio, o senhor acompanhou isso? O senhor chega a mencionar no seu livro que o senhor tinha uma proximidade com o Café Filho, então por conta disso o senhor até acompanhou...

ES - Eu vi coisas muito íntimas de quando ele foi deposto, porque o general Pessoa foi um dos três que foram dar... e quem bateu as exigências, fui eu que bati na máquina.

SK - Que responsabilidade.

ES - Eram três as exigências, ... e não se candidatar a eleição e tal, essa coisa. Porque não podia botar sargento que era o datilógrafo, não podia, então era uma coisa secreta, fui eu que bati. E o general Pessoa... essa coisa toda. Mas essa coisa do suicídio era aquela coisa, a oposição sempre malhando muito, criticando muito, o Carlos Lacerda à frente, aquela coisa toda, depois daquela morte daquele oficial, como era o nome dele? Major Vaz, aquilo então... E o Juscelino suicidou-se.

SK - Juscelino, não, Getúlio.

ES - Getúlio, Deus me livre. Suicidou-se e o Café Filho assumiu a presidência. Eu era íntimo do Café Filho, chamava de você, não na frente dos outros.

SK - Como o senhor teve conhecimento com ele?

ES - Porque eu trabalhava com o Café Filho. Café Filho era vice-presidente... E nós tínhamos... um dia o Café Filho disse para mim assim: Ernesto, eu queria ter contato com o general Pessoa porque ele é um paraibano, é um nordestino como eu, é um grande administrador, eu queria ter uma conversa com ele. E eu levei o general a casa dele. E eles ficaram muito amigos, muito amigos. Se encontravam de vez em quando, etc. E quando Getúlio suicidou-se de madrugada, de manhã, eu passei a noite desse dia na casa do Café Filho, no apartamento do Café Filho na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. O pessoal todo mundo lá dentro, aquela coisa toda.

SK - Quem mais estava lá?

ES - Político, isso, você sabe como é essa coisa. Um já pensando que vai ser ministro do Café Filho...

SK - Já ali imaginando como iam acontecer as coisas.

ES - Só no interesse, político pensa na próxima eleição, e o estadista na próxima geração.

SK - Agora eu vou fazer uma pergunta provocadora para o senhor. O senhor me permite. O senhor falou: ah, nunca quis ser candidato. O senhor não pensou nessa época em ser candidato de alguma coisa? Nem com essa proximidade do Café Filho?

ES - Não, não. Não porque eu ia me prostituir, porque eu ali não era tanto. Tanto que o sujeito foi de cueca lá para dentro, Barreto Pinto, e cassaram ele, na hora. Mas havia nomes bons, muito bons e havia os pilantras, né? Mas, eu fiquei a noite toda lá. Café Filho tomou posse. Eu cheguei lá e disse: Café, você precisa dar um cargo ao general Pessoa, ele é um grande administrador, você precisa dar um cargo a ele. Ele convidou o General Pessoa para prefeito do Rio de Janeiro. O general não quis porque ia ter um ano só de mandato, depois ia ter eleição, então, “não faço nada em um ano” aí ele negou, “não, tem que dar alguma coisa a ele.” Ele era marechal na reserva, aí convidou para presidente na Comissão de Localização da nova capital. Convidou e o marechal Pessoa aceitou dizendo que não queria ganhar nada, se não tivesse que ganhar nada, ele já ganhava do exército, não queria ganhar nada. Ele era de uma seriedade, ele sabia até punir, não é punir, por exemplo, ele se julgava... (*não acha as palavras*)

SK - Ele era exigente até com ele próprio.

ES - Com ele mesmo. Ele esse vestia corretamente, uma pose danada. Então ele aceitou o cargo.

SK - Essa comissão foi criada pelo Getúlio, em 53, o senhor conta.

ES - E o presidente era o Agnaldo Caiado de Castro que era o chefe da Casa Militar que começou os trabalhos.

SK - Pois é, conta um pouco isso, que aí a gente já começa a entrar no tema que a gente está querendo explorar com mais detalhe, enfim. A idéia de transferir a capital é uma idéia antiga, todos sabemos. Como foi o envolvimento do Getúlio com essa idéia, como ele começou a tomar interesse por isso e criou a Comissão de Localização?

ES - Porque a coisa vem de longe, vem do [Cruz], estava parado, mas com o governo Dutra, que todos os militares queriam a interiorização da capital, por uma questão de segurança nacional...

SK - Durante o governo Dutra?

ES - Era um dos motivos para a interiorização.

SK - No contexto da guerra, é isso?

ES - Pois é, com medo de chegar no Rio de Janeiro, bombardear a capital, tomar a capital, tomou o Brasil.

SK - Tinha esse espírito forte? De transferir a capital por uma questão de segurança?

ES - Tanto que o Tiradentes queria botar São João Del Rei. Nós estamos falando ...

SK - Claro, claro. *Deixa eu tomar uma água.*

ES - Dizem que a gente deve tomar cinco a seis copos de água por dia. É o melhor remédio para prisão de ventre.

SK - Para muitas coisas, não é?

ES - Limpa o rim. Eu vou dizer uma palavra, não sei se você vai gravar. Meu médico diz assim, é preciso fazer xixi branco e coco mole.

SK - Que é o melhor, é isso?

ES - É, porque ele dissolve as fezes. Quando o xixi está branco é porque o rim está muito bom.

SK - Está funcionando bem.

## **Fita 2 – Lado A**

SK - O que eu acho que a gente não gravou... O senhor estava falando desde 53, o Vargas contratou uma empresa para fotografar a área de localização, a Comissão de Localização. Como era isso? Primeiro era uma empresa americana, era isso? Primeiro foi uma empresa Cruzeiro do Sul, o senhor falou.

ES - Cruzeiro do Sul para fotografar.

SK - Para fotografar tudo.

ES - Essas fotografias foram entregues a firma [Donald Belcher] para analisar e, completado, naturalmente, por vindas aqui para ver o terreno.

SK - Eram fotografias aéreas, era isso?

ES - É, está no arquivo público.

SK - Vinham os aviões, eram militares?

ES - Aviões, é uma técnica.

SK - Interessante.

ES - Cruzeiro do Sul era especializada nisso. Então, aquilo ali serviu muito para você saber onde havia material de construção, a parte de meio ambiente: de lagoas, rios.

SK - Composição geológica.

ES - geológica. Veio Donald Belcher, já estava nesse ponto. O marechal foi... ele telefonou para mim, me convidando para secretário, pensando que eu não sabia nada. Até hoje fica...

SK - Ele convidou o senhor para ficar com ele, secretário dele.

ES - Secretário dele. E convidou depois um outro oficial para ser tesoureiro.

SK - Certo, da comissão.

ES - O marechal Pessoa tinha um grupo de técnicos, entre eles...

SK - O senhor toma com açúcar ou adoçante?

ES - Meu lema é: pouca gordura, pouco sal e pouco açúcar.

SK - Eu vou seguir o seu lema.

ES - Três coisas ótimas para o metabolismo, mas não pode ter excesso.

GH - Esse convite do general e a sua ida, foi no ano ainda de 54 ou já em 55?

ES - 54. Setembro de 54.

SK - Foi logo depois do suicídio.

ES - Logo depois do Getúlio. Então, ele encontrou até dinheiro que devia ser pago a Belcher, estava atrasado, ele conseguiu com o Café normalizar tudo e nós fomos acompanhando isso. Até que o Belcher devia, pelas instruções que ele recebeu, dentro desse retângulo de 52 mil km quadrados, ele devia nos apresentar cinco sítios de mil km quadrados, como os melhores para a instalação da capital. Então, o que aconteceu, foi, foi, veio, quando foi em 55 nós viemos aqui para ver esses sítios todos, a comissão.

SK - Logo que o senhor assumiu...

ES - 55, já em 5 de fevereiro de 55 nós viemos aqui para ver os sítios. Primeiro nós viemos, chegamos na Formosa, Formosa de avião. O General Pessoa como general requisitava na Aeronáutica avião o [Pitigrafe] e vinha. Bom, Formosa. Formosa e Planaltina tinham campinho de aviação. Aqueles DC3, uma vez por semana tinha um vôo de Goiânia – Planaltina – Formosa. Então, chegamos de Formosa, dormimos uma noite, passamos para Planaltina. De Planaltina, junto com o prefeito, juiz de paz, delegado e tal, eles nos levaram para ver aquelas Águas Emendadas. É um lugar aqui perto, uns 30 quilômetros, onde toda a chuva que bate ali, vai para as Bacias Amazônica, São Francisco

e Prata. Vai aqui, ele seleciona: “ô minha água, para onde você quer ir”? “eu quero ir para a Amazônia.” O outro quer ir para o Rio da Prata porque é mais civilizado.

SK - Águas Emendadas, que interessante.

ES - Eu vou te mostrar... “Marilda, pega as fotos...” Então nós fomos lá. Dali nós fomos de jeep. “Apanha as fotografias, umas grandes, uma do jeep e a outra que eu estou”. E dali de Planaltina nós fomos orientados pelo pessoal daqui o Saião estava no meio e outras pessoas. Nós fomos com sete jeeps, fomos até o lugar onde são o Cruzeiro. Você já conheceu Cruzeiro aqui?

SK - Aquele Cruzeiro perto do Memorial?

ES - Aquele Cruzeiro. Nós fomos ali que é o ponto mais alto do Plano Piloto.

SK - Mas aquele ponto já tinha sido...

ES - Não tinha nada.

SK - Vocês é que foram?

ES - Esse pedaço era um dos... O jeep...

SK - Ah, que beleza, umas fotos.

ES - Era serrado tudo, não tinha estrada. E aqui é o Águas Emendadas já com...

SK - Onde fica isso, Dr. Ernesto, essas Águas Emendadas?

ES - Lá para Sobradinho. Me levaram. E eu fui, quando completou 50 anos eu fui lá.

SK - Estou vendo uma foto aqui, foi nessa ocasião essa foto?

ES - Isso é nas Águas Emendadas.

SK - Foi nessa ocasião que você foi?

ES - É, nessa ocasião.

SK - Quem mais está aí?

ES - Marechal Pessoa está aqui.

SK - Moacir Dutra, João Conceição, Mario Travasso, Pedro Guimarães, José Pessoa, Ribeiro Júnior, Ernesto Silva e Felix de Moura. Essas pessoas eram quem?

ES - Eram juiz de lá, de Planaltina, o prefeito...

SK - Mas o senhor falou que o Bernardo Saião já estava integrado nessa época?

ES - Bernardo Saião não estava aqui. Então isso aqui, depois que botaram isso.

SK - É, botaram um marco de comemoração.

ES - Então 50 anos depois, viajo com [?]

SK - Como foi chegar nessa região, naquela época era uma região que não tinha nada, né? Ele está mostrando agora para a gente uma foto do Serrado com os jeeps.

ES - A gente tinha Braslândia, pequenininha, Planaltina, pequenininha e Formosa. Mais nada. Isso tudo era assim, começou assim.

SK - Aí vocês vieram aqui já para localizar o tal sítio que seria melhor?

ES - Esse era um dos sítios. Depois eu vou mostrar a você.

SK - Esse do Cruzeiro.

ES - É. Ali, aquele papel todo, sabe o que é? É uma reforma que querem fazer. Fazer estacionamento subterrâneo para automóvel.

SK - Aí vieram...

ES - Nós fomos aqui, para ver esse sítio, os dois sítios, depois tinha um sítio do lado de Anápolis, outro sítio ao lado de Goiânia, e o outro perto da fronteira com Minas Gerais. Então, nós fizemos... Eu vou trazer uma coisa aqui. Eu vou trazer um livro meu.

SK - O senhor não quer deixar, depois a gente vê. A gente pode acabar a conversa e depois a gente vê.

ES - Está certo.

SK - O senhor queria mostrar o que para a gente?

ES - Os critérios da escolha.

SK - Pois é, porque eu ia perguntar, como são... O senhor quer pegar então para ver, o livro? Tá, eu vou parar um minutinho.

ES - Você tem meu livro História do Brasília?

SK - Não, eu tenho só esse livro que o senhor me deu que é sobre sua vida. (*pausa*) Isso aqui o que é? Ele está mostrando aqui para a gente, é um mapa, é uma fotografia. É o retângulo de Cruz com indicação dos quatro sítios.

ES - A firma escolheu cinco sítios como os melhores. Nós nominamos os sítios, por cores, para evitar exploração imobiliária e tal. Sítio verde é onde está Planaltina, sítio castanho, sítio vermelho, sítio azul, sítio amarelo.

SK - O senhor falou que tem um... Esse aqui é perto da fronteira com Minas.

ES - Aqui está na fronteira. Tem Minas por aqui.

SK - O senhor ia falar os critérios.

ES - Os critérios estão aqui. Moacir Pereira Dutra, presidente da câmara de vereadores de Formosa, Marechal Mario Travasso, João Correia, juiz de direito, Valdir, motorista, Pedro Monteiro, prefeito de Formosa, Marechal João Pessoa, Dr. Felix, advogado do fórum, aqui. Olha aqui, a firma apresentou o mapa geral do Retângulo na escala de 1,150% mostrando a etiologia, utilização da terra, os solos para engenharia, os solos para agricultura. Além disso, após ter selecionado cinco sítios em mil quilômetros quadrados dentro do retângulo, foram tais áreas mapeadas na escala [tudo por 25 mil]. Os mapas apresentaram: os cinco sítios, topografia de cada um dos sítios, drenagem, utilização da terra, solo para agricultura, solo para engenharia, geologia, além dos mapas que representou o Retângulo numa escala tal, sítio castanho tal. Os sítios foram nomeados por cor para evitar quebra de sigilo.

SK - Aqui, os critérios.

ES - Os critérios rigorosamente calcados na lei ...

SK - Estavam calcados na lei de janeiro de 53.

ES - Já estava na lei que eram os critérios dele. Que nós só adicionamos facilidades desapropriação que seria um também. Porque perto de Anápolis, para desapropriar ia ser muito caro, então ele entrou aqui como fator simples.

SK - Então vamos lá, quais foram os critérios?

ES - [? salubridade] favorável porque você não pode mudar índice. Facilidade de abastecimento de água, topografia adequada, energia elétrica facilidade, existência de materiais de construção, facilidade de acesso as vias de transporte terrestre e aéreo, solo favorável a edificações, proximidade de terras para cultura e paisagem atraente.

SK - Paisagem atraente.

ES - Então, você vai lá... Você já foi lá em cima, lá na Cruzeiro? Já chegou lá no Cruzeiro?

SK - Não, não.

ES - Então você tem que ir lá, porque você vê o horizonte inteiro. Agora um pouco deturpada por causa de algumas construções. Mas você vê o horizonte inteiro, é uma coisa linda. O pessoal, diz que fui Lucio Costa que disse: “O céu é o mar de Brasília”. Não temos mar, temos céu.



SK - Que lindo isso. Essas condições de salubridade, claro que era uma área que não tinha nada, não tinha edificação, não tinha nada. Mas, por exemplo, foi cogitado na época, vocês pensaram na presença de vetores que poderiam transmitir doenças?

ES - Doença de que?

SK - De insetos que pudessem transmitir doença. Por exemplo, sei lá, uma malária, uma coisa assim. Porque Goiás era um estado, isso que eu ia perguntar para o senhor, Goiás era um estado que já de há muito tempo se falava na presença de endemias e tal. Isso foi uma preocupação?

ES - Depois que nós escolhemos o sítio definitivo, traçamos o Distrito Federal, nós trouxemos aqui pessoal de departamento de endemias rurais, para pesquisar. Primeiro, doença de Chagas não havia aqui, que era importante. Saindo do assunto, um dia eu cheguei perto do ministro da saúde, Carlos Santana, e disse a ele, ele era pediatra, tratava de você, “você quer acabar com a doença de Chagas?” “Isso é impossível, mandar fazer limpeza... “eu dizia, só você não deixar a pessoa viver na casa [do barbeiro.]

SK - Isso já nos anos 80?

ES - Põe só parede de [giz] que não tem barbeiro. E ele foi um dia para a televisão dizer que a idéia era dele. Aí eu dei uma espinafração nele. E depois o Jatene quis fazer isso. Não sei se fizeram. O brasileiro não gosta das coisas simples. Você diz: vou fazer isso assim. “Mas como? É muito simples.”.

SK - Tem que complicar um pouquinho. Mas nessa época, para escolher o sítio, não havia ainda o pessoal das endemias envolvido com isso. Era só... Nessa época que vocês estavam entre esses sítios aqui, ainda não havia a participação, nessa escolha, de pessoas do departamento de endemias, não? Isso foi depois.

ES - Nós pedimos depois, para virem. Então, aqui tem o nome também da comissão que julgou isso aqui.

GH - Posso fazer uma pergunta, um pouco antes. Quando o senhor foi para comissão, antes de vir para cá, o senhor pessoalmente estava acreditando nesse projeto de transferência? Porque, com tantas polêmicas sempre, o senhor acreditava ou passou a acreditar depois?

ES - Isso aí é o seguinte: o marechal Pessoa achava que a capital podia ser feita em dez anos. Eu estava nisso para trabalhar e acreditando que... depois de você esquecer tudo, quase um século, [1892],94, para cá, todo mundo falava, mas não fazia. Tem um ditado espanhol que diz assim: fazer é a melhor forma de dizer. O sujeito fala, fala, não faz. E educação, todo mundo, educação, educação, mas continua na mesma. Você perguntou se eu acreditava. Eu estava fazendo um trabalho que eu achava útil. Não sei se iria fazer... Mas isso aqui, não havia Juscelino...

SK - É, isso foi antes.

ES - Juscelino era governador de Minas quando nós [montamos] isso aqui. Por isso que o presidente do Instituto Histórico, que foi o secretário particular do Juscelino, me chama de pioneiro do antes.

SK - Esse sítio, como foi escolhido então?

ES - Escolhido aqui.

SK - Foi o sítio Castanho que ganhou, isso?

ES - Depois então, está aqui. Os que julgaram: coronel Nelson Dias, do Instituto de geografia do exército, Fábio..., esse era um arquiteto, Salomão, Júlio Rei, Pena Filho foi relator. Então, cada um dava uma nota para aquilo e multiplicava. Amarelo, azul, amarelo teve isso desse cara, desse, desse, somado, dividido, média, e classificados aqui.

SK - Aí ganhou o sítio castanho? Só uma coisinha. Essa comissão era o que, o senhor falou rápido eu não entendi, era um coronel do exército?

ES - Esse era o engenheiro, esse Fábio Soares e Oliveira Reis também engenheiro, esse também era engenheiro, esse era da Aeronáutica, ele era engenheiro, esse também era engenheiro e arquiteto.

SK - Deixa eu ver um nome... Salomão Selebrenick, ele foi da Companhia do Vale do São Francisco, se não me engano.

ES - Aí ganhou o sítio Castanho. Segundo lugar o verde, terceiro vermelho, quatro azul, quinto amarelo.

SK - Só um parêntese, Dr. Ernesto. Não havia uma época que se defendia a transferência da capital para o Triângulo Mineiro?

ES - Houve também, os mineiros queriam.

SK - Que época isso?

ES - Quando o Dutra pediu para fazer uma comissão, foi nesse que houve a discussão.

SK - Foi nessa época que os mineiros queriam?

ES - Aí o Planalto Central ganhou do Triângulo Mineiro.

SK - Por condições técnicas ou políticas?

ES - Acho que foi política. Porque aqui ainda não é nem o centro do Brasil, é o centro demográfico, mas o centro do Brasil fica mais adiante. Então o Triângulo Mineiro ficava muito perto da civilização e aqui era mais mato mesmo.

SK - Quer dizer, tinha uma idéia mesmo de mudar para bem longe do litoral.

ES - Para pioneiro mesmo, para pioneiro. Aquele que desbrava o sertão. Agora, há uma briga aqui de dois grupos: os pioneiros e a associação dos candangos pioneiros. Nós só consideramos pioneiro quem chegou até 21 de abril de 60, que pegou pesado, explorou sertão e tal. E os outros, não. Pioneiro é qualquer um, chegou em 70 é pioneiro daqueles outros. Ele vende medalha, vende. Tanto que eu estou para fazer uma coisa com ele.

SK - Vamos lá, vamos voltar.

ES - Então, foi escolhido o sítio aqui. E na lei dizia que em todos os sítios escolhidos, devia se traçar a área do sítio federal. Então, em torno disso aqui, nós fizemos isso aqui, e ficou aqui o Distrito Federal, incluído esse que era o segundo. Eles fizeram, [?] eles aproveitaram lagoas, rios, aqui tem um rio descoberto e depois aqui então, são marcas.

SK - Aquele crucifixo corresponde a que ponto aqui? Esse que o senhor falou, o Cruzeiro?

ES - O Cruzeiro é aqui, bem no alto. Você vê que está aqui, aqui fica mais ou menos aqui. Não tem nada aqui. Aqui ainda tem uma subidazinha. Aqui, 1.172 metros. Então, do lago, a cota do lago é mil metros, até aqui só tem 170 mil metros. O aclave é muito ligeiro. Por isso que agora nós estamos tratando de ver se nós botamos bonde aqui. Porque o bonde não polui, não tem nada, é mais limpo, é mais rápido, mas não sei. Cada cabeça, cada sentença. O Cruz aqui, era 14.400 metros quadrados, e a do Poli Coelho que ia um pouco para cima, saía um pouco para cima o Poli Coelho, mas tudo, não digo copiando, mas coincidindo com a do Cruz, que ele veio aqui no tempo que não tinha nada, não tinha aparelhos, não tinha fotografias aéreas, não tinha nada e ele escolheu esse, e o Poli Coelho escolheu esse e nós escolhemos esse dentro do Cruz. Então eu escrevi um artigo: similitude entre o trabalho do Cruz e todos os outros.

GH - Agora, essa escolha, o senhor nos falou que veio para cá para ver as áreas em fevereiro de 55. A escolha foi feita quando?

ES - Foi em março de 55.

GH - Estávamos já no início de uma campanha eleitoral que seria em outubro... Juscelino tinha deixado o governo em janeiro de 55, o governo de Minas, acho que em março já era.

ES - Aqui, 4 de abril de 55, o relator ... apresentou... (*lendo corridamente*)

SK - Até aqui, o Juscelino não tem nada a ver com essa história?

ES - nada. Não era candidato.

SK - Ele já era candidato.

ES - Estava começando.

GH - A comissão, qual era a expectativa: escolhemos um lugar, vamos esperar a eleição, essa era a expectativa do Café Filho? Agora, esse assunto é com o próximo presidente ou o Café Filho tinha uma expectativa de começar alguma coisa?

ES - Estava a lei, estava em andamento, ele tinha que tomar uma decisão, ou parava ou dava encaminhamento, não é isso? Não podia ficar parado.

SK - Mas ele estava a frente daquele projeto?

ES - É lógico. Seria até uma vergonha, depois de tanto tempo, escolher o local, estar procurando e escolher local e parar novamente! Porque na época do Cruz é tudo mais difícil. Você vai levar esse...

Simone e GH - Obrigado.

ES - Está tudo esgotado. Eu só tenho 20...

SK - A gente leva para a nossa biblioteca...

ES - Tem uma pessoa aqui que vai fazer um livro, “Brasília antes e depois” e quer pegar uma parte do meu livro, resumir esse livro.

SK - Agora, Dr. Ernesto, eu estou vendo aqui, o comício de Jataí, famoso, onde Juscelino diz que vai fazer a interiorização é em junho.

ES - Aqui foi abril. Não tinha nada.

SK - Vou fazer outra pergunta para o senhor polêmica, não é polêmica, mas enfim. O Juscelino então, nesse comício de Jataí, porque tem a história de que ele, atendendo a uma pergunta de uma pessoa no comício, ele já sabia que estava se fazendo esse processo.

ES - Devia saber, não sei.

GH - O senhor não tinha contato nenhum com ele?

ES - Não tinha contato nenhum com ele.

SK - Ele soube aproveitar a oportunidade de um vento favorável, usando a sua imagem? O Café Filho não ficou chateado com isso? Porque, depois do Juscelino ter entrado... Porque, o que acontece? Todo mundo associa a idéia da transferência ao Juscelino e como o senhor está dizendo, o Café Filho é que colocou isso para funcionar.

ES - E eu falo mais uma coisa. São duas pessoas aqui que influenciaram, ajudaram mais o Juscelino, foi marechal Pessoa que escolheu e José Ludovico que desapropriou. Porque eu conto aqui que o Café Filho não quis declarar de utilidade pública, negou.

SK - Por que?

ES - Porque o Antônio Pereira dos Santos que era consultor jurídico, induziu o Café Filho a não aceitar.

SK - Porque achava que ia ser muito complicado?

ES - Não sei, não sei. Porque tinha que se fazer um decreto para desapropriar para fins sociais. E depois comprar as terras e negociar com as pessoas. Então, o que aconteceu? O Café Filho negou, no dia seguinte o marechal Pessoa pegou um avião, veio falar aqui com o José Ludovico porque todo o território era de Goiás.

SK - Foi em Goiânia falar com José Ludovico.

ES - foi em Goiânia.

SK - Aí o Ludovico fez a lei para desapropriar, foi isso?

ES - Foi. Onde está isso?

SK - Isso é um aspecto importante também. Eu tenho aqui, anotado aqui.

ES - Está aqui.

SK - É. “Escolhido o sítio em território goiano, decidiu o marechal Pessoa procurar o governador de Goiás, José Ludovico de Almeida, e convencê-lo a declarar de atividade pública, para fins de desapropriação”.

ES - Ele negou.

SK - Não, não, aí em abril... Ah, está aqui, “em maio, o governador reuniu a sociedade goiana e anunciou que havia firmado decreto declarando de utilidade pública, para fins de desapropriação toda área do futuro...” O decreto é de 30 de abril, quer dizer, a desapropriação da área. Quem eram os donos dessa área?

ES - Tinha muito dono e tinha também, inclusive, áreas devolutas que o presidente [tinha] do estado de Goiás.

SK - Eram grandes propriedades?

ES - Tinha de todo tamanho. Mas não eram grandes, grandes, não. Agora, esse negócio do condomínio, foi uma parte que não foi desapropriada.

SK - Que condomínio?

ES - Há uns condomínios aqui.

SK - Ah, sim.

ES - Uma parte que não foi, não teve tempo, ou quando começou a mudança, começaram as obras, eles pararam e tinha um tempo exato para desapropriar. E aconteceu isso, os grileiros tomaram conta, tem uns condomínios aí que são irregulares até hoje, numa parte do Distrito Federal, porque esqueceram. Porque a idéia era você desapropriar tudo e fazer um plano de utilização de todo território do Distrito Federal. Aqui vai ser agricultura, aqui vai ser isso, etc. Mas houve esse cochilo do governo Juscelino [?].

SK - Estávamos falando do comício de Jataí, dessa relação do Juscelino com o Café.

ES - Diz que era um rapaz que procurou pelo Juscelino e dizem até que alguém insinuou o rapaz de perguntar, não sei. Ele então perguntou, se ele ia cumprir a Constituição e transferir a capital? E ele mesmo, o Juscelino diz que a pergunta foi chocante assim, que ele nunca pensou, que ele sabia disso, mas não estava no programa dele. Ele disse assim, se está na Constituição, eu vou cumprir. E achou que era um bote político para ele. E também perigoso, porque fazer isso que nós fizemos é muito difícil. Tanto que o general Pessoa, quando o Juscelino veio, ainda ficou lá com o Juscelino até maio. Então indo lá e mostrando que os trabalhos tinham sido feitos. Mas no dia que ele estava lá conversando com o Juscelino, ele disse que estava fazendo um plano para captar os recursos de renda em dez anos. E o Juscelino: não, perdão, eu vou discordar do senhor, eu vou fazer dentro do meu governo eu vou me transferir para lá. O general foi embora e pediu demissão, porque achava que... não estava de acordo com o presidente da república. Ele era muito correto.

SK - E o Juscelino já tinha assumido?

ES - Ele podia ter ficado, né? Embora não ganhasse nada. Então o general Pessoa saiu, chegou perto de mim, o tesoureiro que nós estávamos sendo requisitados pelo exército para lá, se nós queríamos continuar ou não. O tesoureiro quis voltar, eu disse, quero continuar. Como não era o meu amor pela profissão do exército, aquele lugar que eu estava no exército, era a oportunidade que eu tive de entrar para a Escola de Medicina, eu não queria ficar no exército. Nem que eu seja servente eu vou ficar nessa companhia. Então ele me chamou, Juscelino, disse: o senhor conhece todos, eu quero que continue as coisas que estão fazendo; afinal trouxe gente para cá para ver negócio de malária e tal, e eu peço ao senhor que apresse a questão do concurso para o plano piloto de Brasília. Então, eu fiz, recolhi, convoquei arquitetos, etc, Niemayer, fizemos uma comissão, e no dia que ele sancionava a lei criando a companhia [?] Organizadora da Nova Capital da nova capital, eu lancei o edital do concurso.

SK - Só para a gente deixar registrado aqui...

## **Fita 2 - Lado B**

ES - Em 18 de abril de 56 ele enviou a mensagem. Aqui ele ia enviado de Goiânia, mas o avião não pode descer em Goiânia, ao amanhecer estava fechado, fechado, ele foi descer em Anápolis. E lá num bar qualquer, ele assinou a mensagem. Esse é o fim, eu não consegui a parte inicial eu não sei. Então está aqui, final três, final da mensagem, etc e tal. Ele então mandou essa mensagem para lá, para criar comissão.

SK - A Novacap, a Comissão Construtora da...

ES - quem fez essa mensagem aqui foi aquele Smith, que era...

SK - Augusto Frederico Smith.

ES - então ele pediu ao Smith que ele fizesse um projeto de lei que ele não precisasse do Congresso durante toda a construção de Brasília. Porque se fosse, aí vinha lei, aí não pode, adia, não sei, aí não faz nada. Então ele fez essa lei, passou a lei. Está aqui, depois eu fiz o edital, no mesmo dia, depois de vários dias em debate, preparamos o edital do concurso, o concurso foi lançado 19 de setembro antes de ser constituída a Novacap.

SK - Então o edital do concurso para o Plano Piloto foi lançado em setembro de 56.

GH - No ano de 55 ainda, tem a eleição e Juscelino é candidato, o senhor faz parte da comissão, daquela com o Pessoa, mas tinham outros candidatos, [?] Juarez Távora, quer dizer...

SK - Quem era o candidato da UDN?

ES - Juarez Távora e o Ademar de Barros.

GH - Exatamente. A pergunta: todos esses candidatos, no processo eleitoral, essa questão da transferência ficou colocado? Porque o Juscelino pegou o mote e levou, e Juarez e o Ademar que estavam falando... o senhor se lembra disso...

ES - Eu tenho impressão, São Paulo sempre foi favorável a mudança da capital, sempre foi.

SK - Por que?

ES - Não sei se eles tinham ciúme do Rio...

GH - Tem praia...

SK - Para tirar do Rio...

ES - Pois é. E o Juarez era militar, também devia ser.

SK - Mas o senhor não se lembra se eles usaram isso na campanha?

ES - Acho que não. Agora, o Juscelino sempre diz que em várias ou em muitas cidades do interior perguntavam isso para ele. Mas o general Pessoa como estava no cargo, ele fez tanta propaganda disso pelos jornais, que mobilizou a opinião pública, ajudando o Juscelino, talvez.

SK - Mas o senhor acha... Porque o senhor falou que nos anos 40 tinha a questão da segurança nacional, por conta da guerra. Nesse momento que você já está no pós-guerra e tudo, o senhor acha que essa idéia, ela despertava interesse nas pessoas, por quê? Essa idéia do interior? O senhor acha que tinha alguma coisa contra a capital no Rio ou era uma coisa...

ES - O Globo era contra o Correio da Manhã era contra, contra a capital, contra a mudança. Criticavam, criticavam, criticavam. O Globo era menos um pouco, mas criticava também, principalmente depois que o marechal Pessoa saiu, porque a filha do

marechal Pessoa, Elizabeth, era casada com o Rogério Marinho, irmão do coisa. Eles já abrandavam um pouquinho, publicavam as entrevistas do general e tal, mas tudo, metiam o pau, criticavam ferozmente.

SK - E quais eram os argumentos contra?

ES - O argumento era que o Brasil não tinha dinheiro para isso, ia haver inflação, que havia roubo, queriam criar CPI, tudo isso aconteceu no governo Dutra.

SK - E quem defendia, defendia com que argumentos?

ES - Eles defendiam o Juscelino com o trabalho que nós fazíamos.

SK - Não, mas, por exemplo, as pessoas do povo, as pessoas comuns que defendiam, qual era... o que fazia com que as pessoas acreditassem na coisa de vir para o interior, um lugar que não tinha nada?

ES - Houve muita resistência dos funcionários que vieram para cá. Houve muita resistência. Os mais moços, às vezes queriam vir porque ia criar uma nova vida e tal, mas houve muita resistência. Tanto que foi criada a dobradinha, eles dobraram...

SK - é. Dobraram o salário.

ES - Durante dois anos, para se adaptar aqui, ter um dinheiro melhor. Mas foi criticada mais, porque se diz que havia inflação, que era um desperdício, etc. E se não houvesse a mudança no período do Juscelino, isso aqui ia virar uma cidade fantasma; ninguém mais fazia, ficava como estava e ficava uma cidade como uma outra qualquer.

GH - Ainda tenho uma pergunta sobre o processo eleitoral de 55. O senhor continuava sendo o terceiro secretário do PSP?

ES - Continuava. Eu votei no Ademar.

GH - Isso não fez diferença, para o Juscelino não fez diferença...

ES - Não sabia que era o Juscelino, sabia que era candidato. Tanto que o Juscelino não teve...

GH - Maioria, teve 30... tentativa de barrar. Aragarça, né?

ES - Queria barrar porque não havia [meio de] mandança. Aquela coisa. Tinha um motizinho, ah não tenho 50%, mas não havia [lei].

GH - Mas o fato do senhor ser de um partido, que teve um candidato contrário ao Juscelino, isso não alterou...?

ES - O general, por exemplo, votou no Juarez Távora.

SK - Isso não criou nenhum constrangimento depois na relação?



GH - O Ademar ...

ES - Quando houve a eleição, ele era candidato apenas, não sabia que ia ganhar, foi em outubro de 55, nós estávamos fazendo as primeiras coisas.

GH - Mas, por exemplo, o Ademar depois se aproxima do Juscelino. Não?

ES - Depois eu deixei, porque... eu vim para cá...

GH - O senhor deixou isso, deixou...

ES - Deixei aqui.

SK - Fala um pouco para a gente desse plano do concurso para o Plano Piloto. Como vocês pensaram esse edital, como foi feito isso?

ES - Você tinha na lei os critérios, aqui...

SK - Os critérios para a escolha do sítio, eu estou dizendo o concurso para projetar...

ES - Ah, o concurso. O concurso foi um grupo, representante do Instituto Arquiteta, do Conselho Regional de Engenharia, e alguns, como estão aqui, arquitetos, um grupo, o Niemayer no meio, nós montamos o edital. O edital era uma coisa simples. Edital, onde está o edital?

SK - Então o edital saiu antes da formalização da Novacap, interessante.

ES - Está aqui: “Depois de várias reuniões e debates, [?] participaram também Dr. Israel Pinheiro, arquiteto Niemayer, assessores... professor de urbanismo, preparamos o edital do concurso...”, preparamos todos, eu era o presidente da comissão, porque a comissão virou Comissão de Planejamento da construção da mudança da capital federal.

GH - Isso aqui, o senhor está lendo página 117 do seu livro, História de Brasília.

ES - Eis alguns tópicos: “A comissão de planejamento da construção da mudança da capital federal [?] torna pública a abertura do concurso nacional [?] sob as novas condições estabelecidas...tal. Traçado [?] estrutura urbana, a localização e a interligação dos diversos centros, instalações e serviços, disposição dos espaços livres de vias de comunicações”.

SK - Aí está todo o edital, não é?

ES - “O júri presidido... os trabalhos devem ser entregues, tal, tal, tal. Esse edital foi publicado dia 30 de setembro... Durante pouco tempo de presidência... “. Taí, eu disse o que eu fiz. Agora tem uma coisa aqui que pulou. Tem uma falha aqui no livro. Eu tenho aqui. Nós pedimos isso, que ele fizesse o traçado básico da cidade e um relatório. Por isso que muita gente: Como o Lucio Costa, que um pedaço grande de papel desenhado, e o relatório, ganhou o concurso? E os outros botaram livro, mapas, não sei que e tal, e não

ganharam? Porque a gente pediu para ele fazer só isso. O traçado básico da cidade e o relatório. E foi isso que ele fez. Por isso que o Lucio Costa... para o exame do projeto, eu segui o que preconizava o edital; se a idéia é válida, eu desenvolvo, se eu não é válida, eu não perdi meu tempo e nem tomei o tempo de ninguém. Sensacional, sensacional. Então ele fez isso. E de onde estava... tal, tal, e fez o relatório dele. E foi considerado uma obra de arte, e foi para a UNESCO e tal, e se você ler1 o relatório dele é uma beleza, porque tem idéias fabulosas.

SK - É fantástico, mesmo. Quando foi aprovado, quando foi o resultado do concurso?

ES - Foi 16 de junho de 1956, 57?

GH - Tudo isto está acontecendo no Rio de Janeiro, né? O concurso?

ES - Cadê? Tem aqui... Cópia do edital. Espera aí.

SK - Aqui tem uma data. Foi publicado em setembro de 56, o edital.

SK - Depois a gente vê, Dr. Ernesto, depois a gente registra. Isso que o Gilberto perguntou ao senhor...

ES - Está aqui, está aqui.

SK - Novacap...  
(*interrupção*)

GH - 16 de março...

ES - 16 de março foi aprovado, foi escolhido projeto de Lucio Costa, Plano Piloto da cidade de Lucio Costa.

GH - Isso vocês se reuniam no Rio de Janeiro e se reuniam aonde? Para analisar? A comissão tinha uma sede? Onde a comissão funcionava?

ES - Onde a comissão funcionava? Lá no Rio de Janeiro, na sede da Companhia do Vale do Rio Doce.

GH - Na sede da Vale do Rio Doce. Foi ali que fizeram as reuniões e a escolha...

ES - ... localização da nova capital. Está aqui, esses são os... a Comissão julgadora do concurso... (*lendo corridamente*)

SK - Isso está na página, só para depois a gente fazer a transcrição, página 149 do livro Histórias de Brasília.

ES - 26 concorrentes.

SK - Interessante. O Niemayer fazia já parte da Novacap?

GH - Da Comissão.

SK - Sim, mas já representante da Novacap. Mas porque está aparecendo aqui?

Ernesto: ... isso é Novacap.

SK - Então, ele...

ES - Foi em 57. Foi 15, 15...

SK - Março de 57 foi então dado resultado... Aqui, isso.

ES - Dia 16 de março foi escolhido... 16 de março foi escolhido o projeto Lúcio Costa. Porque houve um problema, esse Paulo aqui, Paulo Antunes Ribeiro, representante dos arquitetos criou um problema, porque na hora de escolher, houve o seguinte: havia 26 candidatos. De uma maneira geral, eles examinaram assim, per... teoricamente, escolheram dez, tiraram só dez para escolher. E esse Paulo Antunes Ribeiro, ele queria que a coisa aprofundasse mais, escolhesse mais, fizesse mais reuniões, e até não quis mais pertencer a comissão, e até eu digo aqui, Dr. Israel, foi a casa dele, convencê-lo de pelo menos dar o voto contrário na ata e assinar a ata, e foi feito assim. Então, ele queria que fosse uma coisa mais apurada. E os outros achavam que o plano do Lucio Costa era uma coisa visivelmente superior aos outros. Então houve isso, o relatório do Julio, dia 16 e depois começou.

SK - Nesse edital, eu já vi ali o critério, então era uma coisa muito geral. Os projetos, aqueles todos que eram mais detalhados e tudo, do Lucio Costa o senhor falou, era muito simples. Os outros que eram detalhados faziam menção a alguma coisa relacionada a condições sanitárias, a planejamento relativo a área de saúde, o senhor lembra disso?

ES - Aqui tem a coisa, a comissão toda. Eu estou aqui, aqui era um outro diretor da Novacap, Israel Pinheiro era ex-presidente da Novacap...

SK - Depois a gente vai começar a falar mais detidamente na Novacap, que é outro assunto.

ES - Então tem aqui, é o projeto Lucio Costa. E aqui tem, por exemplo, "... projetos premiados..." (*leitura de texto corridamente...*)

SK - Esses são os comentários críticos aos cinco primeiros projetos.

ES - Críticas e vantagens de cada uma, dos cinco primeiros projetos. Aqui já não tem interesse de publicar tudo... Esse aqui, esse aqui seria assim, aqui seria um prédio de 80 andares; cada prédio era um bairro. Tinha tudo dentro, tirou terceiro lugar, porque plasticamente era bonito. Outro aqui tem um lago aqui, plano piloto aqui, quarto lugar, quinto lugar. Então, eu botei só as críticas, vantagens e desvantagens para não encher papel. Porque se você escreve muita coisa, detalha, a pessoa não lê.

SK - Então o Lucio Costa ganhou folgadoamente.

ES - Quando 1987 o governador José Aparecido de Almeida pediu a inclusão do Plano de Lucio Costa no tombo do patrimônio mundial, ele foi lá, foi julgado pela UNESCO, como projeto único, que não havia nada parecido no mundo, e foi difícil a UNESCO dar o título patrimônio cultural da Humanidade, porque geralmente são sítios antigos que dão, já conservados, etc. então foi uma exceção, o único sítio moderno que foi considerado pela Unesco como tombado. E por isso que a gente acha que os brasileiros que estão deturpando a cidade, eles não têm orgulho disso, não tem orgulho disso.

SK - Mas muitos têm.

ES - Então vieram o mercado imobiliário, publicitário, essa igreja universal que se expandiu pelo mundo, não sabe o que é, [tem todo modernismo], então os governantes também se submetem a essa pressão e a gente fica lutando aqui.

SK - Agora, na época que o Lucio Costa venceu o concurso, como foi a repercussão, por exemplo, na imprensa? O grande público, gostaram do projeto?

ES - Gostaram. Eu tenho uma foto aqui. Aqui tem...

GH - E o Juscelino, gostou?

ES - Gostou, gostou, sem dúvida. Tanto que ele mandou fazer tudo. Quando o projeto foi pronto, um mês depois, um pouco antes, começaram a traçar as cidades do eixo monumental e do eixo rodoviário.

SK - O senhor lembra de alguém que tenha detestado? “Isso aqui é uma coisa ...” Você de alguma resistência?

ES - Aqui dentro?

SK - É, ou ali, o pessoal...

ES - Aqui, quem tivesse resistência, aqui, era o seguinte: nós não chamamos ninguém para trabalhar aqui, nem mandamos ninguém embora. Ele vinha, se não se adaptasse ao sistema de trabalho ininterrupto, e vivendo num lugar de desconforto, de pegar lama, poeira, tudo isso, ele ia embora sozinho. Porque era um sentimento de solidariedade que eu nunca vi igual. De você estar criando uma capital, os operários se orgulhavam dessas coisas.

SK - Mas eu estou dizendo, lá no Rio de Janeiro, houve alguém que disse: isso aqui eu um absurdo esse projeto?

ES - Muita gente. Eu tenho aí, alguns jornais com pessoas que falaram mal, condenaram Brasília.

SK - Mas ao projeto do Lucio Costa, especificamente? O senhor não lembra

ES - [?] Há críticas. Eu tenho livros aqui que [criticam] alguma coisa de Lucio Costa. Aliás, há um ditado que diz: quando não há contestação, a coisa não vale nada. Daí aquela

frase do Nelson Rodrigues: toda unanimidade é burra. Se chega numa sala, todo mundo... então não é interessante o negócio, você tem que discutir o assunto.

SK - Vamos falar um pouquinho da criação da Novacap. Como foi isso? A criação, a escolha dos membros da companhia?

ES - A comissão da Novacap, tinha uma comissão, a Novacap tinha aquele decreto, aquela lei, de acordo com que o Juscelino pediu, para não precisar de Congresso até inaugurar a capital. Então, nós tínhamos poderes muito grandes: de comprar, de vender, de dispensar licitação, tudo isso.

SK - A diretoria era o senhor...

ES - Eu vou contar. Ele nomeou, ele convidou Israel Pinheiro que era deputado, presidente da comissão de orçamento da Câmara e amigo dele, amigo do Juscelino, convidou para presidente. Depois ele convidou o Bernardo Saião, porque o Gutier que era um diplomata muito amigo de Juscelino para genro do Saião, casado com uma filha do Saião. E o Saião tinha fama de desbravador, porque durante aquela marcha para o Oeste de Getúlio Vargas, ele fez a cidade Seres, foi ele que fez tudo aqui.

SK - Não sabia isso, interessante, a cidade de Seres. Era a colônia nacional agrícola.

ES - Era aquela coisa, marcha para o oeste de Getúlio, era interessante, mas botar a cidade [?] não dava a mesma, o mesmo valor que uma capital. Porque a capital foi feita para ser um pólo de desenvolvimento em todo Planalto Central. Então, ele foi escolhido. E depois, isso foi um dia ou outro [?]. O general Nelson de Melo me chamou para dizer que o Juscelino fosse a pessoa que continuasse o processo, pertencia a comissão de localização, ajudei na desapropriação e essa coisa toda, ele queria que tivesse uma pessoa, embora tivesse muitos candidatos inclusive de deputados para diretor. Então, como eu queria ser servente aqui para não voltar, fui ser diretor na Novacap.

SK - Na verdade então, o seu convite para integrar a Novacap vinha basicamente do seu envolvimento já com esse processo, não era uma coisa específica pelo senhor ser médico, por exemplo?

ES - Não. É porque eu estava na comissão. Então vim para a Novacap. Fui nomeado 25 de outubro, tomamos posse e fizemos o Catetinho, foi um grupo de amigos que se reuniu lá do Rio, amigo de chope, de uísque, tal, no edifício Serrador no Rio, reunimos lá e vamos fazer uma casa, como ele vai fazer com o coisa? Então, fizeram uma casa em dez dias. Você conhece o Catetinho?

SK - Conheço, vou levar ele lá depois que é uma beleza.

ES - Então fizemos o Catetinho em dez dias, trazendo material, arrumaram um empréstimo no Banco de Minas Gerais, trouxeram tudo de caminhão e em dez dias fizeram. Eu tenho aqui a...

SK - Antes de construir o Catetinho, o pessoal que vinha aqui, ficava aonde? Por exemplo, aquela cidade do jeep que o senhor veio aqui, o senhor dormiu aonde?

ES - Eu dormi em Planaltina e depois dormi em Goiânia...

SK - Não tinha edificação nenhuma aqui antes do Catetinho.

ES - tinha a cidade de Planaltina.

SK - Quanto tempo era daqui, de jeep? Por exemplo, lá de Planaltina ao sítio castanho?

ES - Era pertinho, era dentro do sítio verde, depois castanho, depois de jeep lá, levava umas seis horas, cinco horas.

SK - O Catetinho foi a primeira edificação?

ES - Foi a primeira edificação. Tanto que nós fomos nomeados 25 de outubro e no dia 10 de novembro estava pronto o Catete.

SK - Já tinha candango por aqui?

ES - Não, começando, depois do Catetinho, não tinha nada. E nós começamos também, nesse lugar que é Casa da Colônia, escolhemos o lugar para bancar [o posto] todo de madeira e um de nós trabalhando com telhado de zinco. Tinha o prédio, chamar de “prédio”, para a diretoria toda, tinha a parte de departamento de material, departamento de transporte, tínhamos um [sapes] um restaurante, tínhamos um clubezinho, Paranoá, o clube chamava-se Paranoá por causa do rio Paranoá, e o pessoal dizia que nesse clube Paranoá, os aviadores não podiam ser sócios nem freqüentar porque o avião não pode “parar no ar”. Então começamos assim, e começamos a abrir as estradas, que não havia, não havia nada. Estrada aqui por dentro, nós já sabíamos que tinha que ter uma cota do lago, botar piquetes, e começamos assim; ficávamos um dia, dormia dois dias, depois tínhamos o escritório no Rio e a proporção que ia continuando, a gente ia fazendo mais tempo aqui, e o Juscelino vinha, começaram as obras, as duas obras: Palácio da Alvorada e Palacinho do Palace Hotel, que precisava de hotel aqui para as pessoas que viessem aqui. E o Catetinho era a nossa morada com aquela sala de jantar luxuosa lá embaixo de madeira, e por isso que eu digo, não precisa nada de ostentação para você fazer alguma coisa. Quando você ter vontade, ter ânimo, ter garra, para fazer as coisas. E todo mundo estava imbuído do mesmo sentimento de fazer as coisas, de ajudar o Juscelino, de ajudar o Brasil. Então por isso que eu acho que houve o êxito. O êxito de Brasília eu acho que foi o seguinte: trabalho ininterrupto, solidariedade, nenhuma interferência política; ninguém vinha para mim para nomear fulano de tal, [não usava] fazer isso, ou os outros diretores, e uma correção fantástica, não houve nada de corrupção, o Jânio Quadros fez tudo para que achassem alguma coisa, houve processo na justiça, eu fui testemunha de várias coisas, chamado a justiça e tudo isso, como outros chefes de departamento, o próprio Israel. E essa questão da perseguição a Novacap acabou, por incrível que pareça, quando veio a Revolução, quando veio a Revolução, o chefe do SNI, o general Figueiredo, ele disse: eu mandei acabar tudo que é processo porque não vi nada. O Jânio era contra, achava isso aqui: só tinha leão, só tinha fera, a estrada Belém-Brasília era tudo cheio de fera, e nós continuamos aqui e fizemos a coisa; sem querer a gente foi fazendo, foi fazendo.

### Fita 3 – Lado A

SK - O senhor estava falando que não faziam licitações, faziam contrato de administração.

ES - Administração. Então, nós temos uma comissão para verificar as despesas da construção, e depois dávamos 10% de administração. Fizemos assim; porque se a gente fosse fazer concorrência, o que é que ia acontecer? Vinha aquela... aquela combinação entre eles – que sempre há –, e depois, se houvesse uma divergência, ia para justiça; então, eles não faziam licitação; não fazia, porque a coisa era rápida. Você vê o seguinte, chegavam os documentos, não tinha carimbo, não tinha nada e tal, mandava pro fulano, o fulano fazia.

SK - Vocês tinham liberdade total.

ES - É. “Ernesto, faça assim, assim, assim”, e pronto e tal. “Dá o lote não sei o quê”; tudo assim. E você vê o seguinte, uma vez – não sei que ano –, um advogado da Novacap chegou perto do Dr. Israel e disse assim: “Dr. Israel, eu estou precisando de uns dados aqui, para botar aqui, no contrato, para o senhor assinar, daquele viaduto”. Ele disse: “Menino, acaba logo com isso. Daqui a pouco o viaduto está pronto, e eu não assinei o contrato”. Era assim, mas tudo na pressa, na honestidade das coisas, compreendeu, o espírito dinâmico para fazer as coisas, para resolver, para não falhar; era uma guerra que a gente tinha, um dia para acabar a guerra: 21 de abril de 1960.

SK - Tinha uma data ali, marcada.

ES - Em 21 de abril de 1960, toda a Praça dos Três Poderes estava pronta; veio o Supremo Tribunal, veio o Congresso, veio o Poder Executivo, veio os Ministérios... uma parte dos Ministérios. Tinha o Hospital de Base para todo mundo; tinha escola para todas as crianças; tinha escola-parque; tinha tudo isso pronto.

SK - Impressionante.

ES - Agora, com falhas, é lógico, você não tinha tempo...

SK - Claro, tinha pouco tempo.

ES - ...que até o fim do ano, tinha que adaptar umas coisas e outras. Às vezes, os primeiros, que vieram para cá, ficavam num apartamento de quarto e sala até, um mês depois, se alojaram. Essas coisas de adaptação. Mas se você não marcasse a data... se deixasse para outro governo...

SK - Aí, não saía.

ES - Que nenhum governador quer continuar a obra do anterior. Nenhum quer.

SK - E voltando a... eu tinha perguntado pro senhor anteriormente. O Café Filho, depois que o Juscelino abraçou essa causa e fez...

ES - Não, o Café Filho desapareceu.

SK - ...ele não ficou meio ciumento, não? Mas ele não ficou meio ciumento dessa coisa do Juscelino ser tão identificado...

ES - O Café Filho depois quis dar o golpe com... né?

SK - Ah, é! É, verdade.

ES - Dar o golpe de não...

SK - De não empossá-lo.

ES - ...empossar. É, porque ele era do Ademar de Barros.

SK - Quer dizer, as relações entre os dois não eram muito boas.

ES - É, depois aquilo foi... ele não se meteu mais nisso, nem...

SK - O Juscelino freqüentou o Catetinho desde o começo?

ES - Desde o começo.

SK - Desde o começo. Ele ficava com vocês ali...

ES - Aqui, você tem a verdade sobre o Catetinho. Porque a verdade é o seguinte: o Juscelino ficou naquele quarto ali primeiro, depois tem o meu, né?

SK - Hum, hum.

ES - E ele ficou ali até maio de 57, porque do lado houve o segundo Catetinho, que era melhor, tinha tudo suítes e tal, tinha quarto para o Caravelo Lopes, de Portugal dormiu uma noite lá, entendeu, teve até aquele negócio que ele queria um pinico; ele fazia xixi durante a noite com pinico.

SK - Ah, é?

ES - É. Então, tiveram que dar um pinico lá, para ele. Isso tudo é contado, né? Então, ele teve outro... Você não tem aqui? Você tem o retrato...

SK - Tem, tem aí o retrato.

ES - Cadê?

SK - Esse outro Catetinho era perto? Era do lado.

ES - É juntinho.



SK - Mas não tem mais, tem?

ES - Na verdade, tinha... Não, não tem, não. Não tem. Minha filha, o seguinte: tudo aquilo que a gente tinha lá de provisório, para construir Brasília, que podia ser uma fonte de turismo até para ver, os pavilhões de madeira com telhado de zinco, compreendeu, dos diretores, dos materiais disso, daquilo, daquilo, e a escola Juscelino... a escola, tudo isso foi para o chão; tudo isso foi pro chão.

SK - Mas, olha, eu visitei... depois disso, a gente vai falar amanhã com calma, que a gente vai entrar mais na parte de saúde, mas, por exemplo, eu visitei aquele hospital... ali, o Museu da Memória Candanga, onde tem os barracões do...

ES - É a (inaudível)...

SK - Pois é, mas ali não era onde funcionou o núcleo do hospital, aquele hospital do...

ES - Era por ali tudo, era por ali tudo.

SK - É, porque a gente vai falar nisso amanhã, que se criou o Hospital JKO, né? Aqui, uma foto aqui. Agora, a gente está olhando o livro *Ernesto Silva*...

ES - Era o Catetinho aqui.

SK - ...*Militante da Esperança*, na página...

ES - Aqui a verdade sobre o Catetinho.

SK - É.

ES - “O Catetinho construído tal, tal e tal... (*leitura corrida*) ... no Natal. Inaugurado em 10 de novembro... durante cinco meses apenas, pois no início de 57, outro prédio, também em madeira, porém mais amplo, foi construído ... primeiro, para o JK e sua família, com quatro suítes, sala ... Presidente ocupou até maio de 57...”

SK - De maio de 57 a junho de 58, quando se transferiu para o Palácio da Alvorada.

ES - Daí em diante, então...

SK - Mas eu não entendi o seguinte: por que “a verdade sobre o Catetinho”? Tinha alguma história?

ES - Porque ninguém fala nesse Catetinho. Ele saiu... ele saiu daqui...

SK - Ah, ah! Entendi.

ES - Ele saiu daqui no dia 21 de julho de cinquenta... não, péra aí! Saiu daqui...

SK - Porque teve um outro, é isso que o senhor está querendo dizer, não foi...

ES - Está aqui. “O presidente ocupou de 57 a 30 de julho de 58, quando se transferiu.” Ele não ficou lá, além desse dia, julho de 58, como nós ficamos. ele veio para cá...

SK - Aqui, na foto, aqui é o segundo, é isso?

ES - Segundo Catetinho; ele ficou destruído, [?]

SK - Que pena.

ES - Quando mudou a capital, eu não sei se a Novacap vendeu, ou o Israel Pinheiro deu para o Camargo Corrêa desmontar e botar lá [?] aqui, em [?] Foram desmontados... (c-72)

SK - Desmontado na mansão?

ES - Desmontado... desmontado...

SK - Desmontou e levou lá pro...

ES - ...e botar lá. Você vê como é que faz a história.... a história nesse país.

SK - Bom, ainda bem que não fizeram, pelo menos, com o primeiro, e o mantiveram, né?

ES - Desmontaram isso tudo, botaram na Camargo Correa. Esse Camargo Correa morreu, e a família vendeu aquela mansão. Bom, e o Catetinho lá. E um dia, eu fui procurar, não tinha nada.

SK - Ah, meu Deus! Destruíram.

ES - Destruíram tudo. Até a banheira, que é de luxo, estava servindo de negócio... de comida pro gado.

SK - Que coisa, né?

ES - O gado comia naquela banheira. E eu fiz uma reportagem aí violenta com isso aí. Então, você...

SK - Mas vocês então, da Novacap, ficaram aqui, no Catetinho? Ficaram.

ES - Até julho de 58. Então, nós ficamos mais um pouco. Porque a Novacap fez três casas para os diretores.

SK - Perto daqui?

ES - Daqui, fora daqui.

SK - Não, não perto do Catetinho.

ES - Não, não. É porque eram granjas que a gente queria; granjas modelo, que a gente queria construir aqui para ajudar os agricultores, os pecuaristas, etc. Então, nós, a Novacap fez uma granja lá, no Parque [Uerijo], uma granja para frutas, tudo, tinham frutas ali; fazer um centro de pesquisa e tudo, e para ajudar aos agricultores, etc., ali seria. A minha, que é no Riacho Fundo, que foi feita na casa, era para porcos, cabritos, etc. E, no Torto, onde está hoje o presidente da República e tal, era para gado, e ficou o Dr. Iris Meinberg. Uma coisa que... um parêntese aqui. O outro diretor, o Saião, eu e o outro diretor, pela lei era escolhido por uma lista tríplice, enviada pelo maior partido da oposição; então, na lista tríplice, que a UDN apresentou, tinha o Café Filho, tinha o Jader Machado, que era inimigo do Ludovico aqui, e tinha o Iris Meinberg; então, foi escolhido o Iris Meinberg para diretor da Novacap. E o Israel Pinheiro, muito sabido... vocês vão fazer um apanhado, eu posso entrar numa coisa e sair na outra, né? Ele muito sabido, muito político, botou um representante da oposição, e que ele era também pecuarista, e era advogado, e deu quatro departamentos a ele: financeiro, contabilidade, departamento jurídico e departamento de agricultura.

SK - Realmente muito esperto.

ES - Ele é que assinava o cheque para o Israel.

SK - Depois para dizer que estavam fazendo nada errado, né?

ES - Hein? Né?

SK - É, a responsabilidade.

ES - Então, “Ah, estão fazendo... eles estão roubando”, mas você está lá, está assinando.

SK - É, exatamente. Você está ali, é responsabilidade.

ES - Algumas vezes, eu assinava, porque ele viajava e tal, não estava na hora aqui, eu assinava; poucas vezes. Então... então, o negócio está aqui, está vendo?

SK - É.

ES - Esse crime, você vê... eu acho que tem aqui... eu tenho aqui... eu tenho uma fotografia... mais para cá...

SK - Aqui a foto do Catetinho...

ES - [O Banco do Brasília]. Olha aqui.

SK - É.

ES - Isso é a caixa d'água. Olha aqui.

SK - É, isso aqui é o traçado...

ES - Isso aqui é a rodoviária, o ponto zero.

SK - É, essa foto aqui do eixo, né, traçado do eixo.

ES - Você sabe que a construção de Brasília, o primeiro... cadê? onde é que está?... eu não sei onde eu botei... foi uma história danada... não botei, não.

SK - Seu Ernesto, vamos combinar o seguinte. A gente pode parar por aqui, e amanhã, a gente gostaria de entrar um pouco por essa história da...

ES - Novacap.

SK - ...da saúde aqui, em Brasília. Por exemplo, vamos falar do hospital, né, que foi construído logo no início; da relação com o pessoal das endemias. Então, a gente pode... e, claro, se o senhor lembrar de alguma outra coisa de hoje para amanhã, a gente retoma. Pode ser assim?

ES - Pode. Agora, eu vou dar a você então, a destituição da Novacap pelos diretores.

SK - Hum, hum.

ES - O Israel Pinheiro ficou com ele mesmo o Departamento de Urbanismo e Arquitetura, Departamento de Compras e o Departamento, que tinha aí, Industrial, de fazer coisa, etc. Ele ficou com o Departamento de Compras, ele; então, o chefe do Departamento de Compras estava subordinado a ele. O Sayão, que era engenheiro, ficou com tudo: edificações, água, esgoto, telefone, etc. Eu fiquei com toda a parte administrativa: pessoal, material, documentação, departamento imobiliário, saúde, educação, ciência social; fiquei com isso. E aí tocamos; cada um tinha sua supervisão. Nós tínhamos essa divisão, e fazíamos reunião da diretoria, para aprovar, e quem despachava com o Juscelino era o Israel. E muita gente pergunta se eu era íntimo do Juscelino; eu não era íntimo do Juscelino; eu era a pessoa que vivia com ele, conversava, nós fazíamos reuniões, quando ele vinha aqui, mas quem despachava com ele era o... então, nós não tínhamos essa intimidade; nem eu tinha intimidade, porque ele tinha uma... ele tinha uma patota – como se diz, né? –, tinha um grupo que tocava violão, Vinício de Moraes, Tom Jobim vinha para cá e tal.

SK - Vinham para cá?

ES - É.

SK - É?

ES - Fizeram música para cá. E tinha o pessoal, Niemeyer, isso, aquele pessoal dele de mesa, se reuniam no Catetinho, e eu não me metia; não era da copa e da cozinha.

SK - Mas o senhor não gostava de serestas, essas coisas?

ES - Não, não era seresta... Não, às vezes, eu vinha, ficava aí, mas eles na deles. Depois às vezes ele ia pro Catetinho dele, né? Então, ficava assim; eu não era...

SK - Mas qual era a sua impressão pessoal dele?

ES - Mas ele me apoiou muito em duas coisas: na educação e na saúde. Na saúde, quando eu precisei fazer uma concorrência internacional para comprar tudo, e todo mundo da Novacap que estava, Israel, e todo mundo foi contra, e ele interferiu e apoiou e disse que arranjava o empréstimo para fazer.

SK - Vamos deixar isso para amanhã? Eu só queria terminar com essa pergunta que eu fiz ao senhor. Qual era a sua impressão pessoal do Juscelino?

ES - Eu acho que ele era um otimista fantástico, e até o pessoal da UDN não tinha... tinha receio de falar com ele, que podia ser cooptado.

SK - Ele era muito persuasivo.

ES - Ele era simpaticíssimo, alegre, compreendeu, e determinado, sabia o que queria. Teve aquele programa de metas, de 26 metas, cumpriu aquilo tudo. E não tinha ódio das pessoas. Você vê, teve dois levantes durante a gestão dele, né, perdoou todo mundo, compreendeu? Então, ele não tinha assim... ele era um homem atraente, como se diz, atraente; a gente ficava fascinado por ele, por essa série de qualidades que ele tinha. Então, ele entusiasmava, entusiasmava os operários, vinha para cá de madrugada, vinha para cá; vi muitas e muitas vezes; saía do Rio às oito, nove horas da manhã, 10 horas, vinha para cá, visitava as obras, e três, quatro horas da manhã ia embora; muitas vezes ele veio aqui; e ficava com os operários conversando. Isso aí estimulava, né? Você tem que estimular as pessoas que trabalham com você, né?

SK - Claro. É fundamental.

ES - Principalmente se as pessoas que estão cumprindo com o dever. Isso, eu acho... se eu faço isso, é muita coisa; eu digo assim: “Você tem que elogiar os bons; venerar as pessoas boas”. Porque tem picareta à beça, tem muita gente ruim.

SK - É verdade.

ES - Não é isso? Então, você tem que estimular. A pessoa é boa, você estimula e ajuda. Agora, ele não se importava muito com as críticas assim; ele achava que era uma falsidade até contra o país, compreendeu, mas ele não... Tanto que, no final, quando ele fez o discurso aqui, no dia 21 de abril, ele acabou assim: “Deixemos entregue ao esquecimento e ao juízo da história aqueles que não compreenderam, nem amaram essa obra”.

ES - Bonito, né?

ES - E até a minha mulher disse assim: “Ernesto, esse cara fala tão mal de você e tal”, “Deixa para lá, deixa para lá”.

SK - Essa é uma boa frase, né?

ES - Você olha para ele, ele vai viver menos do que eu. E agora eu estudei muito, depois dessa minha coisa de coluna, eu tenho... eu digo sempre para todo mundo: “Minha coluna

tem 92 anos, mas eu tenho”; eu não sabia a minha idade; eu não sabia a minha idade. Eu sou uma fera no trabalho. E quando todo mundo descobriu isso... porque quando eu fiz 50 anos de Brasília, em 2004, que vem daquela época que eu vim para cá, fizeram muitas festas; fizeram uns cartazes assim: “Cinqüenta anos de Brasília e 90 de idade”; aí me entregaram. (*risos*)

GH - Não precisava.

SK - É verdade, não precisava, né?

ES - Agora já perguntam: “Agora, quanto é que você tem?” Eu digo: “Tenho 92 anos e seis meses; em setembro, 93”.

SK - Bom...

ES - “Qual é a sua idéia de futuro?” Eu digo: “É não morrer”, “Por quê?” Eu digo: “A morte é uma safadeza”.

SK - É verdade, é verdade.

ES - Você morre. Você faz uma vida inteira, faz, é bom, é tal, é útil, e morre; botam no caixão; aí... não, só o caixão não, vamos tapar o caixão; tampam o caixão. “Ah, não. Agora, bota num buraco”. Tanto que eu vou ser cremado.

SK - É melhor, né?

ES - Agora, se quiser bota... uma coisinha aqui, venera, ou põe no Memorial JK, sei lá, mas eu não vou dar a petulância de me meter num caixão.

SK - É, não, não pode. Tá bom. Eu vou encerrar por hoje. Muito obrigada, Dr. Ernesto. A gente retoma amanhã.

GH - Amanhã, às 10, a gente...

*Dia seguinte*

Data: 27/04/2007

### **Fita 3 – Lado A (continuação)**

SK - Bom, hoje é dia 27 de abril. A gente está continuando aqui a entrevista com o Dr. Ernesto Silva. O senhor estava falando de... da época... da questão de licitação para construir aqui. Como é que é? O senhor estava... Retoma, por favor, Dr. Ernesto, o que o senhor estava contando para gente agora, só para ficar gravadinho aqui.

ES - [?]

SK - Não, porque o senhor estava contando agora aqui... agora, quando a gente começou. O senhor estava falando que não podia licitar essa área pra...

ES - Não podia licitar as áreas das vizinhanças, da escola-parque, nem deixar de fazer a cinta em volta das quadras, de árvores de grande porte, com 20 metros de largura, porque isso era uma coisa clássica que não podia ser motivo de outra destinação. Então, eu fui... o Tribunal de Contas queria fazer a licitação, eu fui à Terracap, que é o lugar que faz a licitação; e o Tribunal de Contas tinha pedido à Terracap para fazer licitação. Eu fui à Terracap e expliquei tudo ao diretor da Novacap, e ele se convenceu, viu que era inconcebível a gente fazer uma licitação, porque o Clube das Vizinhanças...

SK - Clube da Vizinhança que se chamava?

ES - É Clube das Vizinhanças; é um clube para cada quatro quadras, há um clube das vizinhanças para o pessoal da unidade de vizinhança das quatro quadras.

SK - Entendi. Clube de Unidade de Vizinhanças.

ES - Então, são os prefeitos das quatro quadras que providenciam isso com os moradores e formam o clube. O clube pode ser um clube pequeno, porque é para 15 mil pessoas, que as quatro quadras devem ter 15 mil pessoas. O clube, o dia-a-dia, tem um campo de vôlei; um campo de basquete; tem uma piscina, se possível; pode ter uma sala para comemorações, para discussões; enfim, uma coisa simples, como se fosse um clube de bairro. E as pessoas não compreendem, vê um terreno vazio, começa a ver um terreno vazio, já quer botar uma coisa qualquer. E eles são muito poderosos, né? Eles têm dinheiro, eles fazem chantagem com as pessoas, das autoridades e tal, e são muito insinuantes, né? – todo picareta é insinuante, né? Então, esse clube foi feito logo no princípio de Brasília; e não havia outro, e foi andando, foi andando, eles fizeram obras além dos terrenos, na área pública, e tem hoje nove mil sócios. O resultado é que, chega um clube da vizinhança, eles têm o presidente, o presidente atual... o tesoureiro atual, um é de Guará, outro é de Samambaia; então não está identificado que aquilo é um clube local. E talvez por isso, o Tribunal de Contas queria fazer a licitação, porque ficou descaracterizado, descaracterizado. Então, eu fui à Terracap, expliquei isso tudo, que o clube estava desestruturado, estava fora dos parâmetros, e ele suspendeu a licitação, e eu fui então ao Tribunal de Contas, onde eu tenho amigos; fui lá e mostrei tudo aquilo aos

assessores do Ministro Costa Couto, que ia ser o relator; expliquei tudo a ele, e ontem eu tive a notícia de que o Tribunal de Contas aprovou uma regra para o funcionamento do clube. Então, ali, eu fiz questão que botasse que os clubes iam ser gerenciados por pessoas residentes nas quatro quadras; mas aí, eles têm que mudar o estatuto, eu ainda não fui lá. Eu não sei, que eu perdi esse trabalho, estava comigo, para Ciência Francesa, não sei para onde eu foi, deixei lá. Mas então nós vamos lá, não há clube. Agora, por que é que não há clube? Porque também não é interesse do governo, porque se os quatro prefeitos não têm muito dinheiro, etc., seria justo e útil que a Secretaria de Esporte lá fizesse um campo de vôlei, um campo de coisa, começasse assim, depois desse lado; a Câmara Legislativa determinasse no seu orçamento para os clubes e das vizinhanças tanto por ano, não sei o quê. Mas não fazem isso, não compreendem nada. De modo que a gente tem que fazer as coisas lutando muito, e lutando contra uma montanha de pessoas desinteressadas por Brasília, mas interessada por cada um deles.

SK - Pois é, até, Dr. Ernesto, eu ia começar justamente perguntando ao senhor... porque ontem o senhor falou muito... quer dizer, a gente parou a conversa ontem, o senhor falando dessa luta, que era vir para cá, do empenho, do que é que estava por fazer. E o senhor estava contando para gente que, como membro da diretoria da Novacap, o senhor se responsabilizou pela área de saúde.

ES - De saúde e educação.

SK - De saúde e educação. Então, eu até estava lendo logo no seu livro, o senhor fala que designou, assim que chegou aqui, designou um sanitarista para avaliar as condições de salubridade do local. Quem era esse sanitarista?

ES - João Leão da Mota.

SK - João Leão da Mota. Ele era da onde?

ES - Do Departamento de Endemias Rurais, do Ministério da Saúde.

SK - E o senhor chegou a ele como? O senhor lembra? Ele era... ele era... porque na época o departamento era chefiado pelo Pinotti, né?

ES - Pelo Pinotti. Eu fui lá porque eu já era diretor da Novacap.

SK - Como é que foi esse começo assim, de mapeamento das condições de insalubridade daqui, da região? Conta um pouquinho para gente como é que foi a sua relação com o DENERU.

ES - Bom, ele tinha toda a liberdade de fazer o que queria. Então, ele fez um levantamento aqui, uma pesquisa vendo minuciosamente todo material dele, todo pessoal dele, e concluiu que não havia doença de barbeiro aqui, nessa área; havia fora daqui, em Formosa, por aí, perto de Minas, mas não havia nesse território que nós escolhemos como Distrito Federal. Então, foi uma notícia muito alvissareira, né, de que a gente ia pisar num terreno... nesse particular, um terreno limpo, né? Eu não sei porque não havia doença de Chagas, não havia o barbeiro aqui, e talvez porque não houvesse muitas casas aqui, né?



SK - É. O senhor lembra, além da doença de Chagas, outra preocupação de ver assim, se não havia outras do... quer dizer, não é nem... possibilidades de outras doenças aqui, o senhor lembra o que é que...?

ES - Não, podia haver... porque havia muito pouca população aqui, muito pouca. Terrenos devolutos. Na primeira viagem de Juscelino, em 2 de outubro de 56, ele foi... levaram ele para casa de um caboclo – você viu ali, né? –, é um caboclo com [?], muito simples, e aquela fazenda tinha não sei quantos km<sup>2</sup>, e ele estava ali sozinho. Então, era muito rarefeita a população aqui. Então, paralisia infantil não havia aqui, nas pessoas que estavam aqui. E havia era o quê? Um pouco de desnutrição, essa coisa que a gente vê nessa... nessa família já...

SK - Verminose, o senhor lembra?

ES - Verminose, nós não tínhamos ainda como fazer, né? Porque quando eu cheguei aqui, eu montei um departamento de saúde pública precário ainda, né, e era uma pessoa só, e veio depois o HJKO, né?

SK - Pois é, vamos chegar lá. É só para ter... esse Dr. João, né, João, que o senhor falou...

GH - João Leão da Mota.

SK - João Leão da Mota. Ele, provavelmente, devia ser da circunscrição Goiás, do DENERu, né? Devia ser de Goiás aqui, né?

ES - Não, eu não sei. O João Leão da Mota veio sozinho, e trouxe algumas pessoas, depois essas pessoas foram embora, os auxiliares dele, e ele ficou como funcionário da Novacap. E toda parte dele era de endemias rurais, de vacinas contra tracoma, essas coisas todas, e ficou toda a vida aqui. Hoje, o filho dele, está aí.

SK - Eu me lembro de trabalhos de época, falando do Dr. Átila. Foi dessa época? Átila...

ES - Átila Gomes.

SK - Átila Gomes, isso. Foi depois do Dr. Átila.

ES - Esse veio um pouco mais tarde, mas veio durante a construção. Ele veio em 58; ele era um sanitarista muito bom, compreendeu? Eu tenho até um depoimento dele, no livro, do que ele fez aqui sobre saúde em casa, tudo isso. Ele foi um precursor da saúde em casa.

SK - Vamos falar nele então daqui a pouco.

ES - Eu vou fazer... esse livro, eu tenho um exemplar, e eu vou tirar um xérox para vocês.

SK - É, a gente pode tirar uma cópia. Mas então, o senhor estava falando que criou esse departamento de saúde pública na Novacap, é isso?

ES - É, Departamento de Saúde.

SK - Associada à Novacap?

ES - Associada à Novacap; era um departamento da Novacap.

SK - Sim. E aí fazia o quê?

ES - Fazia vacinação, consultas, dava carteira de trabalho, vacinações; esse era o encarregado disso tudo.

SK - Era vacina de quê que faziam aqui?

ES - Tudo. A tríplice, compreendeu, antivariólica, BCG, essa coisa toda.

GH - Tinha caso de...

ES - Hein?

GH - No período da construção, teve casos de varíola?

ES - Durante o período de construção. Todo trabalhador tinha sua carteira de trabalho.

SK - Mas teve caso de varíola aqui?

ES - Não, não, varíola não.

SK - Não teve.

ES - Nunca apareceu. Nem paralisia infantil.

SK - Não tinha também.

ES - Não, porque nós vacinávamos todas as crianças com a [Salc]; todas as crianças; e depois com a Saib.

SK - E como é que era a reação da população à vacina?

ES - Não tinha... não... Eu acho que...

SK - Aceitavam?

ES - ...ninguém reage. Alguém reage sobre a vacina?

SK - Bom, antigamente reagiram muito, né?

ES - É, mas aqui não. Aqui era quase uma ditadura, né? (*risos*)

SK - Quer dizer, tinha que tomar, né?

ES - É, tinha que tomar.

SK - Tinha que tomar.

ES - É, mas eu não vi ninguém... a criança reagia pela injeção.

SK - É, criança naturalmente.

ES - ... mas os pais não, os pais não reagiam. Havia aqui uma solidariedade emocionante, emocionante.

SK - É, mas porque nessa época, que o senhor está falando, já estavam chegando os trabalhadores.

ES - Pois é, todos os trabalhadores; iam chegando, iam sendo solidários, e...

SK - Essa população que...

ES - Nunca houve uma greve aqui; nunca houve uma greve.

SK - O pessoal estava irmanado, né?

ES - É. Houve aquela história do Pacheco Fernandes, que eles revoltaram-se com a comida, quebraram os pratos, etc., e a polícia foi lá.

SK - Ah, é? Quando foi isso?

ES - Houve troca de tiro e uma pessoa morreu. Mas foi uma coisa única aqui.

SK - Quem era esse Pacheco Fernandes?

ES - Pacheco Fernandes era o acampamento, o acampamento da firma que estava fazendo o hotel de Brasília Palace Hotel. Mas aquilo..., mas a oposição, aquele negócio de sindicato e tudo, sempre, que eram contra Brasília; então, eles aumentavam muito as coisas, que morriam pessoas, que caíam pessoas dos andaimes; e eu sempre dizia: aqui é um lugar que há muita obra, aconteciam acidentes como acontece em qualquer lugar". Mas eles faziam isso. Até houve um filme, Cavalheiros não sei de que, em que ele mostra o sujeito dando tiro, etc., um tal de Wladimir Carvalho, que era um cineasta. Mas isso a gente esquece. Muitas vezes para dizer quanto custou Brasília. Ele disse assim: "Você não pergunte quanto custou Brasília, mas quanto Brasília foi bom..." ...

SK - É verdade.

ES - "...mesmo tendo essas... essas... vou dizer assim, se foi caro, foi pro povo brasileiro". Mas a questão é essa, a oposição tem essa...

SK - Ah, isso faz parte, né, Dr. Ernesto.

ES - Agora, isso assombrou o mundo. Essa construção de Brasília assombrou o mundo, porque é impressionante como o chefe de Estado, príncipe do Japão, veio aqui ver, durante a construção de uma cidade...

### **Fita 3 – Lado B**

SK - Eu ia perguntar ao senhor o seguinte. Esses trabalhadores que chegavam de todos os lugares do Brasil, né, eles, certamente... por exemplo, esse departamento de saúde, que o senhor criou, fazia exames nessa população que chegava? Quais eram os exames que eram feitos? O senhor lembra?

ES - Exame geral; fazia exame geral, exame de fezes, exames simples, para ver se tinha pneumonia, tinha isso, precisava ver o estado de saúde; e exame de fezes, fazia muito exame de fezes aqui. E eles chegavam assim, aos montes, porque “Tem... há trabalho lá”. Então vinham chegando, chegando; como eu disse, ninguém chamou ninguém, ninguém botou ninguém para fora; quem não se adaptasse aqui, ia embora. Amigos meus, por exemplo, um que eu trouxe do Rio de Janeiro, depois de cinco, seis meses, disse: “Olha, eu não agüento isso aqui”, e foi embora, porque o trabalho era muito forte. O trabalhador trabalhava oito horas, descansava oito horas e trabalhava oito horas; morava dentro das obras, tinha o [alojamento], e tinha refeitório dentro das obras. Então, aquilo era só trabalho. Eles tinham dinheiro na Caixa Econômica; vinham sem a família, depois começaram a trazer as famílias, fazer os seus acampamentos, nós fazíamos aí; tinha a Vila Amaury, tinha outras vilazinhas pequeninas que a gente fazia para os abrigar.

SK - Isso começara ali, onde é o Núcleo Bandeirante?

ES - O Núcleo Bandeirante era mais de comércio, né? Então, de imediatamente, nós abrimos para o comércio.

SK - Que era... é o que se chama de Cidade Livre, é isso?

ES - É, precisava, porque tem gente aqui, mesmo não tendo família e tal, mas precisava um comércio. O primeiro foi um padeiro, botou um padeiro para gente comer pão. Veio um padeiro, o Vitor Pilóquio; ele é um italiano. Botou um padeiro, e a gente dava o lote, dava não, concessão de uso; eles não eram proprietários; concessão de uso, concessão de uso. E a Cidade Livre ainda estava... a Cidade Livre era o foco de atração, principalmente para estrangeiro.

SK - E chamava Cidade Livre por quê?

ES - Porque era livre.

SK - Mas não tinha uma coisa também de não... até a coisa de impostos e tudo, como é que era isso? Era muita facilidade para pessoa poder...

ES - É, era uma cidade livre porque a gente dava, a gente dava concessão de uso; eles não eram dono, se saísse de lá. É o que eu queria fazer com o negócio com o Roriz, que ele doou o terreno, e deu... deu certidão, e eles saíam daqui, e eles vendiam.

GH - Vendiam, né? Agora, esses trabalhadores que chegavam de vários lugares do país para trabalhar...

ES - Em primeiro... em primeiro lugar, nós botamos 100 barracas do Exército; o Exército cedeu 100 barracas, e já botamos os primeiros. Depois fizemos, na Candangolândia mil casas, mil casinhas; mil. E aí começou, começou a chegar, começou a chegar. E as firmas tinham lugar para eles dormirem; tinha refeitório. E a Cidade Livre começava a ter uma coisa, mais uma coisa, mais outra, e depois ficou cidade livre, uma cidade que tinha tudo ali, tinha o... tinha o Diamantina, que era um shoppingzinho... não, era mais um... não era um shopping, era um shoppingzinho só de comida, etc. e tal, que era chamado Diamantina; e o pessoal gostava; gostava, tinha tudo. Depois também nós chamamos um grupo de japoneses para examinar a terra aqui; foi logo em novembro, logo em novembro.

SK - Novembro de...?...

ES - 56. Logo que a gente teve o Catetinho, nós convidamos uma instituição, que havia em São Paulo, chamado Cotia; essa era um grupo de japoneses, uma firma de japoneses; então, eles vieram aqui para ver o local, onde a Novacap daria a eles de concessão, para eles desenvolverem a cultura; ia precisar de coisas, todos os produtos hortigranjeiros; então, nós cedemos isso por 30 anos, uma coisa assim, que aí é em Vicente Pires – é um lugar aí, que é uma cidadezinha –; e vieram... vieram aqui.

SK - Só um minutinho. Você ia perguntar uma coisa sobre os que estavam chegando?

GH - É. Porque eu queria saber assim: essas pessoas que chegavam de muitos lugares do Brasil, às vezes traziam doenças, já tinham malária, ou podiam ter outras doenças. Como é que era isso? Fazia-se uma triagem nos trabalhadores, quem tivesse doente não podia trabalhar?

ES - Não, não. Fazia triagem. Todos eles eram examinados.

GH - Agora, e se tivesse, por exemplo, com certas doenças?

ES - Depois eu vou te contar da tuberculose, que nós fizemos. Mais tarde, mais tarde, em 58, nós pedimos ao Noel Nutels, que era da... o Noel Nutels era do Ministério da Saúde, era do Serviço de Tuberculose, das unidades aéreas...

GH - Da [Susan]?

ES - ...unidades aéreas, que ele tinha. E pedimos a ele uma pessoa para aqui, para fazer um rastreamento. E essa pessoa veio para cá, Dr. Carlos Alberto Florentino, que é uma pessoa que fez um trabalho fantástico; ele saía com um aparelho de abreugrafia em todos os sítios, todos os acampamentos. E eu posso te dar também o resultado disso, compreendeu? Eu acho que eu tenho aí até um livro, posso te dar o livro inteiro, que eu

chamava de *A Medicina da Poeira e da Lama*, compreendeu? Eu vou ver depois; depois a gente vai ver; senão, eu faço um xérox para você. Então, ele fez um trabalho fantástico.

SK - Fez um levantamento.

ES - E deu um resultado mínimo de gente com tuberculose. O que é que acontecia? Quando a coisa era muito leve, no princípio, uma coisa leve, nós fizemos um hospitalzinho para tuberculose, chamado Tamboril.

GH - Tamboril.

ES - Tamboril, ela tinha 20 leitos; então, ali, se curava aqui mesmo. Quando a coisa era mais séria, nós dávamos passagem para pessoa ir para o estado de origem dele. Tudo bem organizado, tudo bem organizado. E houve uma época até que havia um pouco de desidratação de criança – isso mais adiante, em 59 e tal –, nós pegamos uma casa ali, da W3, fizemos um berçariozinho pras crianças, em 48 horas.

SK - Nossa!

ES - Era. A carpintaria fez as caminhas, nós compramos em Goiás os medicamentos e tal, o material, e depois fizemos em 48 horas. Agora, seria talvez uns seis meses para fazer um berçário.

SK - É, pois é. E lepra tinha?

ES - Lepra tinha muito pouco, mas tinha. Tinha um médico que era especialista nisso. Nesse livrinho que eu vou te dar tem tudo aí.

SK - Também veio uma pessoa para cuidar disso.

ES - É, só da lepra, da lepra.

SK - Na época, havia os serviços nacionais, né, Dr. Ernesto?

ES - Pois é, pois é.

SK - Do Ministério. O senhor tinha contato com o pessoal do Ministério da Saúde? Como é... direto assim? Como é que era? Eles vinham para cá, ver, acompanhar?

ES - É, pois é, vinha para cá. O Mário Pinotti sempre designava pessoa para ver como estava, e me auxiliaram muito na questão do plano de saúde também, me dando força.

SK - O senhor conheceu o Pinotti já desde que veio para cá?

ES - É, porque ele era o secretário de saúde; eles vinham sempre aqui. Eles vinham também aqui com o Juscelino.

SK - Qual a sua impressão dele?

ES - O Pinotti era muito bom; eu gostava do Pinotti. Mas teve um outro, um outro ministro de Saúde...

GH - O primeiro do Juscelino foi o Maurício Medeiros.

ES - Maurício Medeiros.

GH - Depois que foi o Pinotti; o Pinotti foi em 58.

ES - Maurício Medeiros, um psiquiatra, né? Então, eu tive com ele, depois que veio o Pinotti. Mas eu me dei muito com o Maurício Medeiros também. Foi o Maurício Medeiros que cedeu o Carlos Alberto Florentino; depois é que veio o Pinotti.

SK - Carlos Alberto Florentino era da tuberculose.

ES - Tuberculose. E eu tinha muito cuidado, muita gente me criticava de fazer isso, sabe, diz que era demais, não sei o quê.

SK - Por que é que criticavam?

ES - Porque eu estava no meio de engenheiros só, né? Eles queriam obra, obra, obra, obra, obra.

SK - Mas, por exemplo, uma coisa...

ES - O próprio Israel Pinheiro, o próprio Israel Pinheiro, quando eu botei escola para todo mundo aqui, não havia uma criança sem escola, todos os acampamentos tinham escola, e ele achava que as professoras para o ensino primário não precisavam ser... não precisavam ser concursadas, nada. Ele disse: “Não precisa. Qualquer pessoa dá”; ele dizia isso, né? [O que eu vou fazer?]

SK - É.

ES - Quando eu fiz, fizemos escola-parque e tal, ele dizia que era uma escola de bobagem, que era brincar, isso e tal, tocar piano. Ele tinha... era um trabalhador infatigável, muito competente, muito sério, como político também, mas ele tinha essas coisas provincianas.

SK - Agora, é engraçado, é interessante. O senhor falou: “Eu estava no meio dos engenheiros”, né? Como é que foi a chegada dos médicos aqui? Por exemplo, o pessoal que veio trabalhar no hospital do JKO?

ES - O JKO foi o Rassi que fez aqui, que ele tinha casa de saúde; aquilo era do Rassi.

SK - Lá de Goiânia, né?

ES - Depois que ficou para o IAPI, que fez aquilo, né? Então, o primeiro que veio foi o Edson Porto, que botou um ambulatoriozinho, e depois ficou no hospital; o hospital foi inaugurado em abril, maio.

SK - Cinquenta e sete, não foi?

ES - Cinquenta e sete, é. E depois vieram os médicos; vieram...

SK - Eles vinham como? Vinham da onde? Vinham...

ES - Vinham porque precisavam trabalhar.

SK - Mas eles vinham associados aos institutos de... porque tinha uma coisa dos institutos previdenciários, né, que mandavam.

ES - É, pois é. É grupo de previdenciários, do IAPI; o IAPI mandava os médicos para cá. Então, tem aí um grupo de médicos, até que eu homenageei, em 21 de abril; botei lá... eu tenho uma coluna na... na Revista de Associação Médica, e botei então o nome de ... outros... que o pessoal mesmo do JKO não se lembrava, não podia, tanto que eu botei no [meio]: “As omissões e tal... desculpe por haver certas omissões, etc.”

GH - A revista que o senhor falou é a Revista Médica de Brasília, né?

ES - É. Porque nem as pessoas, nem o Edson Porto, o Edson Porto nem quis me dar a relação; ah, não se lembrava. E o Gustavo Ribeiro também não; e o Célio Menegutti, que ele sempre vem aqui comer minha rabada, ali, naquele [restaurante], ele também não sabia tudo. E eu também... eu sabia muito também, mas não sabia tudo. Tanto que eles, na lista que eles me deram, eu botei mais alguns, que eu sabia.

SK - Que o senhor se lembrava. Esses primórdios, por exemplo, o senhor está falando: vinham os médicos dos institutos, o senhor fez o departamento de saúde. O senhor tem registro de arquivo dessa época? Por exemplo, a papelada ficou guardada, é isso?

ES - A papelada não ficou, não.

SK - Não, né? Porque tem um arquivo da Novacap lá, no Arquivo Público.

ES - Tem o artigo. Lá, vocês podem conseguir; lá pode conseguir, porque cada um fez um depoimento lá.

SK - Não, mas eu digo tem um arquivo não só de entrevistas; tem arquivo de papel....

ES - Tem, mas esses do princípio, acho que é difícil, né?

SK - É.

ES - Eu ontem encontrei uma coisa. Fui até na reunião, e mostrei umas coisas que eu encontrei aqui. Inclusive, a questão dos japoneses. Quando os japoneses vieram aqui, eu vim com eles, no avião; vim com eles; vim com eles e desci aqui. E o Dr. Israel estava no Catetinho, nós fomos todos para o Catetinho – o campo de aviação era ali também, que nós botamos –, e eles foram ver essa área que nós íamos ceder aos japoneses para eles desenvolverem agricultura. Quando eles voltaram, eles ficaram aqui, nós fomos dormir em Luziânia até, porque aqui não tinha para todo mundo, e eu não ia dormir sozinho aqui



e eles para lá; eu acompanhei, eu dormia lá... dormi lá no centro de saúde, que ia ser inaugurado e estava vazio. Depois voltamos; voltamos e eles iam embora; e o Seu Israel disse: “Como é? Vocês... Como é? Gostaram, viram tudo?”, “É, vimos tudo e tal”. E os japoneses disseram: “Aqui, a terra não é muito boa, não”. Aí, o Israel disse: “Bom, se a terra fosse boa, eu não precisava de japoneses”. (*risos*)

SK - E eles desenvolveram o quê? Agricultura.

ES - Ah, tudo foi de agricultura: havia galinha, tudo isso, abóbora... Eles tinham tudo e abasteciam tudo.

SK - Os trabalhadores brasileiros não ficaram enciumados com isso, não? Assim, não tinha uma... tinha alguma competição? O pessoal não reclamou dos japoneses aqui, não?

ES - Não, não reclamou, porque não tinha ninguém para fazer isso. E nós demos aos japoneses, porque sabemos que os japoneses trabalham muito, e têm técnicas interessantes, né?

SK - É verdade.

ES - Eles têm... que o mamão papaya, foi ele que fez, né? E tem essas coisas, às vezes dá certo, outras vezes não dá.

SK - Eu tinha uma pergunta para o senhor, que é o seguinte. O senhor falou no seu livro, vinculado a esse departamento de saúde da Novacap, de uma equipe volante que percorria... Isso foi desde o início? Como é que era essa equipe volante?

ES - Não, foi bem... Essa equipe volante começou, realmente, em 58.

SK - Em 58? Como é que era? Ela era formada por quem? Como é que era? Quem fazia parte dessa equipe?

ES - Tinha um jipe com médico, e, principalmente, foi estimulada quando o Florentino passou para cá, fazendo então a abreuografia de toda a população.

SK - Então, essa equipe volante era para fazer, especificamente, isso ou fazia um exame geral da população?

ES - Para exame geral era feita no Departamento de Saúde; quando eles chegavam aqui, tinha o exame.

SK - Entendi. Então, essa equipe volante era uma coisa mais específica para ver tuberculose.

ES - Para ver tuberculose; então, se detectasse outra coisa, também, né? Agora, tinha o hospital, que era para eles, para ambulatório, e tem tratamento. Eu tinha um ambulatório pequenino lá, no Departamento de Saúde, para coisas pequenas, para vacinação, etc., e tinha a parte da tuberculose. Eu vou interromper um pouquinho, para ver se vejo o livro,

o livro que eu tenho aqui, e se não tiver outro, que eu vou ver se tem dois, eu já mando tirar um xérox para vocês.

SK - Tá, eu vou parar um minutinho.

ES - Péra aí.

(*pausa*)

ES - “...são da Companhia Urbanizadora da nova capital, empresa constituída em 24 de setembro de 1956, cujo estatuto conteria poderes ilimitados. Um breve relato, tal, tal, tal, tal, tal, a diretoria, o Israel presidente... ao departamento da divisão.”

SK - Só para deixar registrado, ele está lendo um trecho do livro... um capítulo chamado *Medicina da Poeira e da Lama*.

ES - “Logo após a criação da Novacap, procuramos entendimento com o DENERu - Departamento de Endemias Rurais do Estado, com o IAPI, e criamos o Departamento de Saúde da Novacap, sob a chefia do médico Jairo de Assis Almeida, o Denerou instalou imediatamente em barraca de lona um posto pioneiro sob o comando do médico João Leão da Mota, competente, sério e batalhador, que prestou relevante serviço à comunidade. O Instituto de Aposentados e Pensões, numa pequena construção de madeira, atendeu os primeiros trabalhadores que chegavam ao Planalto, sob a direção do dedicado médico recém-formado Edson Porto; era um posto médico de emergência, instalado em dezembro de 56, pela Casa de Saúde Dr. Rassi, em Goiânia. Mais tarde, inaugurado oficialmente, em 6 de julho de 57, o presidente Craveiro Lopes Portugal o visitou no dia 29 de julho, e localizado no Núcleo Bandeirante funcionou o Hospital do IAPI, para, posteriormente, ser batizado com o nome de Juscelino Kubitschek (*inaudível*) servidores daquele instituto de previdência, os quais se houveram com excepcional dedicação, competência e dignidade. O hospital prestava assistência médica, cirúrgica e odontológica aos servidores, operários e particulares. Dois documentos administrativos, um de [Manoel de Cartesine], e outro de Samuel Magalhães, relatam por menores do funcionamento desse hospital. O Departamento de Saúde da Novacap mantinha em sua sede, no acampamento da Novacap, a Candangolândia, serviço de vacinação antivariólica, antitífica, paratifo e salk, e tríplice, e um ambulatório de atendimento geral para os servidores da Novacap, proporcionando-os também medicamento de urgência, aplicação de injeções, curativos e pequenas cirurgias. Promoviam vacinação com equipe volante, que percorria os acampamentos do Núcleo Bandeirante e as cidades satélites.”

SK - O senhor tem esses documentos aqui, Dr. Ernesto? Esses documentos, que o senhor cita – está vendo? Dois documentos elucidantes, um de Manoel de Cartesine e outro de Samuel...

ES - Eu tenho. Eu pensei que tivesse botado nesse livro aqui, mas está no outro. Eu vou procurar o outro livro.

SK - Depois a gente pega com o senhor então.

ES - Eu vou procurar.

SK - É, pode depois, com calma, se achar, tirar uma cópia.

ES - Eu tenho lá. Eu acho que tenho em outro lugar. Toma nota aí, para me lembrar.

SK - Tá, anotei aqui.

ES - Bom... “Departamento estendia também a sua ação aos municípios vizinhos, de Planaltina, Formosa e Luziânia. Em 1957, fez-se uso em massa da vacinação, do combate ao início e surto de poliomielite, em Planaltina.”

GH - Só perguntar uma coisa para o senhor. Por exemplo, Brasília não era uma cidade, portanto, ainda não tinha um governo, era Novacap...

ES - Era de Goiás ainda.

GH - É, Goiás. Então, no campo da saúde, o senhor tinha... a Novacap tinha completa autonomia nessa área? Qual era... como é que era a relação do senhor com o Ministério? O Ministério não interferia?

ES - Não, não interferia, não interferia. Me ajudava, mas não interferia.

GH - Não interferia.

ES - Não interferia.

SK - Nem o pessoal de Goiás?

ES - Não. Muito menos, muito menos.

SK - É.

ES - Muito menos. Eu me dava sempre com o pessoal do Ministério da Saúde.

GH - Por exemplo, quando o senhor recebia o ministro aqui, ele ia visitar primeiro o Medeiros, depois o Pinotti, né, que eu acho que foi de 58 a 60...

ES - Eles vinham com o presidente.

GH - Vinham com o presidente. O que é que eles tinham interesse em saber, por exemplo, o ministro...?...

ES - Não, eles perguntavam o que a gente estava fazendo e tal. Perguntava, porque era uma coisa séria, séria, num ambiente, vamos dizer assim, todo ele rústico, não havia nada, não tínhamos nada.

GH - Mas tinha alguma... quer dizer, o ministro... – são duas pessoas diferentes – tinham curiosidade específicas sobre o trabalho...?...

ES - Ah, tinha, isso tinha.

GH - Ou mais ou menos também?

ES - Eu... quando vinha o ministério, o Medeiros...

GH - Porque o Medeiros era professor, né?

ES - ...eu trazia aqui o Jairo de Assis de Almeida... o Jairo e o diretor do hospital, né, eles acompanhavam a visita e tudo.

GH - Porque o Medeiros, o senhor sabe, era professor universitário.

ES - Não, eu fazia questão de prestigiar meus chefes de departamento; eu sempre fiz isso, eu sempre fiz isso. Quando eu vou a uma reunião, eu quero que todo mundo fale. “Ah, não, o senhor fala, o senhor que manda”, “Eu não mando nada, eu não mando nada. Eu sou um trabalhador igual a vocês, apenas tenho uma direção e tal”, como sempre dizia.

GH - E, por exemplo, também em relação à direção dos institutos, que acabavam... principalmente do IAPI, que era grande, dos industriários, também eram... Porque eles tinham dinheiro, né, o IAPI tinha uma...

ES - A direção do IAPI tinha força sobre, sobre o pessoal que ele pagava, né?

GH - Ah, tinha. Aí, eles tinham autonomia, em relação a isso. O senhor, na direção...

ES - [Ele era o] hospital do IAPI, mas mais ou menos subordinado a nós, compreendeu, porque eles estavam lá, e nós estávamos aqui.

SK - Mas, por exemplo, os médicos que vinham... porque cada instituto mandava os seus médicos. Tudo bem, o IAPI era o mais forte, mas tinha os bancários...

ES - Eles tinham coisa. Eles davam satisfação a eles lá, porque era o hospital do IAPI. A nossa interferência era supervisionar, supervisionar aquele do IAPI.

SK - Então, quem definia as diretrizes...

ES - É, nós não mandávamos no IAPI, na organização da administração; não mandávamos. Mas nós subordinávamos, porque o interesse nosso é que fosse tudo bem feito, né?

SK - Agora, a sua concepção... por exemplo, esse departamento de saúde, além de fazer esse controle do pessoal que chegava e tudo...

ES - Não, esse pessoal que chegava não era do IAPI.

SK - Não, não. No Departamento de Saúde da Novacap, que o senhor falou, além de fazer esse controle, o senhor chegou a vislumbrar assim, por exemplo, “Eu vou fazer um plano de saúde, diretrizes para implantar aqui”? O senhor chegou a formular, na época, uma...

ES - Não, aí começamos a pensar. Porque eu, quando estava no Rio de Janeiro, e que via que uma pessoa que morava em Bonsucesso, junto do hospital do IAPETEC, queria se tratar naquele local, não podia porque ele era dos comerciários, tinha que ir lá, para Ipanema, eu achava um absurdo. Por que é que ele não pode ali, que é perto da casa dele? E naquele tempo, que eu trabalhava, eu digo: “Por que é que não é uma coisa só, que... que existe isso, e a pessoa possa ficar... atender em qualquer lugar?” E aquilo ficou na minha cabeça anos. Quando eu vim para cá, eu digo: “Como é? Como é que a gente pode fazer isso? Como é que pode fazer que o sujeito, a pessoa que mora em Taguatinga seja atendido em Taguatinga, e não no hospital do IAPI, que é no Sobradinho?” Então, nós fizemos isso: plano de saúde; um plano de saúde, que eu não sabia que chamava SUS, nem nada, fui saber em 1988, 28 anos depois; nós fizemos isso. E eu tive sorte porque eu estava como supervisor de outro departamento, imobiliário, que vendia terreno, que doava terreno, que emprestava terreno, e tal, tal. E quando vinha um chefe ou um presidente de um instituto, pedindo um terreno para hospital, eu digo: “Negativo. Não dou”, “Nem para o ambulatório?”, “Nem para o ambulatório”. E foi caminhando assim; tanto que, dois meses antes de inaugurar Brasília, em fevereiro, março e abril... em fevereiro, no Rio de Janeiro, o Juscelino fez uma mega-reunião com todas as pessoas, e ministros, auxiliares, Petrobrás, tudo isso, e a Novacap – que eu estava lá –, o Fernando Nóbrega, que era Ministro do Trabalho levantou-se e disse: “Ô, Presidente, eu tenho uma notícia muito boa para o senhor. Nós vamos instalar o SAMDU em Brasília”.

SK - Que é o Serviço de Atendimento Móvel Domiciliar e de Urgência – é só para transcrição.

ES - Ele disse: “Ah, muito bem, etc.” Eu digo: “Presidente, o senhor me dá licença. Em Brasília não há lugar para Samdu”, assim. Ele ficou assim... “Porque nós estamos fazendo um serviço assim, assim, só tem uma pessoa que manda, só uma, e que distribui tudo, etc. e tal”, e falei lá, no centro. Aí houve um mal-estar ali, e o Mário Pinotti levantou em minha defesa: “Não, está tudo certo, eu estou acompanhando tudo, estou auxiliando tudo, estou dando verba”; e acabou, e nós fizemos isso.

SK - Fizeram o Samdu.

ES - Nós fizemos isso. Fizemos dias depois, eu vou falar mais disso.

GH - Agora, uma curiosidade também, porque, naquele tempo, o ministro do Trabalho era muito mais poderoso que o ministro da Saúde, né?

ES - Era, era. Ele era um homem digno, era um bom homem.

GH - Mas assim, os ministros de trabalho eram...

ES - Mas porque você disseminou tudo, disseminou tudo e não faz uma coisa boa. O que é que ele fazia? Era uma ambulância que ia buscar... era um reboque terapia, como chamavam.

SK - É.

ES - Ia lá, pegava e botava.

SK - O Pinotti era um homem forte politicamente, Dr. Ernesto?

ES - Forte como?

SK - Forte politicamente; ele era um homem, como ministro, ele era... ele tinha muita...

ES - Ele tinha, mas depois houve algumas coisas no Ministério, que não... houve de funcionários que desmereceram ele um pouco depois. Houve lá umas coisas... eu não sei... eu não vou detalhar muito, não.

SK - Durante o ministério?

ES - É, durante o ministério, mas que surgiu depois, surgiu depois. Ele era um homem ativo, eu conheci o ministério dele, colaborador... gostava dele, eu gostava. Eu sou muito crítico, hein? Eu sou muito crítico.

SK - Muito crítico a ele ou ao... não, não entendi. O senhor falou “Eu sou muito crítico”, em geral ou a ele?

ES - É.

SK - A ele, ao Pinotti, ou o senhor falou em geral?

ES - Ge... é o quê?

SK - Não, o senhor falou: “Eu sou muito crítico”.

ES - Eu sou muito crítico, em geral mesmo.

SK - Ah, sim, entendi. Eu pensei que o senhor estivesse falando especificamente em relação a ele.

ES - Mas eu sou crítico para ajudar.

SK - Não, está certo, é.

ES - Quando eu fiz um artigo aqui, de Brasília na UTI, e que disse que o culpado era ele, e botei o nome dele, ele ficou meio zangado. Depois, eu encontrei com ele e disse: “Olha, o senhor não fica zangado comigo porque eu só quero ajudar o senhor”.

SK - Quem era esse “ele”? Ele quem?

ES - O [Joaquim Roriz], aquele... Então, disse assim: “Eu prefiro... eu vou citar uma frase de São Francisco de Assis para o senhor, que o São Francisco disse: ‘Prefiro os que me ajudam porque me criticam e criticam porque me ajudam, do que os que me bajulam porque me corrompem’”. Então, eu sou... Mas é mesmo. O bajulador está corrompendo,

está corrompendo. Olha aqui. “Carteira de saúde para todos os trabalhadores, sem o qual não podia ser admitido nas empresas”.

SK - Ah!

ES - Também houve o hospital volante das Pioneiras Sociais.

SK - É, isso eu ia perguntar para o senhor. Como é que era isso? Como é que foi esse hospital?

ES - Ele atendia assim. Olha aqui...

SK - Quem eram essas moças? Quem eram essas moças?

ES - As moças eram duas, era a Irmã Olga e a Irmã Teresinha, que estavam aqui, que eram fantásticas. Todo mundo era fantástico.

SK - Elas vieram da onde, essas irmãs?

ES - Eram de Goiás, compreendeu? Então, essas pioneiras e também pessoas que trabalhavam assim, de graça, da sociedade assim, sabe?

SK - Esposas, né, provavelmente.

ES - É, mulher dos diretores, outras...

SK - A sua esposa veio para cá com o senhor desde o início?

ES - Não, ela não veio, não. Mas a do Sayão veio, só a do Sayão.

SK - Gostava daqui?

ES - Mas... não, depois... os funcionários também traziam as esposas.

SK - Mas esposas gostavam daqui? Não deviam gostar muito, não, né, Doutor?

ES - Não gostavam, não. (*risos*)

SK - Ah, não deviam gostar nada, nada daqui.

ES - Não, não gostavam. Olha aqui. “Entregue à população, e iniciou-se o assentamento... A sua situação foi... de 7 de junho, a Novacap iniciou o assentamento de Taguatinga, e enorme população e tal...” (*leitura corrida*)

SK - Página 89.

ES - “O Departamento de Endemia Rural com a ajuda da Novacap tinha vacinação de febre amarela, exame e tratamento de tracoma...” ...

SK - Ah, então tinha vacinação para febre amarela aqui também.

ES - "...exame, pesquisa de laboratório, como a... de casas, alojamentos e acampamentos, e ainda exercer (*leitura corrida*)".

SK - Me diga uma coisa, Dr. Ernesto, para fazer, por exemplo, exame laboratorial, porque às vezes tem algumas doenças que você tem que fazer. Como é que é... Vinha técnico específico para isso? Quem é que fazia isso aqui? O senhor chamou al...?...

ES - O que tinha era o hospital do IAPI.

SK - Mas o Departamento de Endemias não montou um...

ES - Tinha, tinha também. O Departamento era um barracão pequeno, mas tinha.

SK - Mas ficava aonde? Ficava na Novacap?

ES - Na Novacap, ali. "O Serviço Nacional de Tuberculose instalou-se em Brasília, em semestre de 58, sob a direção de Carlos Alberto, auxiliado pelo médico Marcos Sinovck" (*leitura corrida*). Aqui está o que o Florentino declarou.

SK - Hum, hum.

ES - E depois está aqui o relatório da Novacap. "O Dr. Florentino aninhou os seguintes dados referidos ao 1º de novembro de 58 a 31 de janeiro de 59". Esse aí... o outro relatório que ele fez, eu perdi, não sei onde anda, e pronto. "Número de coletividade. Companhia Edital: 50... Número de pessoas...: 18.315." (*leitura corrida*)

SK - Está na página 90.

ES - "Número de pessoas suspeitas de lesão pulmonar ativa: 223. Classificação por...: avançada ... suspeição; número de pessoas portadoras de tensão vascular; número de pessoas vacinadas pelo BCG, vitiligo..." (*leitura corrida*)

SK - É, está tudo aqui. A gente depois pode olhar com calma aqui. Tá, já estou anotando aqui.

ES - "Outros relatórios foram apresentados..." ...

SK - Me diga uma...

ES - Lepra. Está aqui lepra.

SK - É, lepra. E doenças venéreas tinha? Doenças venéreas?

ES - Ah, tinha.

GH - Um montão de homens juntos, sem esposas...



ES - Era feito no hospital ou então no Departamento de Saúde Pública, coisa pequena, né?

SK - Mas havia uma...

ES - Ah, tinha. Nós tínhamos um bordel aqui, no Núcleo Bandeirante.

SK - Ah, é?

GH - E tinha controle em cima das moças?

ES - Tinha. Todo mês, as mulheres eram examinadas; todo mês eram examinadas. Não sei se eu guardei daqui.

SK - E como é que era a sua relação com esse... sua relação que eu digo...

#### **Fita 4 – Lado A**

ES - ...Eu fiz um estudo da atmosfera porque...

SK - Estudo da atmosfera?

ES - É. E fiz também o primeiro concurso com os dentes para crianças de 3 a 14 anos, com a colaboração da...

GH - Ninguém escovava bem, não é?

ES - Em fevereiro de 58. O pessoal disse: “Você está perdendo tempo”. Não sei, sei lá; eu era saliente, como a minha mãe dizia, sabe?

SK - Agora, como é que era a divisão do seu tempo? Porque o senhor tinha que cuidar de muita coisa, né? Saúde, educação e mais a parte administrativa, é isso? Como é que é? O senhor ficava direto aqui.

ES - Direto aqui. Eu ia para o Rio, no sábado, no sábado de noite, e voltava na segunda-feira de manhã; não era toda semana, não. À proporção que os trabalhos iam aumentando, eu ficava aqui um mês inteiro sem ir ao Rio. No princípio, não; no princípio, eu vinha, ficava dois, três dias, voltava, porque a gente tinha muita coisa para fazer de... fazer, de um modo geral, a organização da história, e precisava estar perto do pessoal do governo federal e tudo, para dar recurso.

SK - Agora, o senhor... eu ia perguntar uma coisa pro senhor, que é o seguinte. O senhor tinha o seu departamento de saúde, na Novacap, as pessoas que trabalhavam mais diretamente com o senhor, mas, por exemplo, os médicos que trabalhavam, que serviam, que estavam vinculados aos institutos, ao IAPI, aos outros institutos, o senhor tinha contato com esses médicos, ou eles ficavam subordinados diretamente aos institutos?

ES - Não, eu tinha contato médico assim, se precisasse de alguma coisa, de usar o hospital...

SK - Mas não havia um controle sobre...

ES - Administrativo não tinha controle de nada, nada, nada, nada.

SK - Quer dizer...

ES - E os médicos nossos, daqui, eram três ou quatro médicos do Departamento de Saúde.

SK - O senhor lembra os nomes, além do...

ES - Tinha o... Isaac Barreto Ribeiro; tinha o ...Rodrigo Otávio Souza e Silva; tinha o...

SK - Que era da onde? O senhor lembra?

ES - Do Rio, do Rio. Eu era até compadre dele, de casamento. Tinha o [Júlio Gabiler] e tinha...o José Linhares de Albuquerque. Esses quatro.

SK - Que era da onde esses? Tinha o Dr. Isaac, tinha o outro que era do Rio...

ES - Dr. Isaac era de Goiânia.

SK - É. E os outros... o do Rio, que o senhor falou. Os outros dois...

ES - O Albuquerque era de Minas.

SK - Eram clínicos.

ES - Eram clínicos, eram clínicos. Depois chegou o [Ralf Calhedo] para o hospital do IAPI, mas que servia... ajudava a gente um pouco ali, no negócio de maternidade. Era pequena a coisa, um barracãozinho. Bom, de modo que...

SK - Havia enfermeiras, Dr. Ernesto? Enfermeiras.

ES - Havia enfermeiras, duas enfermeiras, que nós tínhamos. Principalmente, essas duas irmãs de caridade, que elas auxiliavam muito na parte... elas eram da Novacap, e serviam à Novacap e serviam ao... aquela coisa do... hospital volante.

SK - Do hospital volante das Pioneiras, né? Fala um pouco do seu contato com o Noel Nutels, que o senhor falou, que veio para o...

ES - Ah, o Noel Nutels era uma gracinha, viu?

SK - Como é que era isso? O senhor conhe...

ES - Não havia muito contato porque ele... ele me tratou muito bem; rapidamente ele fez isso, botou aqui o Florentino, depois o Marcos, que eram as principais pessoas, e estava

sempre ajudando, dava tudo que o Florentino queria. Ele era um homem muito trabalhador, e muito visionário também, compreendeu? Aquelas unidades que ele tinha, de tuberculose, ia para todo lado, para todo canto do Brasil. Ele fez muito pelo Brasil, o Noel Nutels. Ele tinha uma descendência estrangeira, né?

SK - E me diga uma coisa. A gente estava falando de várias doenças, o senhor falou de lepra, tuberculose. A malária era um problema aqui?

ES - Não, não.

SK - Não tinha. Mas, por exemplo, o pessoal que já vinha que tinha malária, não havia preocupação de poder aparecer uns mosquitos aí, e fazer um foco de malária?

ES - Eu não vi muita coisa de malária aqui, não.

SK - Não tinha.

ES - Não vi, não vi malária.

SK - Mesmo assim, por exemplo, esse pessoal que vinha para receber a carteira de saúde, o senhor lembra...

ES - Ah, bom, se tivesse malária, era vetado.

SK - Ah, é?

ES - Era vetado; era vetado. Porque a gente não queria aqui essa... esse mundo de gente para difundir doença, né?

SK - Mas aí era vetado como? Ia embora? Tinha que embora da cidade?

ES - Dava passagem e ia embora.

SK - É mesmo?

ES - É.

SK - E o pessoal não tentava burlar isso, não?

ES - Não, o que a gente fazia, enquanto estava aqui, tratava dele, etc., mas ia embora; ia embora.

SK - Mas devia ser difícil então, porque muita gente devia vir, porque vinha muita...

ES - É. Não, muita gente não havia, não havia. Não me lembro de muita gente aqui; eram casos esporádicos.

SK - E com doença de Chagas, se tivesse Chagas, também era vetado?

ES - Chagas...

SK - Se tivesse já a doença? Se fosse...

ES - Não, Chagas não; Chagas, a gente ficava aqui com eles.

SK - Ah, é?

ES - É. Porque tinha o João Leão da Mota.

SK - Ah, sim, da ala do DENERu.

ES - Ele tratava de Chagas.

SK - Mas eu digo assim, por exemplo, chegou o trabalhador – vamos imaginar –, foi lá para tirar a carteirinha de saúde; aí, fazia exame... o senhor lembra o que era rastreado nesse exame? Malária, doença venérea... o senhor lembra disso, quais eram as... assim, as doenças que faziam nesse tal exame aí, que inclusive o pessoal devia ter um bocado de medo desse exame, não é, não, porque senão ia embora, né?

ES - Era um exame perfunctório?

SK - É.

ES - Um exame geral assim. E às vezes não tinha sintoma, não tinha sintoma.

SK - Pois é. Fazia exame laboratorial de sangue, para olhar o sangue?

ES - Quando precisava, fazia. E tudo no IAPI, né? E antes do IAPI, a gente não podia fazer quase nada, porque não tinha. A gente começou mesmo a fazer as coisas, quando o IAPI foi instalado, em março de 57. No princípio, também havia muito pouca gente, né?

SK - Hum, hum. Vinha mais gente da onde do Brasil, Dr. Ernesto?

ES - Goiás e Minas Gerais, primeiro. Depois começou a vir gente do nordeste. São os três focos. Do carioca, não vinha ninguém. (*risos*)

SK - Não vinha ninguém. Porque esses são estados, por exemplo...

ES - São Paulo, não veio nenhum; Rio Grande, não veio nenhum.

SK - Porque são estados, por exemplo, Goiás e Minas Gerais, que tinha muito chagásico, então devia ter muita gente com doença de Chagas aqui. Eu digo assim, não tinha barbeiro aqui, mas tinha doente que vinha.

ES - Ah, tinha, tinha barbeiro fora daqui.

SK - Não, mas os doentes que vinham; o doente, o trabalhador chegou lá, viu que ele era chagásico; mas esse não era mandado embora.

ES - Mas o doente, era o seguinte. Quando a gente podia fazer alguma coisa aqui – é como no caso da tuberculose –, a gente fazia; quando não pudesse, a gente mandava embora, porque não tinha condições de fazer coisas. Era muito rudimentar tudo; tudo era rudimentar; a gente fazia o que podia. E quando havia assim, uma dúvida, porque vinham perguntar a mim, eu tinha que decidir também se era [factível] ou não...

SK - Mas, por exemplo, mas não um doente... um trabalhador que tivesse malária, que tivesse, aí o senhor falou que não podia; mas já tinha, na época, quer dizer, podia tratar. Tanto que a gente até tem um trabalho sobre o método que o Pinotti desenvolveu do sal com a cloroquina, do sal cloroquinado, do sal. O senhor lembra se chegou a ser usado aqui? Não?

ES - Não, aqui não. Aqui era muito... era muito... tinha um trabalho muito grande para nós, para estar cobrindo tudo isso assim. Mas o que nós víamos, o doente, que a gente não podia resolver as coisas, que eram simples, até por uma questão moral, e questão de compaixão, a gente tinha que mandar para o lugar certo ele.

SK - Claro.

ES - Era muito duro a coisa, né? Então, vinha aqui tudo, o Noel Nutels está aqui, né, fazia o cadastro lá, sabe?

SK - O senhor fala do...

ES - Esse relatório do Florentino.

SK - Hum, hum. Havia... Há registros desse levantamento de lepra e de tuberculose? O senhor sabe se ficou documentação disso? O senhor até falou: “Tem um livro aí”.

ES - É.

SK - Ficou registro disso: “Olha, fizeram tantos exames, abreugrafias e tal”? Isso tem?

ES - Eu tinha, eu tinha o... eu tinha o documento deles, que... ouviu? Deve estar por aí. Mas é isso que eu fiz aqui...

SK - O senhor passou aí para o livro, né?

ES - Olha o Hospital do Tamboril aqui. Você falou serviço da lepra, né?

SK - O senhor fala também, Dr. Ernesto, de uma primeira quinzena de saúde. Como é que era? Isso foi o quê? Era uma coisa de educação sanitária?

ES - Aqui. Olha aqui.

SK - O senhor chega a falar que passavam filmes?

ES - “Paralelamente a esse trabalho estafante, sob as mais adversas condições, ainda houve tempo para que, em fevereiro de 58, se promovesse a Primeira Quinzena de Saúde do Núcleo Bandeirante, e o primeiro concurso de bons dentes para crianças de três a 14 anos, e a realização de diversos [?] sanitárias com filmes educativos ao ar livre, e...”

SK - Tá, na página 92. Mas o que o senhor se lembra desses filmes assim? Como é que era? O senhor lembra disso?

ES - Lembro, aquele filmezinho, né, que vem aqui, rudimentar, mas para os operários eram muito interessantes.

SK - E esses filmes eram feitos por quem? O senhor lembra?

ES - Eram pelo Departamento de Saúde ou pelo Ministério da Saúde, que cedia.

SK - Ministério da Saúde dava os filmes.

ES - É, pois é.

SK - E o pessoal gostava, se interessava?

ES - É lógico, ficava de olho arregalado, muita gente não entendia. É aquela coisa de pessoal muito rude.

SK - É, que não tinha muita informação.

ES - Mas eles achavam interessante; se reuniam lá, tinha sempre bastante gente. E daqui, também o estudo da atmosfera. E aqui depois vem a questão que eu falei, está vendo? “Médicos [do] Rio de Janeiro, atuando no Hospital São Zacarias, eram testemunhas do anacronismo, da irracionalidade do sistema de saúde, então vigente no Rio de Janeiro. Oferecido por dezenas de instituições díspares e desconexas da Previdência Social, IAPETEC e tal, SESI e tal, observando que os usuários teriam que percorrer enormes distâncias para serem atendidos nos postos dos institutos...”

SK - Dr. Ernesto, posso propor uma coisa ao senhor? O senhor não vai ficar chateado comigo, não?

ES - Não.

SK - Vamos fechar o livro? Sabe porque, a gente tem o livro já escrito. Porque, na verdade... – não fique chateado comigo, não –, é porque a gente está até mais interessado... o detalhe... assim, até essa coisa do detalhezinho, depois a gente vê.

ES - Tá bem. Eu sou... eu sou o...

SK - Porque, na verdade, a gente tem um lado dessa história, né...

ES - Mais humano.

SK - ...que são as suas lembranças também, que às vezes vão aparecendo; aí, o senhor lembra de uma coisa... Porque, inclusive, essa entrevista é uma entrevista muito particular, porque diferente de outros médicos, que a gente entrevistou, a gente tem muita informação sua, nesse livro aqui; então, a gente vai complementar essa entrevista com tudo que está escrito aqui. Mas a gente não pode perder a oportunidade também de ter um pouco aquela memória mais viva, que aparece...

GH - Que não está no livro.

SK - ...que não está escrito. Então, se o senhor... se o senhor precisar depois confirmar alguma coisa... não é que o senhor não possa abrir, não, mas vamos tentar ter uma conversa mais assim, sem ficar olhando o livro.

ES - É, deixar a conversa mais assim.

SK - É, porque eu estou... Porque, inclusive, o senhor viveu isso muito intensamente, né, Dr. Ernesto? Assim, o senhor veio para cá, imagina, numa época que não tinha quase nada aqui. O senhor, em algum momento, pensou em desistir, tipo “Ai, meu Deus do Céu! Isso aqui é muito difícil!”?

ES - Não, cada vez mais, cada vez mais entusiasmado. Você vê que eu fiz coisas que eu não precisava fazer, não precisava fazer. Para que é que eu precisava fazer uma biblioteca aqui, uma sala, uma casa inteira com biblioteca, com disco, com não sei o quê emprestado? Tinha a Brasileira completa, com 100 livros...

SK - O senhor fez isso já desde o início?

ES - Não precisava. Para que é que eu precisava fazer uma semana de bons dentes, uma semana de bons dentes?

SK - O senhor tinha muito entusiasmo, né?

ES - Fiz uma carreatá aqui sobre saúde.

SK - Ah, é?

ES - É. Os carros com os enfermeiros, não sei o quê, o Juscelino...

SK - O Juscelino foi?

ES - Não, o Juscelino como médico...

SK - Ah!

ES - Fizeram um desfile de carnaval aqui.

SK - É mesmo?

ES - Que saiu.

SK - Como é que era isso? Conta isso com calma para gente. Como é que era? Um desfile de carnaval sobre saúde?

ES - Desfile de carnaval... quer dizer, no desfile do aniversário do Juscelino, de 59, nós fizemos isso, era uma porção de carros, compreendeu, sobre a vida do Juscelino, e o Juscelino jovem, o Juscelino se formando... o outro curando lá não sei o quê.

SK - Ah, fizeram tipo uma encenação. É isso?

ES - É. Então, desfilou na Avenida...

GH - Que coisa!

SK - E aí? E os candangos participavam disso?

ES - É lógico, todo mundo na rua, né? Eles quiserem vir...

GH - E o seu contato, por exemplo, com o Lúcio Costa e Niemeyer, por exemplo, que estavam vindo? Como é que era essa coisa?

ES - O Lúcio Costa era muito assim, fechado.

SK - É?

GH - É?

ES - Ele quase não veio em Brasília. Ele tinha o assessor dele, chamado Antônio Guimarães, que eu acho que agora, o governo deu uma medalha de comendador, ele não pôde vir porque está doente; ele é que vinha aqui, com o assessor. Ele era muito retraído, o Lúcio Costa, muito retraído. Então, ele se veio aqui cinco ou seis vezes, veio muito. E veio Antônio Guimarães. E...

GH - E o Niemeyer?

ES - A minha intimidade... ele gostava de mim porque eu defendia o plano dele muito; eu sabia que ele gostava de mim. E eu fui a ele uma vez, que quando ele fez o plano de Brasília, ele botou uma escola-classe e um jardim de infância dentro da quadra, e para quatro quadras, uma escola-parque aqui, onde a criança ficava um turno na escola-parque, um turno na escola-classe; resultado: de oito às 18 horas, na escola. Eu estive agora com uma professora, que foi ao Chile para fazer um congresso lá, ir a um congresso, chegou para perto de mim, outro dia: “Dr. Ernesto, eu não vi uma criança chilena na rua durante o dia”.

SK - É.

ES - Então, aqui, eu... o Anísio Teixeira, quando fez o programa, botou aqui uma escola-parque. Eu fui ao Lúcio Costa, dizer a ele que o Anísio Teixeira teria feito esse plano para criança não andar muito, para estar mais ou menos perto do outro; é aqui uma escola-



parque para essa dupla função: da mente e da [mão], que é o tema do Anísio Teixeira, que [?]. Bom, então o Lúcio Costa olhou, e disse assim: “Isso é fenomenal!” Tirou a escola... as secundárias daqui, e botou na 700 e na 600, que era um elefante branco [?], tal.

SK - Então, deixa eu ver se entendi.

ES - Ele era um cara... são dois gênios, que entenderam, entenderam a coisa.

SK - O Lúcio Costa, na concepção dele, haveria duas escolas separadas: uma, mais clássica, e a outra que era mais para...

ES - Uma para o nível primário, elementar, e a outra no nível secundário.

SK - Certo. O que o Anísio Teixeira propôs foi fazer uma coisa integral.

ES - Tudo, desde os primeiros anos de ensinamento.

SK - Ele veio aqui, o Anísio Teixeira?

ES - Veio, veio várias vezes aqui, veio aqui. E deixou aqui um auxiliar dele, que se chamava Paulo de Almeida Campos, o principal auxiliar dele, é que acompanhava aqui, juntamente com a Nair Durant Barbosa, que era uma técnica de educação, no Rio de Janeiro, minha amiga; e os dois vinham aqui todo mês verificar como estava a escola.

SK - E quando é que começou a funcionar essas escolas aqui? O senhor lembra? Logo desde o início?

ES - À proporção que a população ia aumentando.

SK - E aí, já desde o início, já funcionou nesse modelo de escola integral?

ES - Tinha escola... não, integral não.

SK - Não, integral que eu digo é assim, esse modelo que o senhor implantou da escola-parque, isso funcionou já desde o comecinho?

ES - Não, não foi, durante a construção não.

SK - Não, é. Mas a partir da inauguração, já co...

ES - A partir da inauguração... nós entregamos Brasília corretamente, inclusive sobre uma unidade de vizinhança completa. Brasília é um conjunto de unidades de vizinhanças de um lado para outro, toda; reúne tantas unidades de vizinhanças. Cada unidade de vizinhanças tem quatro quadras, nessas quatro quadras, você tem tudo para a vida do dia-a-dia: você tem, eu tenho aqui o meu comércio local, eu tenho aqui uma igreja ali, eu tenho aqui um mercadinho do outro lado, eu tenho a escola-parque, eu tenho a escola dentro da quadra, e tenho também um cinema, que é um pouco afastado assim, cuja a frente é para via pública porque disse que o cinema tem que ficar lá para receber também pessoas que vêm de outros lugares, fora da quadra; e tem sua escola-parque. E para dentro

da quadra, você só tem 15% de edificações, e 55% de árvores e de jardins – isso para dar qualidade de vida –, e o resto são passeios, etc. Lúcio Costa foi tão minucioso, que ele disse que a... eu já falei isso com você?

SK - Não sei. Pode repetir, se for o caso.

ES - Que a luz das quadras, dentro da quadra, devia ser mortiça.

SK - Mortiça?

ES - É, baixa.

SK - Ah, mais baixa.

ES - Para favorecer o colóquio e o namoro [caseiro].

SK - Ah, então até nisso ele pensou?

ES - Pensou, é. Então, é o detalhe, que o pessoal não compreende, porque o QI tem que ser mais alto, compreendeu, para compreender. Eu queria ver aqui... você falou de... se tinha educação, se eu botei educação aqui, o que eu botei nesse livro. Educação... Espera aí, tem aqui...

SK - Só um minutinho. Enquanto isso, eu vou...

ES - Aqui tem. Educação... Plano Educacional, 227. Essa tem o retrato lá dentro. Você já foi ao meu escritório lá?

GH - Não.

ES - Já?

GH - Não. Vamos amanhã.

ES - Eram as primeiras aulas debaixo da árvore, no Núcleo Bandeirante.

GH - Fotografia 228.

ES - Esse foi o primeiro colégio. O Catetinho... os primeiros... fundado em 1957. [Bloco] Niemeyer e tal... Olha aqui. “No dia da inauguração, 19 de julho, estava presente o ministro Cláudio Salgado, José Pinheiro ficou surpreso. O traçado era muito simpático e a construção muito bem feita; mesas de fórmica no refeitório, geladeira na cozinha, dezenas de livros na biblioteca, um belo playground, tudo doação das firmas particulares”. Eu pedia a todo mundo.

GH - Duzentos e oitenta. Agora, o senhor... quando eu fiz aquela pergunta, aí o senhor falou do Lúcio, falou do Anísio Teixeira, e o... falar um pouquinho da sua relação com Oscar Niemeyer. O senhor teve muito contato com Oscar Niemeyer?

ES - Com o Oscar Niemeyer, também tive por causa... eu que pagava o pessoal todo dele; ele vinha pedir isso, pedir aquilo.

GH - Agora, como é que ele era nesse momento, que ele estava construindo a obra dele? Uma coisa é você hoje e o Niemeyer...

ES - O Oscar Niemeyer era assim, ele tinha o grupo dele.

SK - A patota dele.

ES - A patota dele. Então, ali ele tomava cerveja e tal, contava anedota e tudo. Mas com as outras pessoas, ele era assim...

SK - Mais fechado.

ES - ...mais fechado e tal.

SK - Agora, falando de patota, o Juscelino é famoso pelas serestas, que ele vinha, reunia o pessoal. O senhor já falou que não participava muito dessa...

ES - Não, quase nada.

SK - ...das serestas e tudo. Mas isso era assim...

ES - Quando era no Catetinho, eu participava.

SK - É?

ES - Mas ele ia para casa de outras pessoas; ia para casa, por exemplo, dos donos das empresas, que tinha casa grande aqui e dava festa para ele.

SK - Ah, é? Mas devia... o pessoal devia ficar bajulando ele à beça, não era, não, Dr. Ernesto? O pessoal devia ficar meio bajulando ele também, dessas empresas.

ES - Mas é natural, né?

SK - Mas ele ia assim mesmo, e fazia amizade com...?...

ES - Ele ia lá, nas festas do... dos presidentes dessas firmas todas, do Rabelo e do Camargo Corrêa; ele ia na casa deles, tinha farra lá, tinha música, tinha dança até, compreendeu?

SK - A Dona Sarah não ia.

ES - A Dona Sarah, uma vez ou outra, ela vinha aqui. (*riso*)

SK - Ela não ficava... não vinha muito aqui.

ES - Não ficava. Ele era muito assim, simpático, muito... todo mundo gostava dele. A Vera Brando; a Vera Brando dava festa para ele aqui, na casa dela.

SK - O Niemeyer freqüentava essas festinhas também?

ES - Não, o Niemeyer não era disso.

SK - Não?

ES - Ele era mais é de grupinho; de grupinho. Ele não gostava de festa assim.

SK - Tinha algum médico que freqüentava essas serestas aí?

ES - Tinham os médicos do...

SK - Dos institutos.

ES - É... do instituto não.

SK - Não?

ES - Essa festa dele, que ele vai?

SK - Não, essas festas... claro, das empresas, não essas empresas privadas. Digo assim, tinha algum médico que freqüentava assim, que tivesse relação muito íntima com ele?

ES - Tinha um, chamado Cláudio Pena, que era genro do Israel Pinheiro; esse às vezes ia. Essa fotografia para mim é sensacional.

SK - É a foto que está na página 231.

ES - Porque é a escola-parque e a criança, que [?].

SK - É, é bonita. Essa foto é uma bela foto.

ES - Eu mostrei a você aquele verso da escola-parque?

SK - Não.

ES - a gente tem que conversar mais.

SK - Vamos conversar muito ainda, muito.

ES - Deixa eu ver aqui uma coisa. Olha aqui. Aqui é a escola que nós tínhamos aqui. “Em fins de 59...” ...

SK - Página 235.

ES - “...eram 4.800 crianças. Grupos escolares, escola da corrente, escola dos acampamentos, escolas das casas populares; [Vila Mori] e tal; grande...

SK - Antes da inauguração, já tinha um monte de escola funcionando aí.

ES - Olha aqui, olha o que estava funcionando. Tudo isso. Escola... (*leitura corrida*) E as particulares. Isso tudo, nós fazíamos de barraco, isso tudo, com professoras que eram analisadas pelo representante do Anísio Teixeira.

SK - Então, quer dizer, o Anísio se integrou a esse projeto já desde o iníciozinho da...

ES - Desde o começo, desde o início. Eu tenho aqui a carta do Paulo de Almeida Campos, para você ver, quando ele se despediu saiu da... acabou o governo, se despediu para mim. Então, nós fizemos 21 escolas aqui, durante a construção, que não havia tempo para nada.

GH - Dr. Ernesto, eu tenho uma pergunta. Estamos falando aqui de escolas, escolas primárias e secundárias, etc. Mas a idéia da Universidade de Brasília já estava sendo discutida...

ES - Já tinha a idéia da universidade. Depois a Novacap deu aqueles terrenos para tudo, para universidade, enfim, era uma fundação, e quem iniciou, quem fundou, quem deu todos os parâmetros para fazer...

SK - Uma observação. Esse último dado, que ele leu, foi do livro *História de Brasília*.

ES - ...foi Anísio Teixeira; não tem nada de Darcy Ribeiro.

SK - Hum! É da universidade?

ES - Darcy Ribeiro era um ajudante do Anísio Teixeira, aprendeu tudo com o Anísio Teixeira. Quem fez tudo, quem instalou tudo, quem fez o plano foi o Anísio Teixeira, mas ele foi caçado pela revolução, e deixou... assim, [?] e Darcy Ribeiro, que tem muito valor, muita coisa, fez muita coisa, fez o CIEP, mais de 20 anos depois, que nós fizemos aqui os nossos CIEPs, né? Só se fala em CIEP, só se fala nisso. Você visitou a escola-parque aqui?

SK - Não.

ES - Ah, então vou te levar hoje.

SK - Ahhh! É aonde?

ES - Você quer ir?

SK - Eu gostaria.

ES - Então, vamos lá de tarde.

SK - Vamos.

ES - Tá bem?

SK - Pode ser hoje. O Gilberto tem um compromisso, mas eu posso ir com o senhor.

ES - Você vai chorar, vai chorar.

SK - Deve ser muito interessante.

ES - É o meu xodó, é a escola-parque.

SK - É, imagino. Mas então, a idéia da universidade, aí era coisa do Anísio também, né?

ES - Também. O plano tinha um lugar para universidade, dentro do plano-piloto.

SK - É, isso tudo depois, com a revolução, acabou mudando muito de figura, né, Dr. Ernesto? Depois de 64, aí foi... como o senhor falou, foi afastado e tudo. A gente até depois vai falar.

ES - É, foi afastado todos nós desde o Jânio Quadros.

SK - Ah, sim, sim.

ES - Ele fez... ele fez tanto inquérito aqui, tanta coisa, humilhou muita gente, né? Humilhou onde a gente ia; o Israel ia à justiça, ia...

SK - O Jânio Quadros.

ES - ...ia provar... falar na justiça lá; eles não entendiam. Porque uma coisa que ele não queria entender... A Novacap fez uma reunião com o Conselho, aumentando o preço das áreas do setor comercial. Muito bem. E dessa aqui, nós aumentamos o preço... nós não aumentamos o preço, e vendemos a muitas pessoas. Mas o setor comercial é um setor da cidade; aqui, aqui é comércio do setor residencial, da escala residencial; então, ele não é do setor comercial, [?]. E aquilo rolou... uma vez, eu quis explicar, e o juiz: “Não, não quero saber, não quero saber. Quero saber se vendeu pelo preço antigo esse... Então, é não sei o quê, é um crime contra o patrimônio, não sei o quê”. E foram fazendo, foram fazendo, foram fazendo. Quando chegou a revolução, que nós estávamos no auge de ser punido e tal, chegou o governo militar, que então viu essa coisa toda, analisou o SNI, e disse assim: “Vamos acabar com tudo. Não há nada, nada, nada, nada”. E o caso de você não botar no protocolo, no papel, e isso e tal, eles achavam que você não podia estar fazendo muitos detalhes, senão você não podia fazer isso, não podia fazer isso.

SK - Me diga uma coisa, Dr. Ernesto, já desde a época da construção... o senhor está falando das críticas, do pessoal que resistia, havia muita oposição, inclusive a Novacap era motivo... o senhor está falando de críticas, inquéritos e tudo. Como é que o senhor, pessoalmente, lidou com isso? Assim, era difícil enfrentar esse tipo de coisa, de dúvida, de crítica, de insinuação?

ES - Não, na verdade, só houve coisa séria; foi um deputado botou um posto de gasolina em qualquer lugar aí, começou a explorar um posto de gasolina por conta própria, e a Novacap mandou cortar, tirar, tirar do lugar o tal posto. E ele foi para Câmara e fez um libelo contra a Novacap; abriu uma CPI contra a Novacap.

SK - Isso ainda... isso antes da inauguração ou depois?

ES - Não, durante a construção.

SK - Durante a construção – inauguração não, construção.

ES - Isso aí abalou um pouco, porque... não abalou a nossa moral, não; abalou da gente ter que defender. E o Dr. Israel Pinheiro...

SK - Quem era esse deputado? O senhor lembra?

ES - Era Elias Murat.

SK - Qual era o partido dele, o senhor lembra?

ES - Não me lembro, não. Elias Murat. Mas é aquela história, a gente... os inimigos, a gente tem que esquecer. Mas agora... eu só não guardo o nome, às vezes, né, como não é muito querido. Perdoar, mas guardar o nome.

SK - É verdade. Bom, aí teve esse...

ES - Aí a gente teve que explicar coisa por coisa, na Câmara, tudo direitinho e tal. E levou um tempo ele aborrecido aqui, sem poder... Mas, de um modo geral, nós não nos importávamos com as críticas.

SK - Como é que foi a inauguração, a festa da inauguração?

ES - A festa da inauguração? Teve um programa muito grande, né? Instalação dos Três Poderes, a instalação dos Três Poderes, a presença do representante do Papa aqui, o Cardeal Cerejeira, e a festa ali em frente ao Congresso, houve um espetáculo, houve uma festa... além do espetáculo de fogos, etc., eles fizeram uma peça de Tiradentes até aqui, em cima daquele... lindo, tudo iluminado. E pessoas chorando, pessoas ainda rindo, compreendeu? O Juscelino chorando. Eu acho que tenho aqui...

SK - Deve ter sido emocionante, né?

ES - É, todo mundo chorando.

GH - Mas como é que foi esses dias, antes de inaugurar? Estava tudo certinho?...

#### **Fita 4 – Lado B**

SK - Vocês, da Novacap, deviam estar numa correria danada, para inaugurar tudo. Como é que foi isso? Tinha coisa por fazer, ficou coisa...?...

ES - Muita coisa, muita coisa. E houve falhas, é lógico, né, não pode...

SK - É, naturalmente.

ES - Por exemplo, havia falta de alojamento para algumas pessoas; nós tivemos que botar num apartamento de um quarto só, o pessoal ficou ali uma semana, depois teve...

SK - Nossa! Eu imagino.

ES - Coisas, mas pequenas, né? Mas assim, nós deixamos pronto todos os prédios públicos, todos os ministérios. O Palácio do Planalto, o Congresso, o Supremo Tribunal, todos os Três Poderes se instalaram naquele dia, compreende? E o Hospital de Base não estava pronto, mas tinha um pronto-socorro embaixo, mais de um andar; depois... logo depois, foi inaugurado. A escola-parque, todas as escolas-parques, todos os filhos que vieram para cá, fizeram um levantamento de crianças que vieram para cá, todos entraram na escola. Havia comércio comum, os mercados, assim, alguns comércios e tal, já estava mais ou menos equilibrado, e tinha o Núcleo Bandeirante também, num caso de emergência. Enfim, veio para cá... não veio para cá todo o ministério, foram trazendo aos poucos; primeiro, veio uma partezinha, depois vem vindo, vem vindo. Mas funcionou o país aqui, de 21 de abril. E nós todos, o Juscelino chorando; eu tenho... Você já viu o álbum de fotografias do Juscelino chorando?

SK - Não, eu vi os videozinhos da época da inauguração, mas eu não me lembro dele emocionado.

ES - Mas aqui, eu não botei, não; não botei aqui, não. Será que botei? Eu não queria fazer um livro de mil folhas, né?

SK - É, mas o senhor tem muito material para fazer, né?

ES - E agora... e agora, por exemplo...

SK - Ah, tem uma foto aqui, ó.

ES - Isso aqui foi no dia da...

SK - É, essa é uma foto bela, né, dele...

ES - É o dia da inauguração.

SK - Na página 391, do livro *História de Brasília*.

ES - Agora, ele chorando, eu não tenho, não; não tenho, não.

SK - E esse período assim, por exemplo, do que é que ia ser inaugurado, o que é que ia dar tempo para estar pronto, ele supervisionava isso tudo? Ele ficava em cima de vocês assim: “Ó, vai ficar... vai ficar pronto? Vai dar tempo?”?

ES - Não, tinha data para acabar. Tal prédio assim, ia acabar no dia tal, e acabava no dia tal, acabava no dia tal, acabava no dia tal. Então, quando faltavam uns dez dias assim, eu



me lembro, o Israel disse assim: “Vamos embora! Não precisa dormir, não. Vamos dormir depois de inaugurar e tal. Não tem nada disso”, e ele andava, andava, e todo mundo atrás dele.

SK - E o senhor falou do Israel agora, eu me lembrei... e a morte do Bernardo Sayão, deve ter sido um evento trágico isso, né, Dr. Ernesto?

ES - É aquilo mesmo, foi...

SK - É.

ES - Foi uma árvore que caiu, uma árvore daquelas de Belém-Brasília aí, em cima do [alojamento] dele. Tinham uns dois, duas ou três pessoas, mas caiu, e amassou o crânio dele, ele teve aí mais oito, dez horas ainda de vida, botaram ele num teco-teco, para vir num avião, levaram para uma cidadezinha para coisa, depois morreu.

SK - Morreu. Que coisa trágica.

ES - Ele era um homem fenomenal. Quando perguntam para mim: “Qual é a pessoa mais destacada de Brasília?”, eu digo “Bernardo Sayão”.

SK - Por quê?

ES - “Ah, não é o Israel Pinheiro, não? Porque ele era um homem bom, um homem sério, um homem que servia a todo mundo; ele queria trabalhar, trabalhava com afinco tremendo; desorganizado, compreendeu? Na gaveta dele tinha revólver, tinha alicate, tinha banana, maçã, papel. Um dia, ele vinha de Goiânia, trazendo uma porção de automóvel, não sei o quê, e parou numa fazenda e viu uma porção de gado e tal, ele precisava de gado não sei para quê aqui, e ele pegou um pedaço daquele papel de... de fumo... de fumante, né?

SK - Certo.

ES - Um pedacinho assim, disse assim: “Pode, pode pagar e tal. Pode entregar não sei o quê, e tal, tal, tal. Bernardo Sayão. Vem pra cá”. Quer dizer, o negócio era assim, o negócio era assim. Então, ele era excepcional; forte, corado...

GH - Agora, por exemplo, o senhor, depois desse... assim, perto da inauguração, com a inauguração, o senhor já estava decidido a ficar em Brasília?

ES - Decidido, decidido.

GH - Já desde antes?

ES - Decidíssimo, decidíssimo, porque eu não gostava do Exército. Aprendi muito, tive gente... Primeiro, eu trabalhava com o Marechal José Pessoa, foi um grande ensinamento para mim, porque eu vi uma pessoa tão pura, tão trabalhadora, um administrador fantástico, compreendeu? É dessas pessoas assim, superiores, né? Mas não era a minha

vocação. Eu vou mostrar a vocês depois... nós vamos lá, no escritório, para vocês verem... mas não reparem.

SK - Não, não repararei nada.

ES - Eu já contei o negócio do pediatra, né?

SK - É, da bagunça, que não é sinal de boa coisa.

ES - É mental, né?

SK - É, muita arrumação não é sinal de boa coisa.

ES - Então, não era; eu fui driblando até ser mais. E eu sabia que eu ia... eu fiz hospital, fiz tudo; fiz a concorrência internacional para o Hospital de Base. Todo mundo da Novacap: “Não! Vamos fazer aqui mesmo e tal”. Eu digo: “Não, vamos fazer uma coisa boa”.

SK - Ah, é, o senhor mencionou isso ontem. Conta pra gente. Uma concorrência internacional.

ES - Então, eu quis fazer concorrência internacional, e o pessoal da Novacap: “Não, não sei o quê, vamos fazer aqui, está desmoralizando a pessoa da nacional e tal”. E eu reuni 29 pessoas, durante 10 horas, discutindo – esses que vendem esse material todo de medicina. Eu dizendo que eu queria uma coisa... eu queria a melhor coisa que houvesse no mundo, a coisa mais moderna, e tal, e tal, e tal, e tal. E... Bom, eu fiquei nesse dilema. Mas quando o Juscelino veio aqui uma vez, eu falei com ele que eu queria fazer isso assim, assim, assim, assim. “Não, o senhor faz, que eu arranjo um empréstimo internacional para pagar”.

SK - Aí, o senhor fez.

ES - Aí, eu fiz. Fiz uma concorrência internacional, ganhou a General Eletric, e os médicos, que vinham para cá, que já tinha selecionado, davam as dicas, né? Quer dizer, o cirurgião, cardiologista, esse e tal, e a gente botava tudo aquilo que queria. E fizemos a concorrência internacional... não sei se eu tenho aqui... concorrência internacional, a General Eletric ganhou, e mandou tudo para cá. Nós tínhamos o que havia de melhor. Onde há a melhor aparelhagem de cirurgia? É Suécia e Estados Unidos. “Então, compra, compra a coisa na Suécia ou nos Estados Unidos”.

SK - Isso, para o Hospital de Base.

ES - O que é que é para raio-x, isso aí, e tal, e tal? É a Alemanha. “Então, Alemanha, tudo”. Então, nós ficamos aqui com um hospital semelhante ao Hospital das Clínicas e do IPASE, como era naquela época. Fizemos... não fizemos concurso. Eu percorri o Brasil quase todo, amealhando médicos, que tinham tido curso no estrangeiro, que tinham competência comprovada, e trouxe para cá uma porção de gente. E fizemos o plano de quê? De serviço de... o plano do SUS, né? Hospital de Base, que era complexidade crescente; centro de saúde, como é que é?... a saúde começa em casa. Aí, vem o centro de

saúde. Depois, você tem um hospital distrital em cada cidade, e em volta deles, como [pseudops] – que eu botei –, um centro de saúde necessário de acordo com a população, cada centro de saúde para 30, 40 mil habitantes. E depois o Hospital de Base; o Hospital de Base era um hospital de alta classificação; só cancerologia, isso e aquilo e tal.

SK - Não havia... Perdão, desculpe interromper, mas tem a ver com isso. Não havia um projeto de unidades rurais, hospitais rurais, isso que o senhor fala?

ES - Hospitais rurais também tinham.

SK - O que é que eram esses hospitais?

ES - Hospitais rurais eram, por exemplo, tem [?], na parte de agricultura, onde estava mais a parte de agricultura, a parte rural, então teria um hospitalzinho. Mas isso ficou... saiu do sistema, ficou centro de saúde, e que incluía tudo ali.

SK - Ah, entendi.

ES - Então, tem o hospital geral, para todas as clínicas, e o de Base então para as clínicas especializadas.

SK - Especializadas.

ES - Ninguém podia ir diretamente ao Hospital de Base. Eu me lembro, quando eu era diretor de saúde da comunidade, depois de Brasília [?], eu visitava essas casas de saúde todas, centro de saúde, até eu tinha muita influência com os médicos; porque os médicos que iam para o centro de saúde, se achavam médico de segunda classe.

SK - Por quê?

ES - Porque aqui não tem... assim, não tem enfermaria, não tem isso e tal. Eu digo: “Olha, vocês são os de mais importância, porque a secretaria não é de doença, a secretaria é de saúde”.

SK - É verdade.

ES - “Então, vocês têm que manter a saúde da população.”

SK - Esses médicos vinham da onde?

ES - Esses eram médicos daqui, concursados, né?

SK - Eu estou fazendo essa pergunta pelo seguinte...

ES - Ah, vinham de qualquer lu... vinha muito médico de fora.

SK - Vinha muito médico do interior do Brasil?

ES - Vinha.

SK - Ou vinha mais... Porque, na verdade, eu estou fazendo essa pergunta pelo seguinte. Brasília representou muito, como se falava na época, a valorização do interior, né?

ES - Do interior, é.

SK - Isso atraiu muitos médicos que estavam lá...

ES - Atraiu.

SK - ...nas suas cidadezinhas do interior ou área rural? Eles vieram para cá? Ou vinha muita gente da cidade mesmo para cá?

ES - Da cidade vinha mais que a gente selecionava, né? Mas veio. Tem o Dr. [Oyama], que é lá, do Maranhão, lá de uma cidadezinha...

SK - Doutor...?...

ES - Dr. Oyama; ele é do interior e tal; ele veio para cá.

SK - Quer dizer, eles vinham atraídos pra...

ES - Eles vinham atraídos. Era um médico modesto e tal. Mas então, nós fizemos esses médicos todos, e inauguramos o hospital. Mas houve um fato, antes disso, que quando nós chamamos o técnico do Ministério da Saúde para organizar o hospital, onde é que tem sala disso, isso e aquilo, um técnico de organização hospitalar, ele fez a planta e tal, e demos a planta para fazer o Niemeyer, e o Niemeyer fez a planta. Depois então, nós tínhamos que dar a uma firma para construir; escolhemos uma firma muito boa, que era o Pederneiras, que o Dr. Israel queria dar um trabalho para ele, para fazer o Hospital de Base. O plano de Hospital de Base foi aceito pelo Conselho Deliberativo da Novacap, que eram seis membros, presididos pelo Israel. E mandou fazer; fez a ordem mesmo e mandou fazer. O Ministério da Saúde bancou tudo, deu dinheiro, deu tudo para fazer. Começado o hospital, todas as obras aqui eram mais... na Praça Três Poderes, ministérios, acabar com isso, e tal, Congresso e Palácio da Alvorada, do Planalto e tal. E as pessoas que iam para lá... nós já tínhamos escritório aqui, na W3, no 59, fim de 59, todas as obras eram praticamente lá, iam pela avenida das Nações, iam para lá; e como um hospital distrital estava sendo feito ali na W3, aquilo ali. Ia lá o chefe da... o diretor de obras, que era um engenheiro e acompanhava. Um dia, o Israel andando por lá, viu uma obra assim, e disse ao Peri, que era diretor de obra: “O que é aquilo ali?” Ele disse: “É o hospital”. Aí, ele foi, “Quero ver”; foi lá, e já estava toda a parte de terra, que era um campo de futebol, 100 por 90, tudo pronto, e estava subindo no quarto andar – ele viu porque estava subindo. Foi lá, subiu. Quando chegou no gabinete, me chamou: “Seu Ernesto, você está maluco?” Eu: “Por quê?”, “Fazer um hospital de 12 andares, um hospital daquele porte, em Brasília? Você está maluco!” Eu digo: “Não, senhor. Aqui tem que ter tudo moderno. O senhor vê, o plano de Lucio Costa é uma coisa avançada, e tudo isso e tal”. Ih! Ele ficou danado da vida. “Em Belo Horizonte não tem um hospital desses”, “Mas eu não tenho nada com Belo Horizonte”. Então, está aqui, no meu livro. “Eu não tenho nada com Belo Horizonte”. E foi surgindo. E ele ficou com uma birra com...

SK - Ficou e implicou com a coisa.

ES - Quando faltavam 15 dias para inaugurar Brasília, ele tirou 150 homens do hospital para acabar o Cine Brasília.

SK - Tirou?

ES - Eu estou dizendo isso porque é fato.

SK - E o senhor fez o quê? Ficou danado, né?

ES - É lógico que eu fiquei danado.

SK - E aí fez o quê? Conseguiu pegar de volta os homens lá?

ES - Não. Então, nós inauguramos um ambulatório todo embaixo, para coisa, e um andarzinho – que começou assim. Então, em setembro, inaugurou todo o hospital, com material e tudo.

SK - Ah! Mas ele fez aquilo ali de birra, né?

ES - É. Então...

GH - Dr. Ernesto, o senhor começou a falar sobre a sua decisão de ficar em Brasília.

ES - [?]

GH - É. Então, quer dizer, o senhor praticamente então ficou direto, quer dizer, a cidade começa a funcionar, o senhor fica em Brasília. Chegou a voltar pro Rio de Janeiro, para buscar a família e trazer todo mundo? Foi fácil isso?

ES - Bom, o problema foi o seguinte. Eu estava na Novacap, saiu o Juscelino, em janeiro de 60; e eu fui ficando na Novacap... não, 61.

SK - Sessenta e um. Isso. Sessenta e um.

ES - Foi inaugurada Brasília, eu continuei na Novacap. O Israel Pinheiro foi ser prefeito, e veio um outro diretor, escolhido pelo Juscelino. Então, era a mesma coisa: as mesmas pessoas, etc. e tal, chegou um material importado e tal, e eu fiquei assim. Depois veio a eleição; o Jânio tomou posse em janeiro de 61. Então, em janeiro de 61, começou a coisa a mudar, eu sabia que ia sair, né? Em março, eu saí para abrigar, outro governo e tal, e ele não deixar eu aqui. E eu fui pro Exército; porque eu estava à disposição do Exército aqui. Eu fui pro Exército me apresentar; já tinha tempo para me aposentar, mas eu tinha que ficar seis meses lá, para depois me aposentar. Fiquei seis meses, e, em outubro, me aposentei, e voltei para cá e tomei posse no... eu era já médico do Hospital de Base porque nós tínhamos uma relação, e todos os médicos que estavam aqui tinham que ser do Hospital de Base.

SK - Então, aí o senhor foi trabalhar no Hospital de Base.

ES - Fui trabalhar no Hospital de Base. Fui ser... fui para a pediatria de lá, trabalhei mais em berçário, e para mim...

SK - Então, o senhor foi clinicar.

ES - Fui clinicar.

SK - Durante esse período que o senhor esteve na Novacap, o senhor não fez atendimento clínico?

ES - Não, não, não. E no dia do meu primeiro plantão no pronto-socorro, eu me saí muito bem; eu me saí muito bem; até o pessoal lá: “Puxa! Você parece que está a par de tudo e tal”; saí muito bem. E foi aí... foi daí é que eu fiz a minha... o meu sonho de fazer Medicina; fui a todos os congressos internacionais, convidado, com passagem paga; e todos os congressos brasileiros; fui presidente da Sociedade de Pediatria; fui vice-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria; fui membro da... como é que chama?... da Academia Mundial de Pediatria. E tem uma porção de coisas. Você vai ver... você vai ler.

SK - Mas o senhor não ficou com saudade daquela coisa, da gestão? Porque o senhor tinha...

ES - Não, porque eu ia continuava [bravo]. (*risos*)

SK - Porque, veja bem, olha, o senhor falou o sonho de ser médico. Mas o senhor tinha um sonho também, que foi o que o senhor fez aqui, que foi de gerir, de administrar essa coisa incrível.

ES - Sim, pois é, pois é.

SK - Então, não dava saudade, não, daquele momento?

ES - Não. Primeiramente, não me deu trabalho, porque eu acompanhava tudo e via que as coisas estavam correndo normal. Nós entregamos Brasília direitinho, como Lúcio Costa queria. E eu sempre fiquei observando as mudanças. Mas os governadores eram muito bons; nomeados. Nós tivemos depois do Israel Pinheiro, veio o Jânio, botou um tal de Paulo de Tarso, que mudou muita coisa, mas foram seis meses. Depois veio o embaixador Sette Câmara, um embaixador. Depois veio o Plínio Catanhede, que fez a parte de administração, formidável; ele...

GH - E tinha organizado o IAPI, na década de 40.

ES - Ele tinha organizado o IAPI, né, e o Plínio Catanhede... Depois veio o Elmo Serejo... não; depois veio o Wadjô Gomide, que era daqui – Gomide era de Goiás, era daqui, era pioneiro –, e continuou fazendo as coisas direitinho, fez a ponte ali do Gilberto Salomão; não alterou nada. E depois veio o Elmo Serejo, que foi um grande... um grande prefeito; ele fez aquele parque ali. Você já imaginou se não houvesse aquele parque? Aí, ia se chamar Selva de Pedra.

SK - Qual parque? Esse a gente não conhece.

ES - O Parque da Cidade.

SK - Eu não conheço.

ES - Não? Entra por lá, para cá. Agora, o meu motorista vem aqui; se vocês quiserem passar a tarde comigo, nós vamos ver as coisas.

SK - A gente pode combinar depois. Que a gente tem um compromisso rápido, mas a gente pode depois combinar, com certeza.

ES - A que horas é?

GH - Eu tenho. Você pode...

SK - É, ele tem uma conversa com um professor, na Universidade, às duas horas, mas eu posso... se o senhor não tiver nenhum compromisso.

ES - Tá. Então, a gente vai; eu tenho motorista, que vai chegar aqui às duas horas... já chegou.

SK - Mas depois a gente vê isso. Me diga uma coisa, Dr. Ernesto, o senhor falou que acompanhava tudo.

ES - Mais ou menos assim, eu acompanhava.

SK - O senhor não ficava... o senhor ficava querendo saber tudo que estavam fazendo?

ES - Não, não ficava, não; só assuntando.

SK - Assuntando. (*risos*)

GH - Para ver se iam mexer, iam mudar algumas coisas.

ES - E o tempo passando, passando. Em 1887, já 20 anos já de coisa...

SK - Novecentos e...

ES - ...eu estava a mesma coisa, no Hospital de Base. Então, veio o José Aparecido para cá, e cismou de pedir o tombamento da cidade. Foi para lá, foi para cá, foi... – aqui, eu falo da preservação também –, e conseguiu que fosse uma cidade única no mundo, foi tombada, o único bem moderno que foi tombado e tem a regra de tombamento. Aí, eu comecei a entrar em comissões de defesa de Brasília. Aí, comecei a brigar, derrotas, derrotas, derrotas, derrotas. Então assim, eu continuo brigando.

SK - Para preservar...

ES - Sem conseguir nada. Consegui essa coisa do Núcleo Bandeirante, pessoalmente, porque não havia grupo. O primeiro grupo que eu estive era um grupo só de pessoas que fazem conferências. O segundo grupo era um grupo muito bem de oito pessoas, e que tinha só pessoas técnicas. Bom, não conseguimos nada, nada, nada, nada; tudo que a gente deliberava, a gente não era deliberativo, a gente era consultivo. A gente dava a indicação, a gente dava a proposição... Por exemplo, aqui, queriam que aumentasse; nós dissemos: “Pode aumentar todo mundo lá, na base da marquise mais três metros”, mas não pegou; o governo Roriz... Esse Roriz foi uma verdadeira desgraça para preservação de Brasília, para saúde, porque acabou com a fundação; a fundação era um órgão ágil, que comprava as coisas, que tinha verba, nós tínhamos doente particular no último andar, os médicos podiam... Outra coisa que eu falei com você aqui. Duas coisas no meu plano de saúde: primeiro, eu dava o direito de qualquer cidadão escolher o médico de sua preferência, podia ser o mais pobrezinho: “Eu quero consultar com o Guilherme”; então, eu ia a você; aí vinha assim: “Ah, o Guilherme já tem 12”, “Não, não tem, não. Pode entregar 14, 15”. E instituímos um tipo de pró-labore; o médico tinha um ordenado fixo e um por procedimento; então, quem operasse muito, operava sábado, domingo, ganhava muito. Os médicos do hospital podiam ter consultório depois de seis horas da tarde, e dava uma porcentagem ao hospital. Os clientes daqui faziam exame no hospital e pagavam, compreendeu? No hospital, raio-x, laboratório e tudo; e tudo isso era verba para [FHDF]. Então, acabou. E agora, se você tem que comprar um tubo de vaselina, tem que pedir licença à Secretaria de Administração, para ver se tem verba, não, para ver se pode; depois, tem que ver se o financeiro tem verba. Então, não adianta.

SK - Pois é, porque o senhor falou... Uma das coisas importantes da administração do JK foi essa liberdade de poder fazer, tomar decisões, e não passar por essa coisa da burocracia e tudo.

ES - Pois é.

SK - Como é que foi quando o Jânio chegou? Mudou tudo isso?

ES - Não. As contas da Novacap, depois que veio a prefeitura para analisar as contas, eles levaram muito tempo para aprovar, porque não entendiam, não entendiam que era preciso fazer assim, e que não havia corrupção, não havia nada.

SK - O Jânio chateou muito vocês?

ES - Ele perseguiu muito a gente.

SK - Pois é, ele foi...

ES - Ele perseguiu muito, arrastou tudo. Se você tivesse uma porção de engenheiros aqui, por que tirar de uma chefia, de outra, se já eram... para botar um indivíduo inútil lá, compreendeu, inocente, que não conhecesse nada? Então, houve um tumulto muito grande naqueles oito meses. Depois veio o Goulart, o João Goulart também deu muito trabalho aqui. O último trabalho foi ele incitar os sargentos a tomar conta dos oficiais [?]. Não é possível. Então, muita gente fala ditadura, ditadura, ditadura, mas há certas horas... Por exemplo, houve a ditadura do Getúlio, civil, né? Há certas horas que você tem que ter um governo forte, senão tomam conta do país. O Arruda, agora aqui, está sendo muito



duro, está derrubando coisas que precisavam ser derrubadas. A pessoa faz uma obra num terreno público, não pode fazer; aí outro sujeito vem: “Não, vamos dar um jeitinho, coitado”. Não tem nada disso, tem que ser duro. É como São Mateus dizia: “Dizer sim, quando precisar dizer sim, e dizer não, quando precisar dizer não”.

SK - É.

ES - Não é isso? Então, você tem que ver isso aqui.

SK - E o senhor continuou clinicando até quando, Dr. Ernesto?

ES - O quê?

SK - O senhor continuou clinicando, como pediatra...

ES - Clinicando até 87. Aí, saí por quê? Porque a secretaria ia trabalhar com lei trabalhista; depois ficou autonomia, virou a do estatutário, e aí eu não tinha mais idade para ficar lá, tinha mais de 65 anos, não sei o quê; senão, estava trabalhando até hoje. Mas eu fui diretor de saúde da comunidade, fiz educação para saúde, que foi uma coisa fantástica.

SK - É, esse é um outro aspecto interessante.

ES - E cada centro de saúde, eu pedia ao administrador da cidade, que ele... que em cada centro de saúde houvesse comunidade, com cinco ou seis pessoas com uma comissão, de união entre o centro de saúde e a comunidade, para ajudar o centro de saúde. Eu fiz muita coisa, muita coisa. Ah! Botei, botei num centro de saúde daqui dois telefones, SOS Aleitamento Materno; quem quisesse ter dúvida, a mulher e tal, sobre aleitamento materno, não tem leite, não sei o quê, telefonava.

SK - Que ótimo.

ES - De graça. Então, agora, eu queria ver se... Vocês amanhã vão embora ou não?

SK - A gente vai no domingo, de manhã.

ES - Então, amanhã, você não quer vir fazer uma [?] comigo, a gente ia ao Parque da Cidade, as escolas-parques tem que ser hoje.

SK - É, a gente pode combinar pra de tarde.

ES - Se você tiver um tempinho, que eu não vou ter nada para fazer de tarde, a gente vai à escola-parque, e depois amanhã faz outro serviço.

GH - E amanhã, a gente no outro... de qualquer jeito, amanhã a gente vai no...

SK - Amanhã, a gente vai ao Catetinho, quero levar ele lá de manhã para conhecer.

ES - Eu vou com vocês lá.

SK - É.

ES - Vocês têm carro?

SK - Não, a gente está tudo de táxi aqui.

GH - Aqui, a gente está de táxi.

ES - Mas amanhã eu não tenho chofer; amanhã é sábado.

SK - Amanhã é sábado.

GH - A gente vai de qualquer jeito. Vir a Brasília não ir ao Catetinho...

SK - É, tem que conhecer, tem que conhecer.

ES - Conhecer. Mas então, se você tiver tempo, vale a pena.

SK - Bom, a gente combina. Vamos... Eu não sei se você... quer fazer mais alguma pergunta?

ES - Esse livro, vocês não têm esse livro?

GH - Não.

SK - Não, esse não.

SK - Antes do senhor autografar, deixar eu encerrar então um pouco a nossa conversa assim. O senhor quer contar mais alguma coisa, quer dizer mais alguma coisa, Dr. Ernesto? A gente pode já encerrando, e aí a gente conversa um pouquinho mais com o gravador desligado?

ES - Bom, o problema é que... O problema meu foi que, quando eu vim para cá, a minha mulher não quis vir; ela era professora, e aí pediu divórcio. E aí casei de novo, só isso.

SK - Isso na época, já desde o início, ela já não quis?

ES - Depois da mudança da capital.

SK - Depois da mudança. Aí, o senhor se divorciou, e casou novamente.

ES - É, casei novamente.

SK - O senhor tem quantos filhos?

ES - Só tenho um do primeiro casamento.

GH - E vieram os dois para trabalhar aqui?

SK - Veio para cá? Não, ficou com a mãe.

ES - Não, não. Ele vinha para cá, que ele era mocinho, aluno da Escola Militar das Agulhas Negras lá; foi oficial do Exército, depois saiu, porque ele fez uma vida tão brilhante, muitos cursos, e a Embratel pegou ele, e ele saiu do Exército. Ele vem aqui, namorar as meninas. (*risos*)

SK - É, aproveitar. Eu queria terminar, fazendo uma pergunta ao senhor. O senhor, como o senhor falou para gente, é um defensor do patrimônio histórico de Brasília; o senhor luta por isso.

ES - É, com muita honra.

SK - Como é que é viver, em Brasília, 50 anos, quase, após a inauguração? A cidade mudou muito? O que é que o senhor sente vivendo nessa cidade? Na verdade, é até pouco tempo, mas...

ES - Eu me sinto muito feliz, porque eu realizei aqui todo o meu sonho da Medicina. Fui a todos os congressos internacionais, todos congressos brasileiros, a maioria dos quais convidado pelos presidentes dos congressos, para apresentar trabalhos, como você vê aqui. E da outra parte também, porque é uma cidade agradável, compreende? Agradável porque eu estou aqui, quando sento aqui, eu estou vivendo na minha casa, no meu quintal, a minha varanda; eu sento ali, sento ali, se quiser, leio um livro.

SK - O senhor sempre morou nesse apartamento?

ES - Não, eu morei aqui... Logo que eu vim para cá, eu morei nesse, fiquei um ano aqui. Depois, eu tinha uma casa no Lago, porque nós tínhamos 15 casas no Lago para os chefes de departamentos, que nós construímos em [primeiro lugar], em 1957; morávamos lá. Na mudança da capital, que a gente ia perder... assim, ia perder a responsabilidade pelas coisas, porque tinha que entregar à prefeitura, havia três casas vazias, então, nós compramos as casas pela Caixa Econômica, em 15 anos; eu comprei uma, o Israel comprou outra, e o outro diretor comprou outra, as que estavam vazias. Então, fui para lá, em 71, fiquei até 88; em 88 eu vim para cá.

SK - Voltou para cá.

ES - Passei para cá. E gosto. E lá eu gostava também, mas aqui também é uma beleza; você está aqui, você está ouvindo passarinho cantar, tem as árvores aqui, né?

SK - Quer dizer, apesar das mudanças, o eixo principal da cidade, quer dizer, o espírito principal da cidade foi mantido, né, Dr. Ernesto?

ES - Foi mantido, foi mantido.

SK - Essa coisa das quadras...

ES - A quadra...

## Fita 5 – Lado A

ES - ... dia 7.

SK - Sobre a questão do patrimônio, da preservação, é isso?

ES - É. Porque outro dia eu fui lá, no dia 21 de abril, fizeram uma sessão solene, e me convidaram, e convidaram outros, e nós ficamos na mesa, quem ficou na mesa falou. Eu comecei falando o seguinte: “A Câmara devia ter juízo, para não fazer aquelas leis ilegais, inconstitucionais”. Mas eu quero dizer a vocês: aqui, o edifício não pode ser cercado.

GH - Ah, tá.

ES - Aí, diz uma coisa: o chão é livre; o morador pertence à quadra, mas a quadra não lhe pertence; ele não pode mudar, não pode botar um prédio... Outro dia, eu fui fazer uma... outro dia não, tem 10 anos, uma moça me perguntou: “Não se botar uma boate [?]?”

SK - Uma boate?

ES - Eu digo: “Não, não pode”, “Por que é que não pode?”, “Porque não pode”. (*risos*) Bom, aqui vocês vão levar...

SK - Deixa eu só encerrar com uma pergunta aqui, que eu esqueci de fazer ao senhor. O senhor falou da Revista Médica de Brasília, da Associação Médica de Brasília. O senhor participou diretamente dessa criação da Associação Médica de Brasília?

ES - Há duas. Há duas revistas; uma da Secretaria de Saúde, que eu inaugurei, sou patrono dela, e outra, que eu concorro todo mês com um artigo da Associação Médica.

SK - Essa associação médica foi criada quando? O senhor lembra?

ES - Em meados de 59.

SK - O senhor participou disso?

ES - Fui presidente dela.

SK - Foi presidente, claro.

ES - Em 59. Nós botamos Associação Médica de Brasília... a Associação Médica de Goiânia queria que a gente fosse uma sucursal, mas em 59, quando Brasília ainda não era Brasília, e a gente acreditava em Brasília, criou a Associação Médica de Brasília.

SK - Mas tinha...aí não; aí foi independente da de Goiânia.

ES - Aí ficou independente. Eu fui o primeiro, e o Isaac Barreto foi o segundo.

SK - Ah, sei, interessante.

ES - Depois vieram outros. Tenho uma participação muito grande aqui.

SK - Claro. O senhor fundou muita coisa aqui, né, Dr. Ernesto?

ES - Eu gosto de trabalhar, gosto de inventar coisa, gosto de simplificar. Eu sou do tipo do Beltrão, né?

SK - Simplificar a vida, né?

ES - É. Um dia, o Beltrão estava numa reunião, e eu estava com ele... Beltrão foi meu colega de turma do Pedro II.

SK - Hummm!

ES - Ele tocava violão na rádio...

SK - Ah, é?

GH - Eu o entrevistei há anos atrás.

ES - Ele tocava violão com o Lírio Barbosa, que era um outro, e o [Bob Laser]. Encontrou o Bob Laser?

SK - Bob Leiz?

ES - Bob Laser; ele cantava.

SK - Laser.

ES - Era do Trio Pedro II, tocava no rádio. Bom, e o Beltrão... eu estou numa reunião assim, três, quatro pessoas, numa reunião social. Então, veio um senhor lá, veio aquilo: “Ah, boa noite”, “Boa noite”, “Boa noite”. Aí vira-se para o Beltrão e disse assim: “Ô, Ministro, eu tenho uma coisa pra falar, eu queria que o senhor marcasse uma audiência comigo”, “Por que é que você não fala agora?” Pronto, acabou.

SK - Resolve logo, né?

ES - É. “Por que é que não fala agora?” Então, é assim, eu não atino com o negócio “é pra amanhã”, “é pra hoje”, não sei o quê. Você viu o Arruda agora? Aquela ferroviária... lá, na rodoviária, está um ano; ele disse: “Vou dar quatro meses. Tem que acabar”.

SK - Botou um prazo, né?

ES - E outra coisa que houve aqui, em Brasília, é que nós inauguramos todas essas praças e não tem um nome nosso: “Inaugurado pelo Dr. Ernesto Silva...”

SK - Não tem.

ES - Não tem nada. Só tem dentro do Palácio Alvorada, que foi a primeira; então, tem lá uma placazinha [?] lá dentro e tal. Fora, não tem. Agora, a escola-parque foi inaugurada por [?] e tal; então, uma vez houve uma reforma da cozinha, botaram lá: “Reformou a cozinha, sendo o presidente e tal”. No auditório também: “... presidente não sei o quê”. Não tinha placa de inauguração.

SK - Ah, meu Deus!

ES - Não tinha. Aí, eu comprei uma placa, botei os dados, uma frase do Anísio Teixeira, botei lá... Isso agora, há dois anos. (risos)

SK - Agora? (risos)

ES - Agora.

SK - Está certo. Olha, eu queria agradecer muitíssimo a sua entrevista. Foi um prazer conhecer o senhor e conversar aqui com o senhor.

ES - Eu também. Vocês são muito amáveis, muito, vamos dizer assim, muito patriotas; pesquisador é muito patriota.

SK - É verdade. A gente tem orgulho da história também, né, de poder conhecer.

ES - Então, vamos combinar. Se vocês tiverem um tempinho...

SK - Tá. Eu vou encerrar aqui, tá? Muito obrigada, tá, Dr. Ernesto.